



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

TAÍSA BARBOSA ROBUSTE

**CONSTRUÇÕES [VI+VER] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
SOB PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL**

São José do Rio Preto

2018

TAÍSA BARBOSA ROBUSTE

**CONSTRUÇÕES [VI+VER] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
SOB PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves.

São José do Rio Preto

2018

Robuste, Taisa Barbosa.

Construções [V1+VER] no português brasileiro contemporâneo sob perspectiva construcional / Taisa Barbosa Robuste. – São José do Rio Preto, 2018

149 f. : il.

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Análise linguística. 2. Funcionalismo (Linguística) 3. Língua portuguesa - Verbo. 4. Mudança construcional. I. Título.

CDU – 41

TAÍSA BARBOSA ROBUSTE

**CONSTRUÇÕES [VI+VER] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
SOB PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira
(UFMS – Câmpus de Três Lagoas)

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
(UFMS – Câmpus de Três Lagoas)

São José do Rio Preto

31 de agosto de 2018

*A meus pais,
com amor*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela amizade, pela orientação segura sem perder a leveza e por ser luz sempre que minhas ideias se mostravam confusas. Nossos anos de convivência confirmaram minha admiração pelo pesquisador e também me fizeram admirar o professor e a pessoa que ele é;

Ao meu orientador no exterior, Prof. Dr. Daniel García Velasco, por me receber tão bem na Universidade de Oviedo, Espanha, pela constante disponibilidade em sanar minhas dúvidas, discutir meus dados, e pelas valiosas orientações que certamente ajudaram no desenvolvimento desta pesquisa;

À Prof^a. Dr^a. Taisa Peres de Oliveira, pelos questionamentos e sugestões feitas durante o debate do SELin, pelas inúmeras consultorias via *internet*; pelos intrigantes questionamentos feitos durante o Exame de Defesa, e pela amizade;

À Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner, por ser presença constante na minha vida acadêmica, pelas valiosas contribuições durante o Exame de Qualificação e durante o Exame de Defesa;

Prof. Dr. Edson Roza Francisco de Sousa, pelas importantes contribuições durante o Exame de Qualificação e durante o Exame de Defesa; e ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes pelas significativas contribuições durante o Exame de Defesa;

Aos meus pais, Maria Aparecida e Aparecido Luiz, pelo mais puro amor, por serem meu esteio, meu alento quando me faltava ânimo, e minha inspiração para seguir confiante nessa caminhada;

À minha irmã Alessandra e ao meu cunhado Marcos, pelo incentivo constante, por serem alegria e presença, mesmo nos momentos em que precisei ficar ausente;

Ao Emmanuel, meu amor, que esteve ao meu lado desde o início dessa jornada, me incentivando, apoiando minhas decisões, e sendo minha fonte de equilíbrio e de paz nos momentos de angústia e incerteza;

Aos amigos que fiz no Ibilce, Bianca, Mirelle, Aline, Emílio, Luiz Gustavo, Edmar, Diego, Ludmila, Ana Paula e Ana Caroline, pelos bons momentos que compartilhamos e por toda ajuda recebida de alguma forma;

Às novas amizades feitas em terras espanholas, Noemí, Bárbara e Danytiele, pelas inesquecíveis experiências; e aos amigos do Grupo de Montanha da Universidade de Oviedo, por me ajudarem a superar meus limites e por me acolherem com tanto carinho;

Aos meus amigos que compreenderam meus momentos de ausência; e às minhas amigas Cibele e Carolina Spósito, especialmente presentes desde o início;

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e às bibliotecárias, pela prontidão e precisão no esclarecimento de dúvidas.

À Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, pela concessão do meu afastamento para estudo; e ao Colégio Objetivo NHN, pela concessão do meu afastamento para a realização do meu estágio de doutorado sanduíche;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta tese é amparada por pressupostos gerais de teorias identificadas com correntes funcionalistas da linguagem (DIK, 1989, 1997; NUYTS, 2007; dentre outros), sobretudo o Funcionalismo da Costa Oeste Americana (TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; GIVÓN, 1984, 1995; BYBEE, 2016; dentre outros), e conceitos específicos relacionados a teorias cognitivistas, especialmente a identificada com a *Gramática de Construções* (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, 2007; LAKOFF, 1987), numa vertente que vem sendo denominada *Modelos Baseados no Uso* (BERLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016) ou *Linguística Cognitivo-funcional* (NUYTS, 2007). Mais diretamente, nos valem de premissas da *Gramática de Construções* – que defende como princípio fundamental que a forma básica de uma estrutura sintática é a *construção*, considerada um pareamento simbólico de uma estrutura gramatical complexa com seu significado (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007) – para analisar, sob uma perspectiva sincrônica e com base em dados de língua escrita e falada do português brasileiro contemporâneo, as construções *[vi+ver]*, sendo *vi* substituível pelos verbos *ir*, *querer* e *deixar*. Partimos da hipótese de que essas construções resultam de um processo de construcionalização instanciado por uma série de micropassos de mudanças. A busca pela comprovação dessa hipótese perpassa o mapeamento das propriedades de *composicionalidade*, *esquematicidade* e *produtividade* das construções e permite cumprir o objetivo central da tese, que é o de explorar a relação entre *mudança construcional*, *construcionalização* e *(inter)subjetivização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010). Identificamos e analisamos quatro usos das construções *[vi+ver]*, quais sejam: i) Construções de movimento com propósito; ii) Construções perifrásticas de Tempo e Modalidade; iii) Construções modais epistêmicas; e, iv) Construções atuantes como Marcador Discursivo. Assumimos que diferenças no pareamento de forma e função entre essas construções são fortes evidências para atestar um possível processo diacrônico de construcionalização de *[vi+ver]* com valor (inter)subjetivo especializado na função de marcador discursivo atuante no fechamento de tópico ou de turno conversacional, no preenchimento de pausa e no engajamento do interlocutor.

Palavras-chave: construcionalização; mudança construcional; verbo *ver*

ABSTRACT

This thesis is supported by general assumptions of functionalist-related theories of language (DIK, 1989, 1997, NUYTS, 2007, among others), especially the Functionalism of the American West Coast (TRAUGOTT, 2010, TRAUGOTT; DASHER, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; GIVÓN, 1984, 1995; BYBEE, 2016; among others), and specific concepts related to cognitive theories, especially the one identified with the *Construction Grammar* (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, 2007; LAKOFF, 1987), in a field that has been called *Usage-Based Models of Language* (BERLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016) or *Cognitive-Functional Linguistics* (NUYTS, 2007). More specifically, we rely on premises of the Construction Grammar, which holds as a fundamental principle that the basic form of a syntactic structure is the *construction*, conceived as a symbolic pairing of a complex grammatical structure and meaning (GOLDBERG, 1995, 2006, CROFT, 2007); we do so in order to analyze, from a synchronic approach, based on written and spoken language data from the contemporary Brazilian Portuguese, the constructions [*v1+ver*], being *v1* replaceable by the verbs *ir*, *querer*, and, *deixar*. Our point of departures is the hypothesis that these constructions are the result of a constructionalization process that occurs through a series of micro-step changes. In order to prove this hypothesis, we map the *compositionality*, *schematicity*, and *productivity* properties of these constructions. This allows the accomplishment of the thesis' central objective: to explore the relation between *constructional change*, *constructionalization*, and *(inter)subjectivization* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, TRAUGOTT, DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010). We identify and analyze four uses of constructs [*v1+ver*], which are: i) Constructions of purposeful movement; ii) Tense and Aspect periphrastic constructions; iii) Modal epistemic constructions, and; iv) Discourse Marker Constructions. We assume that differences in form and function pairing between these constructs are strong evidence for attesting a possible diachronic constructionalization process of [*v1+ver*], with (inter)subjective value specialized in the discourse marker function, acting on topic closure or conversational shift in pause completion and speaker engagement.

Keywords: constructionalization; constructional change; verb *ver*

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

QUADROS

	Página
Quadro 1: Variáveis definidoras dos Marcadores Discursivos	20
Quadro 2: Efeitos da mudança construcional de <i>will</i>	40
Quadro 3: Conceitos de (inter)subjetividade e (inter)subjetivização	45
Quadro 4: Paradigma básico dos verbos de percepção ativa e passiva em português	51
Quadro 5: Níveis hierárquicos das construções de movimento com propósito e a instanciação de <i>[vi+ver]</i>	94
Quadro 6: Resumo das propriedades de forma e de significado das construções de movimento com propósito <i>[vi+ver]</i>	95
Quadro 7: Níveis hierárquicos das construções perifrásticas e a instanciação de <i>[vi+ver]</i>	104
Quadro 8: Resumo das propriedades de forma e de significado das construções perifrásticas <i>[vi+ver]</i>	105
Quadro 9: Níveis hierárquicos das construções <i>[vi+ver(+COMP)]</i> com valor modal epistêmico	112
Quadro 10: Resumo das propriedades de forma e de significado das construções <i>[vi+ver(+COMP)]</i> modais epistêmicas	114
Quadro 11: Organização dos usos de <i>[vi+ver]</i> com valor discursivo	130
Quadro 12: Níveis hierárquicos das construções <i>[vi+ver]</i> com valor discursivo	131
Quadro 13: Resumo das propriedades de forma e de significado de <i>[vi+ver]</i> como MD	135
Quadro 14: Comparação entre o usos de <i>[vi+ver]</i>	137

FIGURAS

Figura 1: A estrutura simbólica da construção	27
Figura 2: Construções bitransitivas	29
Figura 3: Uma pequena rede conceitual.	30
Figura 4: Taxonomias e Herança	32
Figura 5: Esquematicidade: níveis de generalização e especificação	34
Figura 6: Taxonomia das construções	35
Figura 7: Gradiência das relações hierárquicas entre construções	35
Figura 8: Neoanálise de <i>a lot of</i>	42
Figura 9: Neoanálise de <i>a lot of</i>	42

Figura 10:	Construções com verbo de percepção sensorial passiva	87
Figura 11:	Construções com verbos de percepção sensorial ativa	88
Figura 12:	Construção com o verbo <i>ver</i> indicando percepção mental ativa	89
Figura 13:	Construção com verbos de deslocamento espacial	92
Figura 14:	Construções [<i>ir+ver</i>] de movimento com propósito	93
Figura 15:	Relações de herança das construções [<i>v1+ver</i>] de movimento com propósito	94
Figura 16:	Construção [<i>v1+ver</i>] com valor perifrástico temporal	101
Figura 17:	Construção [<i>querer+ver</i>] com valor perifrástico modal de volição	101
Figura 18:	Construção [<i>deixar+ver</i>] com valor perifrástico modal de permissão	102
Figura 19:	Construções [<i>v1+ver</i>] com valor perifrástico	103
Figura 20:	Esquematização das construções [<i>v1+ver</i>] perifrásticas	103
Figura 21:	Construções [<i>v1+ver(+COMP)</i>] modais epistêmicas	111
Figura 22:	Esquematização das construções [<i>v1+ver(+COMP)</i>] com valor modal epistêmico	112
Figura 23:	Construção [<i>v1+ver</i>] atuante na organização tópica do discurso	122
Figura 24:	Construção [<i>v1+ver</i>] atuante na organização tópica do discurso	123
Figura 25:	Construção [<i>v1+ver</i>] como MD basicamente sequenciador tópico e secundariamente orientador da interação	124
Figura 26:	Construção [<i>v1+ver</i>] atuante na orientação da interação	126
Figura 27:	Construção [<i>deixar+ver</i>] atuante na orientação da interação	126
Figura 28:	Construção [<i>v1+ver</i>] como MD basicamente orientador da interação e secundariamente sequenciador tópico	127
Figura 29:	Construção [<i>ir+ver</i>] atuante na orientação da interação	128
Figura 30:	Construção [<i>querer+ver</i>] atuante na orientação da interação	129
Figura 31:	Construção [<i>v1+ver</i>] como MD basicamente orientador da interação	130
Figura 32:	Esquematização das construções [<i>v1+ver</i>] com valor discursivo	131

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1. A Gramática Textual-interativa e o conceito de <i>Marcador Discursivo</i>	16
1.2. A Linguística Cognitivo-funcional ou Linguística Centrada no Uso	21
1.2.1. Gramática de Construções	26
1.2.2. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade	33
1.3. Mudança linguística sob a perspectiva construcional	39
1.3.1. Mudança construcional e construcionalização	40
1.3.2. (Inter)subjativização	44
2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DAS CONSTRUÇÕES [VI+VER]	48
2.1 Os significados do verbo <i>ver</i>	48
2.1.1 Tipos de complemento dos verbos de percepção	55
2.1.2. A relação entre o tipo de percepção e o tipo de complemento do verbo	59
2.2. Significados dos verbos representados em <i>vi</i> na construção [<i>vi+ver</i>]	67
2.2.1. Significados do verbo <i>ir</i>	68
2.2.2. Significados do verbo <i>querer</i>	70
2.2.3 Significados do verbo <i>deixar</i>	73
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	76
3.1. <i>Corpora</i> de análise	76
3.2. Parâmetros de análise	82
4 CONSTRUÇÕES [VI+VER] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	86
4.1. Construções lexicais de movimento com propósito	90
4.2. Construções perifrásticas	95
4.3. Construções modais	105
4.4. Marcador Discursivo	114
4.5. Graus de (inter)subjatividade de [<i>vi+ver</i>] marcador discursivo	132
4.6. Mudança Construcional, Construcionalização e (Inter)subjativização	136
CONCLUSÕES	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

INTRODUÇÃO

Esta tese sustenta-se em dois tipos de abordagens teóricas que podem ser combinados para a análise interpretativa das construções [*vI+ver*] do português brasileiro, sob perspectiva construcional; alia pressupostos mais gerais de teorias identificadas com correntes funcionalistas da linguagem (DIK, 1989, 1997; NUYTS, 2007; dentre outros), sobretudo o Funcionalismo da Costa Oeste Americana (TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; GIVÓN, 1984, 1995; BYBEE, 2016; dentre outros), e conceitos específicos relacionados a teorias cognitivistas¹, especialmente a identificada com a *Gramática de Construções* (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, 2007; LAKOFF, 1987), numa vertente que vem sendo denominada *Modelos Baseados no Uso* (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016) ou simplesmente *Linguística Cognitivo-funcional* (NUYTS, 2007).

Os pressupostos teóricos básicos que já se podem anunciar como de relevância nesta investigação da língua em uso resumem-se no aparato mais geral de sustentação de qualquer que seja a teoria funcionalista da linguagem; trata-se de uma teoria: a) dirigida para a questão da comunicação eficiente pragmaticamente orientada (GIVÓN, 1984, 1995); b) inserida em um modelo de interação verbal (DIK, 1997); c) caracterizada por uma integração dos componentes sintático, semântico e pragmático (GIVÓN, 1984, 1995; BEAUGRANDE, 1993; DIK, 1997); d) que assume como pressuposto que a linguagem é uma das capacidades cognitivas humanas que serve para organizar, processar e transmitir informações (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007).

Dessa interface teórica interessam-nos, mais de perto, os postulados da *Gramática de Construções*, que defende como princípio fundamental que a forma básica de uma estrutura

¹ Terminologicamente há uma distinção entre “linguística cognitiva” e “Linguística Cognitiva”. A primeira é usada para definir todas as abordagens em que a língua natural é estudada como um fenômeno mental, enquanto a segunda é usada para diferenciar uma forma de se fazer pesquisa de outras, como a Gramática Gerativa e aquelas que se dedicam ao campo do estudo de línguas artificiais (GEERAERTS, D.; CUYCKENS, 2007).

sintática é a *construção*, considerada um pareamento simbólico de uma estrutura gramatical complexa com seu significado (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007). De modo ainda mais específico, nos apropriaremos de conceitos de uma abordagem construcional de mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), para a qual mudanças – que são passíveis de ocorrer tanto no plano da forma, quanto no plano do significado – podem levar à construcionalização – que consiste na formação de um novo pareamento de forma e significado.

É exatamente dentro desse panorama que o presente trabalho se define, fixando como foco de pesquisa as construções *[vi+ver]*, sendo *vi* substituível pelos verbos *ir*, *querer* e *deixar*. Analisamos como *vi* compõe com *ver* construções, nas quais forma e significado são indissociáveis, conforme define Goldberg (1995, 2006). São de interesse, para o que se propõe estudar, especialmente construções como *vamos ver*, *vou ver*, *vai vendo*, *quero ver*, *quer ver* e *deixa (eu) ver*, desempenhando a função de marcador discursivo com valor (inter)subjetivo, a exemplo do funcionamento que aparece em destaque nas ocorrências de (1) a (5).

- (1) Doc.: e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) vê(r)**... algu::m prê::mio que cê ganhô::(u)?
 Inf.: tenho
 [AC-005-NE; L. 68]
- (2) Doc.: uma bri::ga assim
 Inf.: eu nunca me envolvi com briga... **vô(u) vê(r)**... ((risos))
 Doc.: ah num aconteceu na::da?... uma briga à toa assim pode sê(r)
 Inf.: briga à toa?... só se fô(r) sobre minha banda também porque... esses tempos aconteceu uma briga minha lá... meio assim sabe?
 [AC-035-NE; L. 82]
- (3) Inf.: esse negócio de perdê(r) a autonomia eu acho que vale a pena fazê(r) uma experiência... porque a Gaviões mesmo falava... que queria tirá(r) o::... presidente do Corinthians o Alberto Dualib... [Doc.: uhm] eu também queria que ele saísse ²[uma boa]
 Doc.: ²[toda] mas a) Gaviões é contra ele
 Inf.: não... não então... **vai ven(d)o**... eu... eu... penso isso daí né?...
 [AC-053-RO; L. 354]
- (4) eu tinha que:: pegá::(r) fazê(r) a:: inscrição... da UNESP que eu ia requerê(r) a vaga... que eu tinha ficado na lista de espera... então eu tive que vim antes... (até aqui) né?... aí:: nós pegamos aí::... acho que foi:: **qué(r) vê(r)?**... sexta-fe(i)ra assim... sexta-fe(i)ra nós foi/ voltamos/ subimos de no::vo:: deu quase o mesmo trajeto... chegamo(s) de Ubatuba... fomos até::... ah ônibus agora foi até São José dos Campos...

- [AC-087-NE; L.35]
- (5) Inf.: fazia::... **de(i)xa eu vê(r)**... uns quatros anos... [Doc: uhum ((concordando))] que eu era casada... aí:: no pré-natal... que e/ que eu fui... aí constatô(u) que eu tava com pré-eclampsia...
[AC-070-NE ; L.11]

A hipótese que motiva esta investigação é a de que as construções *[vI+ver]* estariam passando por um processo de construcionalização antecedido por uma série de micropassos de mudanças (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Ou seja, as construções *[vI+ver]* atuantes como marcadores discursivos com valor (inter)subjetivo – em que forma e significado são indissociáveis – seriam o resultado de uma série de mudanças que ocorreram tanto no plano da forma, quanto no plano do significado de outros usos de *[vI+ver]*. A busca pela comprovação de tal hipótese perpassa o mapeamento das propriedades definidoras das construções, tais como *composicionalidade*, *esquematicidade* e *produtividade* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016) e, de modo paralelo, motivada por princípios funcionalistas, também considera os contextos de uso e os sentidos expressos por construções em seus usos reais da língua.

Frente a esse mote e à necessidade de se operar com conceitos que se interligam na análise interpretativa de construções, esta tese tem como objetivo geral explorar a relação entre *mudança construcional*, *construcionalização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e *(inter)subjativização* (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010) envolvendo as construções *[vI+ver]*, e como objetivo específico mostrar como *composicionalidade*, *esquematicidade*, *produtividade*, *gramaticalidade* e *(inter)subjatividade* se relacionam na formação dos padrões mais esquemáticos dessas construções. Para alcançarmos esses propósitos, vamos, com base nos contextos de uso e critérios de análise:

- a) investigar os diferentes efeitos de sentido das construções *[vI+ver]*;
- b) verificar os graus de gramaticalidade e de composicionalidade das construções *[vI+ver]*;

- c) avaliar os graus de esquematicidade e produtividade das construções [*vI+ver*];
- d) verificar os graus de (inter)subjetividade das construções [*vI+ver*];

Por se tratar de uma investigação filiada a um modelo centrado no uso, são analisados dados retirados de *corpora* sincrônicos de língua falada e escrita do português brasileiro e dados retirados de *corpora* diacrônicos do português. Devido a questões metodológicas, que serão explicitadas no desenvolver da tese, será privilegiada a análise sincrônica dos dados e, somadas a ela, constarão apenas assunções diacrônicas, baseadas nas análises de dados que foram possíveis de ser levantados na busca diacrônica, cujo propósito era o de reunir evidências de mudança construcional para atestar a hipótese de construcionalização.

A tese está dividida em quatro capítulos. No capítulo 1 é apresentado o referencial teórico a partir do detalhamento da relação entre Funcionalismo e Linguística Cognitiva. Declaradamente uma perspectiva sociocognitiva, não distinta de uma funcionalista, a Gramática Textual-interativa é apresentada, em 1.1., com foco voltado para o conceito de *tópico discursivo* e para os traços definidores dos *Marcadores Discursivos*, uma vez que a caracterização das construções [*vI+ver*] atuantes como marcador discursivo é feita com base nessa perspectiva teórica. A seção 1.2. é dedicada à apresentação da Linguística Cognitivo-funcional ou Linguística Centrada no Uso. Em 1.2.1. são apresentados os princípios básicos da Gramática de Construções. De modo particular, em 1.2.2., são definidas as propriedades de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, conforme Traugott e Trousdale (2013). Posto que este trabalho aborda aspectos da mudança linguística, a seção 1.3. explora, em duas subseções, como a mudança é vista sob a ótica de uma abordagem centrada no uso. Assim, em 1.3.1. é mostrada a relação entre mudança construcional e construcionalização, e, em 1.3.2. são apresentados os processos de *construcionalização* e *(inter)subjetivização*, especialmente caracterizados por seus reconhecimentos como de movimentos acomodativos da língua. No Capítulo 2, reservado à descrição linguística de aspectos das construções

[*vI+ver*], apresentam-se os significados que os verbos *ver*, *ir*, *querer* e *deixar* podem expressar de acordo com seus contextos de uso. A esse capítulo, segue o Capítulo 3, no qual estão detalhados os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, os quais incluem a descrição dos *corpora* que serviram de base para a busca de ocorrências reais da língua (seção 3.1.) e o descritivo dos parâmetros de análise considerados para a categorização das construções [*vI+ver*] (seção 3.2.). O Capítulo 4 está voltado para a análise sincrônica das construções [*vI+ver*], procurando-se aferir os graus de *composicionalidade*, *esquematicidade* e *produtividade* de quatro tipos de construções identificados: Construções lexicais de movimento com propósito (seção 4.1.); Construções perifrásticas (seção 4.2.); Construções modais (seção 4.3.); e, Construções [*vI+ver*] atuantes como Marcador Discursivo (seção 4.4.). Por fim, a última seção (4.5.) é o lugar onde se compilam os resultados das análises para o cumprimento do objetivo geral da tese, que é o de relacionar *mudança construcional*, *construcionalização* e *(inter)subjetivização*. Finalmente, com base na discussão teórica, na análise sincrônica dos dados e na observação de indícios diacrônicos que buscam atestar a mudança, seguem as conclusões deste trabalho e as referências bibliográficas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A investigação das construções *[v1+ver]* encontra sustentação teórica na interseção de dois grupos funcionalmente orientados: o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva (NUYTS, 2007), interface de investigação que, denominada *Linguística Cognitivo-funcional* ou *Linguística Centrada no Uso*, se caracteriza, principalmente, por analisar a língua em uso tendo como balizadores os processos cognitivos que dão surgimento à estrutura linguística (BYBEE, 2016). Soma-se a essa interface de investigação também a apropriação de postulados da Gramática Textual-interativa (KOCH; JUBRAN, 2006), especialmente os que focalizam os Marcadores Discursivos e seu funcionamento como estratégia textual discursivamente orientada.

Dos postulados funcionalistas de que nos apropriamos destacamos, neste início, aqueles que, na visão de Neves (2006, p.16), caracterizam uma gramática de direção funcional, seja qual for a corrente específica de que se trate, quais sejam: (i) o de que a linguagem não é um fenômeno isolado, mas, ao contrário, serve a uma variedade de propósitos; (ii) o de que a língua (e a gramática) não pode(m) ser descrita(s) nem explicada(s) como um sistema autônomo; (iii) o de que as formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas; (iv) o de que, na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático; (v) o de que o falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas; (vi) o de que a gramática é susceptível às pressões do uso, ou seja, às determinações do discurso; (vii) o de que a gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema; (viii) o de que o objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (BEAUGRANDE, 1993; DIK, 1997; DU BOIS, 1985; GIVÓN, 1984, 1995; HALLIDAY, 1994).

Um ponto significativo a ser destacado é que a razão fundamental das postulações que se fazem em todos esses estudos funcionalistas é a inserção de categorias pragmáticas (por exemplo, a própria organização do fluxo informacional) na análise linguística. Enfatizando, sobretudo, o caráter sócio-interativo da linguagem, a gramática funcional prioriza a vinculação dos diversos níveis de análise linguística ao nível pragmático. Assim, diz Neves (1997, p. 30), tratando da proposta de Auwera (1989): “A pragmática é uma perspectiva da linguística como um todo, e, assim, também, da gramática. A pragmática constitui uma perspectiva funcional de qualquer aspecto da língua.” Nossas análises encontram abrigo nesses pressupostos principalmente por que as construções *[vi+ver]* atuantes como marcadores discursivos e dotadas de valor (inter)subjetivo têm suas funções pragmaticamente definidas em situações de interação.

Iniciemos o detalhamento teórico que dá sustentação a esta tese pela Gramática Textual-interativa (seção 1.1.), um conjunto de fundamentos “calcados na preocupação com o funcionamento da língua em contextos de uso e, portanto, com a atualização da atividade discursiva em textos” (JUBRAN, 2006, p. 31), e que fornece um entendimento satisfatório e, talvez, mais completo, dos Marcadores Discursivos, categoria na qual se enquadram padrões mais esquemáticos das construções *[vi+ver]*. Deixamos, propositadamente, por abordar por último, os postulados da Linguística Cognitivo-funcional (seção 1.2), porque neles nos deteremos mais, tendo em vista que constituem o cerne da perspectiva construcional que adotamos para o tratamento das construções *[vi+ver]*, já anunciada no título desta tese.

1.1. A Gramática Textual-interativa e o conceito de *Marcador Discursivo*

Aliados à perspectiva Textual-interativa, na análise dos padrões mais esquemáticos de *[vi+ver]*, assumimos como unidade de análise o *tópico discursivo* – definido por Jubran (2006, p.91) como uma “categoria abstrata e analítica, com a qual se opera na descrição da

organização tópica de um texto”, – uma vez que a delimitação tópica pode se manifestar por meio de marcadores discursivos.

De acordo com a autora, um tópico discursivo é identificado, na conversação, por um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. Assim, são duas as propriedades definidoras do tópico discursivo: *centração* e *organicidade*. A propriedade da *centração* se caracteriza por apresentar três traços: (1) *concernência*, que se refere à interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual, que juntos formam um conjunto específico de referentes; (2) *relevância*, que diz respeito à proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; e (3) *pontualização*, que se refere à posição desse conjunto em um texto falado (JUBRAN, 2006, p. 92). A propriedade de *organicidade* diz respeito à interdependência tópica, que pode se dar no plano hierárquico, conforme dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto; e no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas, referentes à adjacência e interposições de tópicos diferentes na linha do discurso (JUBRAN, 2006, p. 94).

Na dinâmica do texto falado, especialmente no que tange à unidade de análise *tópico discursivo*, marcas linguístico-discursivas de delimitação tópica podem se manifestar por meio de marcadores discursivos (MD, daqui em diante). Nessa perspectiva, os estudos orientados pela Perspectiva Textual-interativa (JUBRAN; KOCH, 2006; RISSO, 2006; URBANO, 2006; RISSO; URBANO, 2006; PENHAVEL, 2005) consideram que a *articulação de segmentos do discurso* e a *orientação da interação* são duas funções básicas assumidas pelos MD. Nesse sentido, os MD podem ser classificados como *basicamente sequenciadores* ou *basicamente interacionais*.

De acordo com Risso et al. (2006, p. 407), *MD basicamente sequenciadores* são aqueles que promovem a articulação de segmentos do discurso, podendo contribuir tanto para

a organização tópica do texto, estabelecendo abertura, encaminhamento, retomada e fecho de tópicos, em posições intra ou intertópicas, quanto para a organização da estrutura frásica, “amarrando” as orações ou seus segmentos. Alguns exemplos são *agora* (instanciador prospectivo do texto); *então* (sequenciador textual de orientação retroativa); *bom, bem, olha, ah* (prefaciadores textual-interativos). Em suma, os MD pertencentes a esse grupo são aqueles que promovem articulação textual.

Integram o grupo dos *MD basicamente interacionais* aqueles que marcam maior projeção da interação (RISSO et al., 2006, p. 409). Nesses casos pode haver sinalização do locutor para o ouvinte da intenção de obter uma aprovação discursiva (*certo? entende?*) ou uma manifestação do acompanhamento da fala do interlocutor, denominado *feedback* (*uhun uhun*). Especificamente, os marcadores desse grupo podem ser assim divididos, segundo propõe Urbano (2006, p. 526), no que diz respeito às suas funções orientadoras da interação:

- a) fáticos de natureza imperativa e entonação exclamativa (*olha/olhe, vamos ver, veja, vem cá*);
- b) fáticos de natureza ou entonação interrogativa, após enunciado declarativo (*ahn?, certo?, entende?, entendeu?, não é verdade?, não é?/num é?, não?, né?, sabe?, tá?, viu?*);
- c) fáticos de natureza e entonação interrogativa, após enunciado interrogativo (*né, ahn?, hem?, é?, não é? uhn?*);
- d) fáticos retroalimentadores (*feedback*) (*ah, ahn, ahm ahm, certo, claro, é, é claro, é verdade, exato, pois é, sei, sim, uhn, uhn uhn*);
- e) fáticos de início de respostas formais ou comentários (*ah, mas, pois é*).

É importante destacar que mais de uma forma pode desempenhar uma mesma função, a depender do contexto de uso, bem como, apesar de menos frequente, a mesma forma pode

desempenhar funções diferentes², como é o caso de *ah*, que pode exercer a função de *feedback* e também a de fático de início de respostas formais ou comentários (URBANO, 2006, p. 527).

Resumidamente, conforme afirma Penhavel (2005), os MD podem desempenhar as macro-funções *textual* e *interacional* na organização do discurso. No que diz respeito à função textual, os MD podem promover articulação de segmentos do discurso, seja na organização tópica (em posições intra ou intertópicas), seja na organização da estrutura frásica.

Quanto à função interacional, sob ótica sociocomunicativa, todo mecanismo com estatuto textual, como os MD, cumpre sempre uma função orientadora da interação, ainda que fragilmente. Assim, uma unidade pode ser *basicamente orientadora da interação*, quando há uma nítida orientação por parte do falante em relação ao ouvinte, ou por parte do ouvinte em relação ao falante; e pode ser *secundariamente orientadora da interação*, quando sinaliza opinião ou orientação argumentativa do falante, situações que marcam avaliações subjetivas com relação a um conteúdo proposicional, como *acho*, *bom* etc.

Os MD formam um grupo de elementos de naturezas diversificadas e constituem uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Podem ser identificados por traços comuns e apresentam certas regularidades que indicam traços fortes da categoria. Risso *et al.* (2006, p. 406-414) definem oito variáveis, elencadas no quadro 2, dado a seguir, que podem servir para sancionar o estatuto de MD de certas expressões. .

² Essa relação não contraria o que é defendido nesta tese, uma vez que o que os autores entendem por forma restringe-se à manifestação material linguística dos MD. A nossa visão de forma é um pouco mais ampla e envolve outros elementos com o quais se relacionam as construções *[x+ver]*, como presença de complemento e posição no turno discursivo, por exemplo. Ou seja, para a visão adotada nesta pesquisa, um marcador linguístico formado pelos mesmos elementos pode desempenhar funções diferentes a depender da forma e do contexto maior em que ele se encontra. Assim, para nós, a forma da construção também envolve presença ou ausência de complemento, presença ou ausência de pausa, rebaixamento de tessitura, entre outros critérios a serem explorados ao longo das análises.

Variável	Explicitação
a. <i>Padrão de recorrência</i>	os MD são altamente frequentes e usados reiteradamente no discurso.
b. <i>Relação com o conteúdo proposicional</i>	a maior parte dos MD é exterior ao conteúdo proposicional, porque não contribuem diretamente com o conteúdo referencial da proposição sobre a qual incide.
c. <i>Transparência semântica</i> ³	o significado dos MD pode corresponder: a) à adaptação ou ao desdobramento de significado gramatical; b) à reaplicação de significado lexical.
d. <i>Apresentação formal</i>	os MD constituem-se, geralmente, de formas cristalizadas (de pouca ou nenhuma variância), que ocorrem de forma automatizada no discurso.
e. <i>Relação sintática com a estrutura oracional</i>	não-integração sintática à estrutura oracional é considerada traço forte de MD; por isso, são, em sua maioria, sintaticamente independentes.
f. <i>Demarcação prosódica</i>	pauta prosódica demarcativa (seja pausa ou rebaixamento do tom de voz) é um forte traço de MD.
g. <i>Autonomia comunicativa</i>	MD são comunicativamente não-autônomos, pois não portam conteúdo proposicional em si próprios.
h. <i>Massa fônica</i>	formas mais curtas (de até três sílabas tônicas) compõem o grupo dos MD. É importante analisar essa variável a partir de seu cruzamento com as variáveis (c) (transparência semântica) e (d) (apresentação formal).

Quadro 1: Variáveis definidoras dos Marcadores Discursivos (elaboração própria, com base em Risso *et al.*, 2006)

Essas variáveis devem ser analisadas em consonância com a possibilidade do contrabalanceamento de traços referentes às funções textual-interativas (basicamente sequenciadores e basicamente orientadores da interação) assim estabelecidas, conforme Risso *et al.* (2007, p. 415): (i) articulação tópica + orientação interacional fraca; (ii) articulação tópica + orientação interacional média; (iii) não-articulação tópica + orientação interacional forte. A partir da combinação desses traços e das variáveis do núcleo-piloto definidoras dos MD, é possível diferenciá-los de outras classes gramaticais, a exemplo das formas homônimas de base da qual eles derivam. Da mesma forma, nesta pesquisa, essa dinâmica metodológica proporcionará distinguir usos das construções *[v1+ver]* atuantes no nível do discurso daqueles usos operantes na estruturação da sentença.

Guiados por essas matrizes básicas dos MD, tomamos a unidade tópica de análise para investigar a funcionalidade das construções *[v1+ver]* na orientação da interação e na

³ Transparência semântica é quando se usa uma palavra ou expressão no sentido lexical, previsto no dicionário, ou no estrutural, previsto na gramática.

organização tópica do texto. Assim, há a expectativa de que as variáveis e os traços aplicáveis aos MD sejam também aplicáveis, com certo grau de flexibilidade e de possibilidades combinatórias, às construções em análise.

1.2. A Linguística Cognitivo-funcional ou Linguística Centrada no Uso

A opção por uma abordagem filiada ao Funcionalismo justifica-se pela importância atribuída por essa corrente ao papel das dimensões verdadeiramente comunicativas, a exemplo das relações interpessoais, e ao papel do conhecimento compartilhado e seu reflexo na estruturação da informação. Sob essa abordagem teórica, nossa investigação encontra sustentação na Linguística Cognitiva, que lida com certos aspectos da funcionalidade, como as dimensões relativas à categorização de mundo, com mais intensidade do que outras correntes do Funcionalismo (NUYTS, 2007). Assim, compartilhamos com a Linguística Cognitiva certos interesses, como: (i) as características estruturais da organização da língua natural (prototipia, polissemia sistemática, modelos cognitivos); (ii) os princípios funcionais da organização linguística (como a iconicidade e naturalidade); (iii) a interface conceptual entre sintaxe e semântica; (iv) a experiência e pragmática da língua em uso; e (v) a relação entre a língua e pensamento, incluindo questões sobre universais conceptuais (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007).

Para um maior detalhamento dessas questões, vamos recorrer ao campo de estudo em que se consubstancia a relação dos pressupostos e interesses teóricos aqui apresentados – denominado *Linguística Cognitivo-funcional*, por Nuyts (2007), e *Linguística Centrada no Uso* (LCU, daqui em diante), por pesquisadores brasileiros (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; OLIVEIRA, 2012, 2013). Em linhas gerais, aliando postulados teóricos do Funcionalismo Norte-americano e postulados da Linguística Cognitiva, essa corrente teórica analisa dados reais da língua, buscando explicações em

termos de processos – relacionados a fatores externos e cognitivos – que operam no uso da língua e a ela conferem o caráter de um sistema adaptativo complexo que exhibe, concomitantemente, estrutura e considerável variância e gradiência (BYBEE, 2016). De modo superficialmente resumido, a LCU alinha postulados teóricos ligados ao Funcionalismo e postulados com origem na Linguística Cognitiva.

De acordo com Barlow e Kemmer (2001), a LCU assume mais diretamente a existência de uma estreita relação entre os eventos experienciados pelo falante e a representação abstrata da gramática. Nesse sentido, os autores definem oito premissas teóricas que explicitam a relação entre estrutura e uso, conforme se enumera a seguir:

- (1) *Importância da frequência de uso*: a alta frequência de uso de um padrão particular é resultado de força de moldagem do sistema, pois o modo de processamento de uma unidade linguística é modificado pela *rotinização*;
- (2) *Compreensão e produção integradas ao sistema linguístico*: a formação e o funcionamento do sistema linguístico interno são regidos pelo evento de uso. Desse modo, a estruturação do sistema e os atos do processamento mental não são separados, o que indica que a performance é parte da competência;
- (3) *Foco no papel do aprendizado e da experiência na aquisição da linguagem*: produção e compreensão linguísticas são significantes na aquisição da linguagem, fase em que as crianças começam a dominar as primeiras estruturas gramaticais, para somente depois passarem a abstrair padrões construcionais mais gerais de uso;
- (4) *Representações linguísticas emergentes*: unidades linguísticas como rotinas cognitivas de padrões recorrentes da ativação mental (neural, em última análise) não são “estocadas” em qualquer localização neural particular, porque são sempre emergentes;

- (5) *Importância do uso na construção e descrição da teoria*: a língua em seu uso real é tomada como objeto de estudo, o que leva à vinculação da teoria à observação das manifestações do uso linguístico;
- (6) *Estreita relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica*: o uso linguístico é o *locus* da mudança, que afeta os atos de percepção e de produção. Os efeitos das motivações que operam a mudança são sutis, mas cumulativos ao longo do tempo; assim, há a expectativa de que padrões de uso sincrônico e mudança diacrônica sejam similares;
- (7) *A interconexão do sistema linguístico com sistemas cognitivos não-linguísticos*: processos de abstração linguística não diferem totalmente dos processos que ocorrem em outros domínios cognitivos. Nesse sentido, a estrutura linguística é parte de estruturas conceituais mais gerais;
- (8) *Papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico*: o significado é construído no contexto, que pode influenciar todos os aspectos da língua (em todos os seus níveis). Aspectos regulares do contexto tornam-se convencionalizados e, assim, parte do sistema linguístico em si. Há sempre interação complexa entre representações cognitivas (abstraidas de experiências similares contextualizadas) e fatores contextuais na situação imediata de uso.

De modo geral, todos esses princípios relacionam o uso da língua a processamentos cognitivos, o que leva à verificação de que uma abordagem filiada à LCU busca alcançar, por “de trás” da estrutura linguística, os processos de domínio geral que fazem surgir a estrutura (BYBEE, 2016).

Dentre os processos de domínio geral que se mostram úteis na compreensão de alguns aspectos da linguagem, Bybee (2016) destaca: a) *categorização*, que diz respeito à criação de categorias conceituais a partir das experiências, independentemente da língua; b) *chunking* (ou agrupamento), que se refere ao aprimoramento de tarefas cognitivas e neurotransmissoras

com a prática; c) *memória enriquecida*, que consiste no impacto que memórias não linguísticas têm sobre as representações cognitivas e as estruturas neurológicas; d) *analogia*, que tem a ver com os termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores etc; e) *associação transmodal*, que remete à ideia de que experiências coocorrentes tendem a ser cognitivamente associadas (p. 26-27).

Esses processos cognitivos ajudam a explicar a língua como um sistema adaptativo complexo e, resumidamente, podem assim ser interpretados quanto a essa tarefa: a) *categorização*: entidades linguísticas são reconhecidas e associadas a representações estocadas (exemplares disponíveis no sistema linguístico); b) *chunking*: sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas e passam a ser acessadas como uma unidade simples; c) *memória enriquecida*: detalhes da experiência com a língua são estocados na mente, por meio do mapeamento de representações (exemplares) existentes; d) *analogia*: enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias; e) *associação transmodal*: forma e sentido são ligados por um elo simbólico de associação (BYBEE, 2016, p. 26, 27).

Um modelo de análise que se mostra interessante por conseguir associar essas considerações referentes à intrínseca relação do sistema linguístico com a cognição é a Gramática de Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, 2007), que apresenta um número de variantes que compartilham o princípio de que a construção é um pareamento simbólico de *forma e significado*, e a premissa teórica de que a “representação uniforme do conhecimento gramatical da mente do falante se dá em forma de construções” (CROFT; CRUSE, 2004, p.255), sem distinções nítidas entre léxico e gramática.

A abordagem construcional tem servido de alicerce a diversas pesquisas de viés sincrônico, que se baseiam nos precursores Langacker (1987, 2007, 2008), Goldberg (1995,

2006) e Croft e Cruse (2004), especialmente. Em geral, essas abordagens compartilham quatro princípios, conforme se sumariza a seguir:

- 1) A unidade básica da gramática é a construção, entendida como um pareamento convencional entre forma e significado (LAKOFF, 1987; FILLMORE; KAY, O'CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006);
- 2) A estrutura semântica é mapeada diretamente na superfície da estrutura sintática, sem derivações (GOLDBERG, 2002; CULICOVER; JACKENDOFF, 2005);
- 3) A linguagem, como outras operações cognitivas, consiste em uma rede de nós ligados por links; as associações entre alguns desses nós é feita na forma de herança hierárquica (relações taxonômicas que capturam as propriedades das construções de nível mais baixo que são herdadas de construções mais gerais) (LANGACKER, 1987; HUDSON, 1990, 2007).
- 4) A variação interlinguística (e dialetal) pode se dar de vários modos, incluindo processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2013) e construções variadas e específicas (CROFT, 2001; HASPELMATH, 2008).
- 5) A estrutura linguística é perfilada pelo uso (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010).

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 3)⁴

Além disso, para todas essas abordagens não há um nível da gramática que seja autônomo ou principal, mas todas elas consideram que fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática atuam juntos em uma construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Mais recentemente, pesquisadores passaram a usar o modelo da Gramática de Construções (GC, daqui em diante) para investigar a mudança linguística, uma vez que as construções são convencionalizadas dentro de um grupo de falantes. Nesse cenário atuam Bybee (2003, 2016), Hoffmann e Trousdale (2011) e Traugott e Trousdale (2013), principalmente, que rompem com a ideia desenvolvida em trabalhos diacrônicos anteriores de que as mudanças semânticas, sintáticas, morfológicas ou fonológicas são fenômenos amplamente independentes, autônomos e modulares. Diferentemente, os autores advogam a favor de uma abordagem construcional baseada no uso – que concebe a gramática como

⁴ Cf. original: (a) The basic unit of grammar is the construction, which is a conventional pairing of form and meaning (LAKOFF, 1987; FILLMORE, KAY, O'CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006); (b) Semantic structure is mapped directly on to surface syntactic structure, without derivations (GOLDBERG, 2002; CULICOVER, JACKENDOFF, 2005); (c) Language, like other cognitive systems, is a network of nodes and links between nodes; associations between some of these nodes take the form of inheritance hierarchies (taxonomic relationships capturing the degree to which properties of lower level constructions are predictable from more general ones, (LANGACKER, 1987; HUDSON, 1990, 2007)); (d) Cross-linguistic (and dialectal) variation can be accounted for in various ways, including domain-general cognitive processes (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2013), and variety-specific constructions (CROFT, 2001; HASPELMATH, 2008); (e) Language structure is shaped by language use (BARLOW, KEMMER, 2000; BYBEE, 2010).

sistema linguístico composto de emparelhamento de forma e significado – e buscam investigar a mudança tendo como foco os links virtuais que ligam a forma ao significado (TRAUGOT; TROUSDALE, 2013, p. 30). Diante da relevância que essas abordagens construcionais assumem nesta pesquisa, a próxima seção é dedicada ao seu detalhamento.

1.2.1. Gramática de Construções

Originalmente a Gramática de Construções (GC) é uma reação ao modelo de organização da gramática gerativa, em que cada componente (fonológico, sintático, semântico) descreve uma dimensão do enunciado. Nesse contexto, a GC propõe a criação de um modelo uniforme para a representação de todo o conhecimento gramatical, envolvendo esses três níveis. O pressuposto que fundamenta a GC é de que todo o conhecimento gramatical que reside na mente do falante – da palavra até a mais geral das regras sintáticas e semânticas – pode ser representado como uma construção. Como consequência, pode-se elaborar uma representação uniforme que abarque todo esse conhecimento, composta por um contínuo com duas dimensões: de substantivo a esquemático e de atômico (unidade simples) a complexo (CROFT, 2007).

Entre os princípios desse modelo encontra-se que a forma básica da estrutura sintática é uma construção, ou seja, uma estrutura gramatical complexa, composta por um par de forma e significado. A partir dessa premissa, considera-se que mesmo as construções sintáticas mais gerais têm regras correspondentes de interpretação. Assim as construções são, fundamentalmente, unidades simbólicas, como representadas na figura 1.

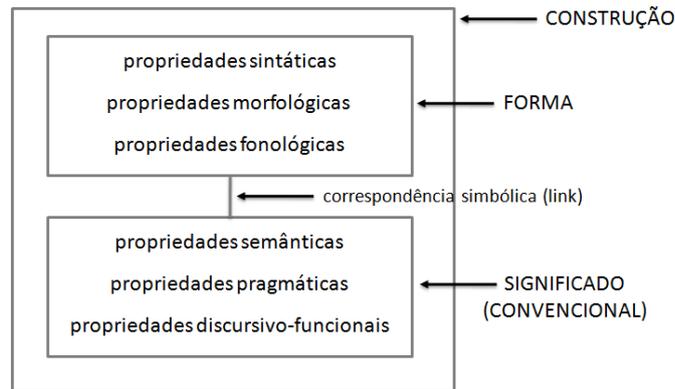


Figura 1: A estrutura simbólica da construção (CROFT, 2007, p. 472, tradução própria)

De acordo com Croft (2007), as dimensões *forma* e *significado* estão relacionadas às propriedades básicas que as constituem e que devem ser consideradas para a descrição de uma construção. Essa vinculação de *forma* e *significado* se identifica por uma série de traços definidores, como a proposição de que o significado de uma construção não corresponde à mera soma do significado de suas partes constituintes e de que a alta vinculação sintático-semântica de uma construção tende a impossibilitar inversões de ordem interna entre seus constituintes e mesmo inserções de outros elementos. Para o autor, esse modelo de representação gramatical consegue capturar fenômenos empíricos da língua, tendo em vista que a gramática passa a ser assumida como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, ou, mais precisamente, unidades simbólicas. Isso significa que toda construção gramatical consiste em um pareamento, pelo menos parcialmente arbitrário, entre sua forma e seu significado, sendo o significado definido como todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, incluindo as propriedades da situação descrita, do discurso e da situação pragmática entre os interlocutores (CROFT, 2007, p.471).

A aplicação desse modelo pode ser encontrada em Goldberg (2006), que analisa casos de construções bitransitivas do inglês para defender a tese de que mesmo padrões básicos de frases de uma língua podem ser entendidos como construções. A autora mostra que um verbo

lexical pode ser compreendido como parte de uma construção de estrutura argumental (transitiva, intransitiva, bitransitiva, etc.). Nesses casos, a interpretação geral de padrões básicos de frases de uma língua é determinada por informações semânticas e/ou sintáticas especificadas pelo verbo lexical, como vemos nos exemplos a seguir.

- (8) *Chris gave Pat a ball* (GOLDBERG, 2006, p. 6)
 ‘Chris **deu** uma bola a Pat.’
- (9) *Pat put the ball on the table.* (GOLDBERG, 2006, p. 6)
 ‘Pat **colocou** a bola sobre a mesa.’

É certo que os padrões frasais em (8) e (9) são determinados pela estrutura argumental de *dar* e *colocar*, que requerem Agente, Tema, Beneficiário e Locativo, além de apresentarem comportamentos prototípicos de verbos de três argumentos. No entanto, verbos com especificações diferentes dessas podem ser usados nesse mesmo padrão de transitividade, o que significa dizer que a interpretação e a formação de padrões de uma sentença não são feitas exclusivamente a partir das especificações do verbo principal. Por exemplo, é implausível afirmar que *espirrar* seja um verbo de três argumentos, e ainda assim ele pode ocorrer, em inglês, em construções como a exemplificada em (10).

- (10) *He sneezed his tooth right across town.* (GOLDBERG, 2006, p. 6)⁵
 Lit.: ‘Ele **espirrou** seu dente na cidade.’

Esse uso é possível porque o sentido da construção pode ser apreendido a partir da união de forma e função, pois um verbo que inicialmente requer dois argumentos está sendo empregado da mesma forma que um verbo de três argumentos e, conseqüentemente, exerce a mesma função de verbos deste último tipo. Assim, tanto os verbos bitransitivos prototípicos *dar* e *colocar* quanto esse uso do verbo *espirrar* fazem parte das construções bitransitivas

⁵ Cf. a autora, In: Robert Munsch, *Andrew’s Loose Tooth*, Scholastic Canada Ltd., 2002.

Nesse sentido, o valor da construção não estaria apenas no verbo, mas sim na combinação de propriedades formais com a função comunicativa, como vemos na representação da forma superficial das construções bitransitivas, mostrada na figura 2.

Sem.:	Intenção-CAUSA- BENEFICIÁRIO	(Agente	Beneficiário (segundo tópico)	Tema)
		(!)
	Verbo			
Sint.:		Sujeito	Obj1	Obj2

Figura 2: Construções bitransitivas (GOLDBERG, 2006, p. 20, tradução própria)

Na primeira linha da Figura 2 está a representação semântica da construção CAUSA-BENEFICIÁRIO pretendida, na qual se indica a fusão, na construção, entre os papéis argumentais (Agente, Beneficiário como tópico secundário e Tema) e a matriz de funções do predicado. Na segunda linha, está representado o verbo, de modo independente da construção. Na terceira linha, está a representação sintática da construção, com indicação dos papéis sintáticos atribuíveis aos argumentos do verbo (Sujeito, Objeto 1 e Objeto 2). Ligando semântica e sintaxe, o tracejado contínuo vertical indica que os papéis argumentais, próprios da construção, fundem-se com o papel dos participantes do verbo (Predicador-Verbo; Agente-Sujeito₁, Tema-Objeto₂), enquanto o tracejado descontínuo vertical indica que um dado papel argumental, por ser próprio da construção, pode ser construído sem correspondência direta com um papel sintático inerente ao verbo (Beneficiário-Objeto₁), o que significa que um papel semântico pode existir independentemente de um papel sintático correspondente.

Para Goldberg (2006), outros padrões, tais como passiva, topicalização e cláusulas relativas, são aprendidos como construções de pares de forma e função, cada uma combinando certas propriedades formais com certa função comunicativa. O fato de que várias versões formais dessas construções se repitam em várias línguas decorre de suas funções comunicativas altamente úteis.

Seguindo os mesmos princípios da abordagem construcional até aqui apresentada, mas com foco na busca de explicações para a mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013) representam as construções conforme o seguinte esquema: $[[F] < _ > [S]]$, em que F refere-se à forma de uma construção (Sintaxe, Morfologia e Fonologia), e S refere-se ao seu significado (Discurso⁶, Semântica e Pragmática). Nesse sentido, os autores definem construção como um pareamento de forma e significado possível de ocorrer em várias dimensões, todas elas gradientes. Essas construções estão interligadas em uma rede, por relações de traços de herança, a exemplo do que está ilustrado figura seguinte.

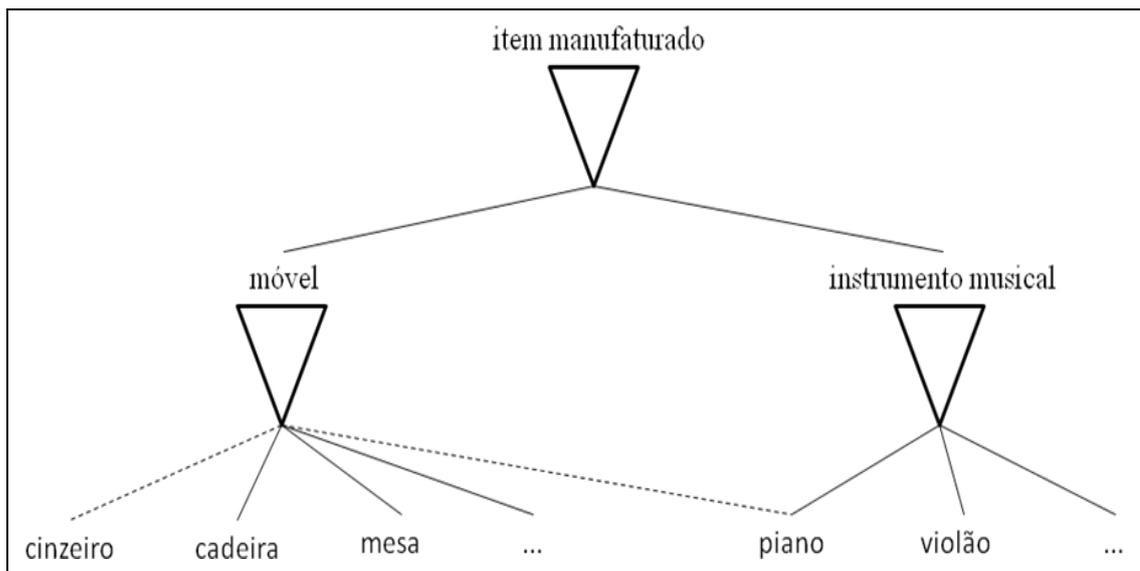


Figura 3: Uma pequena rede conceitual (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17, tradução própria)

Na figura, o que está escrito em cima da base do triângulo representa uma supercategoria, a exemplo de *itens manufaturados*, *mobília* e *instrumentos musicais*; enquanto o ápice do triângulo está apontado para a subcategoria, representada por *cinzeiro*, *cadeira*, *mesa*, *piano* e *violão*. As linhas servem para ligar os conceitos e indicam o grau de associação

⁶ Segundo Traugott e Trousdale (2013), “Discurso” refere-se à “função discursiva” da construção, como estrutura informacional (p. ex.: tópico retomado), ou uma função de conexão (conjunção). Não se refere ao contexto discursivo, mas sim às regras no discurso que podem ser expressas por uma construção.

entre o exemplar e a categoria mais geral do gênero. Assim, a linha contínua representa uma forte associação, a exemplo de *cadeira*, que se liga fortemente com *mobília*, por ser considerado um membro central dessa categoria. Por outro lado, a linha pontilhada indica uma relação mais discreta, a exemplo de *cinzeiro*, que é um membro mais marginal da categoria *móveis*, pois, embora compartilhe certas propriedades com os membros mais centrais da categoria, como a possibilidade de ser deslocado de lugar, ele não compartilha certos traços prototípicos, como o tamanho que se espera de itens que integram uma mobília, uma vez que não é grande o suficiente. O item “piano” ilustra o conceito de herança múltipla, pois compartilha características da categoria *móveis*, mas marca-se como um membro central da categoria *instrumentos musicais* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 10). Resumidamente, a figura 3 representa a ligação, em uma rede, entre conceitos mais esquemáticos, em que constam generalizações, a exemplo de *móvel*, conceitos mais específicos, a exemplo de *cadeira*, e conceitos mais marginais, a exemplo de *cinzeiro*.

No que tange ao conceito de *herança*, de acordo com Goldberg (1995, p. 67), as construções que se ligam em uma rede apresentam relações de herança que motivam muitas das propriedades das construções particulares. Para a exemplificação dessas relações, nos valem da expressão idiomática de língua inglesa, *spill the beans*, cuja tradução literal para o português seria *espalhar o feijão*, e cuja tradução com valor correspondente também pode ser pensada em termos de expressão idiomática: *abrir o bico* ou *abrir a boca*.

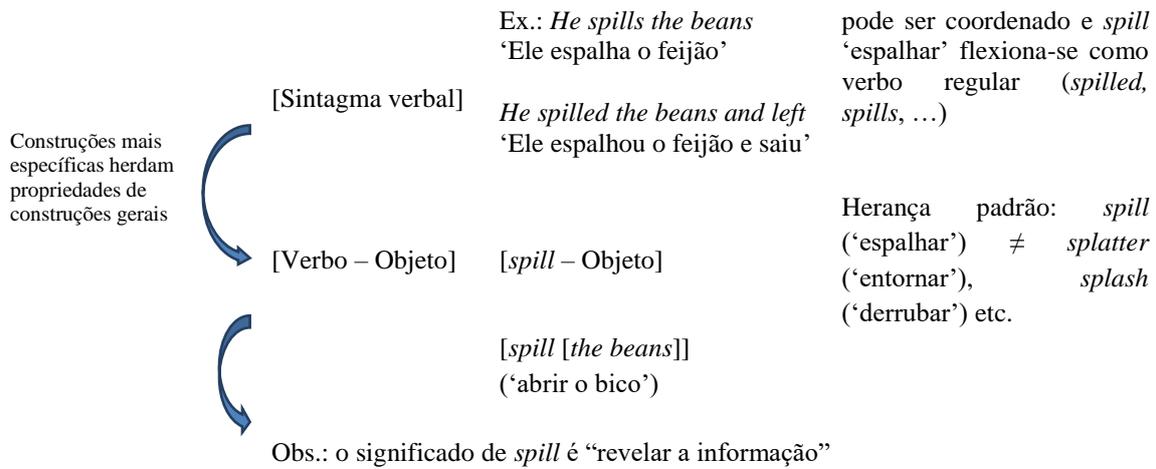


Figura 4: Taxonomias e Herança (HILPERT, 2014)⁷

A figura (4) representa a origem da construção [*spill [the beans]*] ('abrir o bico') e especifica seus traços de herança. Em um esquema mais geral, *spill* atua como um sintagma verbal que pode ser coordenado e funciona como verbo regular que instancia uma estrutura bitransitiva. De acordo com a representação, a construção [*spill [the beans]*], considerada mais específica, guarda marcas herdadas do esquema mais geral, pois a estrutura argumental do verbo *spill* se mantém, bem como ele ainda permite ser flexionado. Assim, a construção é formada por uma parte fixa, *the beans*, e uma parte mais flexível, *spill*, que juntos formam uma construção cujo significado é *revelar uma informação*.

Explicitado o modo como construções podem ser organizadas e ligadas em rede, e exemplificado como certos traços de construções mais específicas podem ser herdados de padrões mais gerais, faz-se necessária a caracterização das construções propriamente ditas.

⁷ Adaptado de esquema apresentado por Trousdale, baseado em Hilpert (2014), em projeção de slides no Workshop *Constructionalization and Constructional Change*, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nos dias 04 e 05 de dezembro de 2017.

Essa tarefa assume certa relevância neste trabalho, pois delinear as propriedades das construções ajuda no entendimento de como se dão os micropassos da mudança linguística, processo cuja importância para esta pesquisa já foi destacada. Portanto, a próxima seção é dedicada à especificação de três fatores relevantes para a caracterização das construções.

1.2.2. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade

Esquematicidade, produtividade e composicionalidade são fatores acionados na perspectiva construcional, com as finalidades de: (a) apreender as propriedades mais gerais e específicas das construções; (b) capturar as semelhanças e diferenças entre as construções; (c) entender como construções passam a atrair novas construções; e (d) ajudar a definir em que consiste a relação entre forma e significado.

Para Traugott e Trousdale (2013), *esquematicidade* consiste em uma propriedade de categorização que necessariamente envolve abstratização. De forma geral, um esquema é uma forma de generalização taxonômica de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Linguisticamente, esquemas abstratos são grupos semanticamente gerais de construções que podem ser processuais ou de conteúdo [*contents*]. De acordo com a GC, esquemas consistem em um grupo de construções abstratas que (inconscientemente) são percebidas pelos falantes de uma língua e estão estreitamente relacionadas em uma rede construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.14).

Dentro dos esquemas, há elementos que apresentam níveis de generalização e especificação diferentes. Por exemplo, no que tange à generalização, *mobiliário* é mais abstrato e inclusivo do que *cadeira*, cujo conceito, por sua vez, é mais abstrato do que o de *cadeira com braços*. Nesse sentido, a esquematicidade de uma construção linguística diz respeito à captura de padrões mais gerais a partir de uma série de construções mais específicas (TUGGY, 2007; BARÐDAL, 2008, *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), como mostra o exemplo esquemático da figura 5.

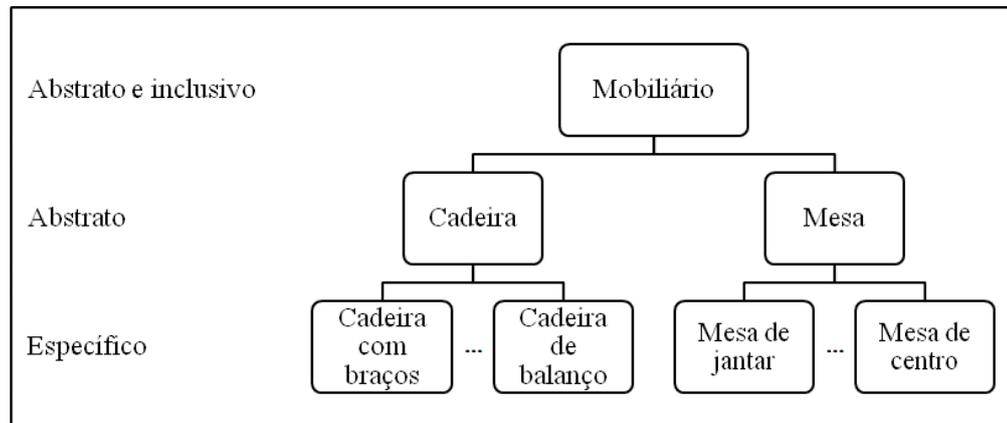


Figura 5: Esquematicidade: níveis de generalização e especificação (elaboração própria)

Quanto à investigação linguística, os estudos recentes invocam uma taxionomia de construções em diferentes graus de esquematicidade: *macro*, *meso*, *microconstruções* e *construtos* (TRAUGOTT, 2008). Partindo-se da generalização para a especificidade, tem-se:

- (i) macocronstruções constituem o nível construcional mais abstrato e virtual, além de operarem no grau máximo de esquematicidade de processos de mudança (HOFFMANN; TROUSDALE, 2011);
- (ii) mesoconstruções são conjuntos de construções específicas com função semelhante;
- (ii) microconstruções representam *types* ou padrões construcionais individuais;
- (i) construtos ou *tokens* são ocorrências de uso real.

Esses diferentes níveis de descrição de construções encontram-se esquematizados no organograma da figura apresentada a seguir.

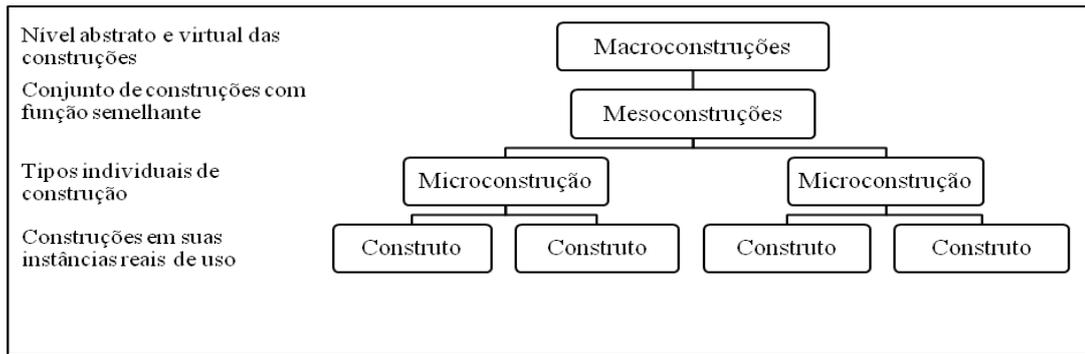


Figura 6: Taxonomia das construções (elaboração própria).

Um exemplo de como as construções podem ser organizadas com base em suas generalizações e especificações pode ser visto na figura 7, que representa a gradiência das relações hierárquicas entre construções de quantificação do inglês.

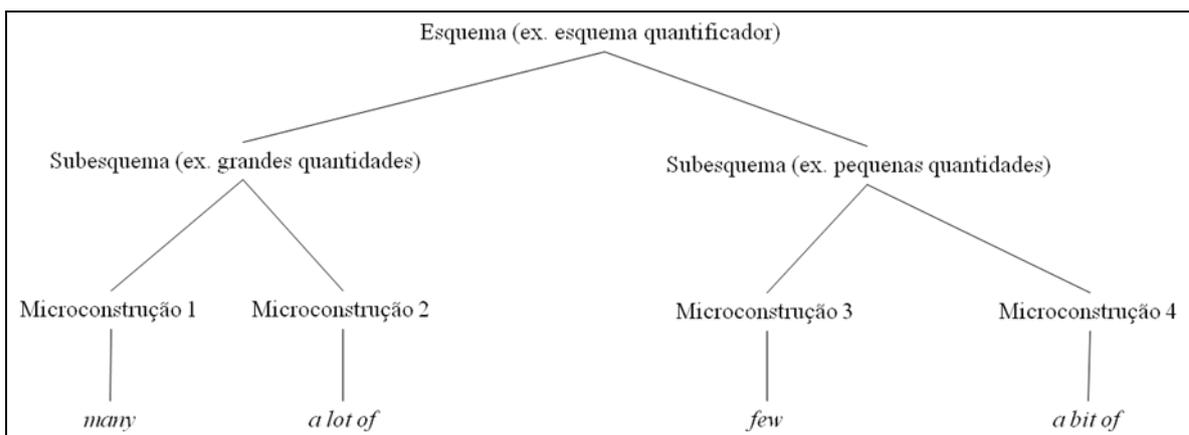


Figura 7: Gradiência das relações hierárquicas entre construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17, tradução própria)

No nível mais alto situa-se o esquema geral (ou a macroconstrução) de quantificação, que representa todos os quantificadores, incluindo aqueles que indicam tanto grande quanto pequena quantidade, ou seja, o esquema é genérico o suficiente para incluir expressões formadas por um único ou por mais de um termo. No nível intermediário dos subesquemas ou da mesoconstrução, as construções são divididas entre aquelas que expressam grande e pequena quantidade. No nível mais baixo, o das microconstruções, figuram os padrões abstraídos das várias construções específicas (ou construtos) de uso concreto.

Com relação à busca de evidências de mudança linguística, a organização de construções em esquemas mostra-se um recurso que permite identificar em qual nível de esquematicidade a mudança ocorre. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 17), o construto (onde as construções são especificadas) é o *locus* da inovação individual e onde se dá a convencionalização (adoção por um grupo de falantes). A mudança construcional começa quando novas associações entre construções surgem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de *tokens* leva a categorizações provisórias que não eram usadas por falantes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17).

O segundo critério que ajuda a entender, sob a ótica construcional, como a mudança linguística ocorre é a *produtividade*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a produtividade é gradiente, e diz respeito (i) à extensibilidade de uma construção, ou seja, à capacidade de uma construção admitir outras construções menos esquemáticas; (ii) à extensão em que as construções estão envolvidas; por exemplo, morfologicamente, certos sufixos são mais produtivos do que outros, como é o caso do sufixo de diminutivo “*inho*”, frequentemente usado em português para expressar outras funções diferentes da de grau, como afetividade, depreciação etc.

Alguns trabalhos argumentam que a produtividade está ligada à frequência de uso, e, assim, “quanto maior a frequência de um *type* [ou padrão construcional], maior a produtividade ou a probabilidade de a construção ser estendida a novos itens” (BYBEE, 2016, p. 113). De forma complementar, Traugott e Trousdale (2013) consideram que o aumento da frequência de uso também indica o aumento da frequência da construção, pois isso sugere que os falantes usam com mais frequência a nova construção. Quanto aos processos cognitivos, o uso mais frequente e a repetição das construções são fatores-chave para a *rotinização* e *automatização*.

No tocante ao entendimento dos processos de mudança linguística, o aumento da produtividade pode refletir na expansão das posições esquemáticas das construções, que, por analogização, podem passar a ser preenchidas por novos itens lexicais ou outras construções (BYBEE, 2016, p. 98-99).

Por fim, a *composicionalidade* é o terceiro fator que ajuda a elucidar a forma como a GC concebe as construções. A *composicionalidade*, entendida em termos dos graus de transparência expressos no elo que liga forma e significado, é, geralmente, analisada em termos de sintaxe e semântica; assim, quanto à sintaxe, quanto mais bem formadas e recursivamente complexas, mais composicionais são as construções; quanto à semântica, a composicionalidade pode ser pensada em duas perspectivas: quanto às partes que compõem a construção e quanto ao todo da construção; assim, uma construção é mais composicional à medida que seu significado deriva das partes menores que a compõem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19).

Traugott e Trousdale (2013) assumem o entendimento de Arbib (2012), para quem “o significado linguístico não é totalmente composicional, mas a língua apresenta composicionalidade no sentido de que a estrutura composicional de uma sentença frequentemente fornecerá pistas para o significado do todo” (ARBIB, 2012, 475, *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19).⁸ Sirva de base para explicação o seguinte exemplo em (10), do inglês, extraído de Traugott e Trousdale (2013, p. 19).

- (10) If you're late, you won't be served.
'Se você está atrasado, você não será atendido.'

Falantes do inglês aprendem estruturas condicionais como a que está em (10), mas, ao mesmo tempo, têm de aprender que estruturas muito parecidas superficialmente devem ser

⁸ Cf. original: “Language meaning is not entirely compositional, but language *has* compositionality in the sense that the compositional structure of a sentence will often provide cues to the meaning of the whole”

entendidas e analisadas diferentemente, pois a forma pode ser associada a um valor semântico particular que não corresponde à sintaxe (e, portanto, é menos composicional). Assim, os falantes aprendem uma construção pseudo-condicional em que uma pseudo-prótase se liga a uma pseudo-apódose, como se vê no exemplo (11), também extraído dos mesmos autores (p. 19).

- (11) [I]f you're Betty Ford right now, you're probably thinking, you know, I hope everybody's ok.
 'Se você é Betty Ford agora, você provavelmente está pensando, sabe, eu espero que todo mundo esteja bem.'

A construção em (11) é semanticamente não-composicional, uma vez que não expressa uma condição entre a identidade de Betty Ford e o interlocutor⁹, mas expressa uma relação entre Betty Ford e pessoas como ela. No entanto, sintaticamente, algum grau de hipoteticidade é evidenciado pela sintaxe condicional.

É válido destacar a diferença entre *composicionalidade* e *analisabilidade*, uma vez que ambos conceitos são gradientes e relacionados. De acordo com Bybee (2016, p. 79-81), citando Langacker (1987), *composicionalidade* é uma medida semântica que se refere ao grau com que o sentido de uma construção pode ser depreendido com base nas partes que a compõe; por outro lado, a *analisabilidade* está associada com o reconhecimento, por parte dos falantes, das partes que compõem a construção. Nesse sentido, as duas medidas são independentes, a notar pela possibilidade de uma construção ser considerada composicional e não analisável, como o exemplo de *was* ('era'), *were* ('era/m') e *went* ('foi'), formas do passado em inglês, que são semanticamente composicionais, pois podem ser interpretadas como *be+passado* (para os dois primeiros) e *go+passado* (para o último), mas morfologicamente não permitem analisabilidade, como é possível apreender em *walk/walked*.

⁹ Segundo os autores, *you* (você), nesse contexto, também pode ser entendido no sentido impessoal e se referir a qualquer pessoa; não necessariamente ao interlocutor.

No que concerne à mudança linguística, os graus de composicionalidade podem ajudar a identificar diferentes estágios da mudança, pois, de acordo com estudos diacrônicos, muitas vezes a mudança leva à redução da composicionalidade, especialmente no nível das microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Em resumo, no nosso trabalho admitimos que construções mais composicionais são aquelas cujo significado é alcançado a partir da soma das suas partes; enquanto são menos composicionais as construções em que forma e significado compõem um todo indissociável, responsável pelo sentido.

Como se especificou nesta seção, as construções podem ser perfiladas com base nos graus de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, que também ajudam a medir estágios de mudança linguística. Cabe-nos, na próxima seção, mostrar o modo como a mudança linguística é entendida à luz do modelo construcional que adotamos.

1.3. Mudança linguística sob a perspectiva construcional

Diferentemente de abordagens que tratam a mudança linguística de aspectos linguísticos isolados, uma abordagem construcional baseada no uso, cuja premissa é de que uma construção consiste no pareamento de forma e significado, considera que a mudança envolve sempre, e em alguma medida, aspectos de forma e de significado de uma construção simultaneamente (BYBEE, 2003, 2016; GISBORN, 2011; HOFFMANN, TROUSDALE, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). É com base nesse pressuposto que Traugott e Trousdale (2013) reconhecem dois processos da mudança linguística: *mudança construcional* e *construcionalização*. A maneira como esses processos são concebidos pelos autores remete à ideia de que a mudança que afeta uma construção ocorre de modo gradual, em etapas, até que um novo pareamento de forma e função se forme. Explicativos desses dois casos de mudanças estão processos de (inter)subjetivização.

1.3.1. Mudança construcional e construcionalização

De acordo com os autores, **mudança construcional** consiste na mudança pela qual passa uma construção já existente. Especificamente, para Traugott (2014), a mudança construcional consiste em várias mudanças que podem ocorrer tanto no nível da forma (sintaxe, morfologia, fonologia), quanto no nível do significado (semântica, pragmática e discurso). Como ilustração desse fenômeno, têm-se o caso de *will*, do inglês, que sofreu mudanças de ordem semântica, sintática e morfofonológica. Originalmente, em inglês, *will* significava *pretender, querer* e, a partir de mudança semântica, passou a indicar futuro. Sintaticamente, *will* passou a apresentar restrições de posição, uma vez que mudou de verbo pleno (com valor nocional) a auxiliar (com valor gramatical). Por fim, a alteração morfofonológica se deu pela redução de *will* a *'ll*, usado de forma aglutinada a pronomes pessoais para marcar o futuro (TRAUGOTT; TROUSDALLE, 2013). A sistematização de tais mudanças pode ser vista no quadro 2, dado a seguir.

Instância da mudança	Will		
	Tipo de mudança	Antes da mudança	Efeitos da mudança
Forma	sintática	liberdade de posição	restrições de posição
	morfofonológica	<i>will</i>	<i>'ll</i>
	categórica	verbo pleno	verbo auxiliar
Significado	semântica	<i>pretender, querer</i>	futuro

Quadro 2: Efeitos da mudança construcional de *will* (elaboração própria)

Mudanças construcionais podem levar – mas não necessariamente levam – à formação de novas construções, que passam a assumir um novo pareamento de forma e significado. Quando mudanças atingem esse estágio, ocorre o que Traugott e Trousdale (2013) denominam **construcionalização**, processo que leva à formação de novos tipos de nós, com novas configurações de forma e significado, em uma rede linguística de construções ligadas por relações de herança.

Para Traugott e Trousdale (2013), há tipos de construcionalização não estanques: a lexical e a gramatical. Um exemplo de construcionalização lexical é o desenvolvimento histórico da palavra *cupboard*, que significa ‘armário’, em inglês. Etimologicamente, duas palavras independentes se combinaram para formar o composto *cupboard*, que originalmente era usado para se referir a um pedaço de madeira (*board*) em que os copos (*cup*) eram exibidos. Ao longo do tempo, o composto sofreu mudança semântica, e, atualmente, *cupboard* é uma área de armazenamento fechada em casa; e também sofreu mudança morfofonológica, pois passou a uma forma simples. Em outras palavras, é uma nova unidade convencional, tanto semântica, quanto morfossintaticamente, que serve às novas necessidades comunicativas. As múltiplas pequenas mudanças envolvidas no amalgamamento de *cupboard* exemplificam os tipos de mudanças que podem acontecer antes, mas especialmente depois que ocorre a construcionalização.

A construcionalização gramatical ocorre quando uma construção se forma com ganho de valor gramatical. O exemplo usado pelos autores é a sucessão de mudanças que ocorreram com o partitivo *lot* (‘um lote’, ‘uma parte’, ‘um pedaço de’), que se transformou no quantificador *lot of* (‘muito de’). Há, nesse caso, o desenvolvimento de uma nova forma e de um novo significado, que apresenta maior valor gramatical com relação àquela que lhe deu origem, pois o predicado nominal *a lot* perdeu seu valor nominal prototípico em favor de um valor processual tanto no significado (passando a quantificador) quanto na estrutura (passando a modificador). De modo explicativo, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), a *lot of* (‘um lote de’, ‘um pedaço de’) usado como partitivo permite ser substituído por *unit/piece/share of* (‘unidade/pedaço/fatia’), enquanto o uso como quantificador pode ser substituído por *much* (‘muito’) ou *many* (‘muito de’). Outra diferença que marca os dois usos é que, como partitivo, a concordância de número se faz com a forma nominal (*lot(s)*), enquanto, como quantificador, a concordância se faz com a forma nominal que acompanha a

construção, como mostram, respectivamente, as ocorrências do inglês antigo em (12) e (13): em (12) a concordância de número se faz com *lot* e, em (13), a concordância com *goods* ('bens') é evidenciada pelo emprego do pronome *them* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 25).

- (12) The worthy Mr. Skeggs is busy and bright, for a *lot of goods* is to be fitted out for auction. (1852 Stowe, *Uncle Tom's Cabin* [COHA])
'O digno Sr. Skeeg é engajado e esperto, pois um *lote de produtos* deve ser levado a leilão.'
- (13) I have a *lot of goods* to sell, and you wish to purchase *them*. (1852 Arthur, *True Riches* [COHA])
'Eu tenho *uma quantidade de bens* para vender e você quer comprá-los.'

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), o aparecimento de exemplos como o que está em (13) torna possível inferir a ocorrência de construcionalização, pois, além de se provar a mudança no plano do significado (partitivo > quantificador), também se nota mudança no plano da forma. Além disso, a construcionalização de *a lot of* é acompanhada de neoanálise da preposição *of*, que passa a ser interpretada como parte fonológica do quantificador, conforme se representa na figura 8, elaborada por Traugott e Trousdale (2013), com base em Brems (2003, p. 289), e na figura 9.

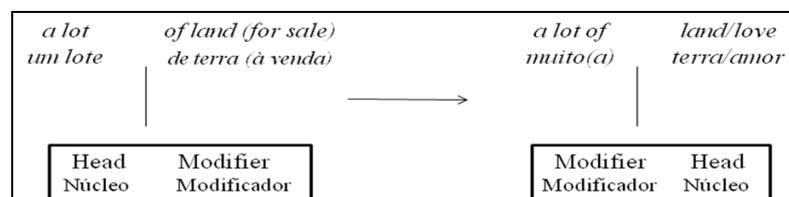


Figura 8: Neoanálise de *a lot of* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 25)

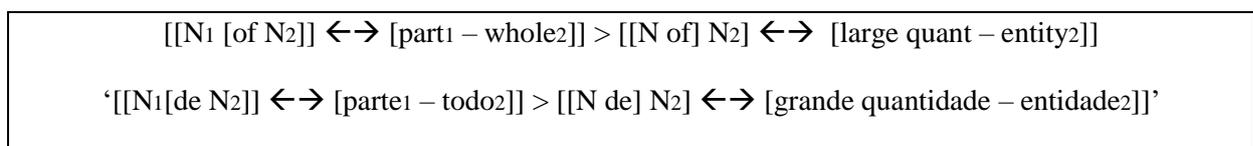


Figura 9: Neoanálise de *a lot of* (Adaptado de TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 25)

Ainda tratando dos processos de gramaticalização, Traugott e Trousdale (2013) destacam que há a possibilidade de mudanças resultarem construções parcialmente lexicais e construções parcialmente gramaticais. São as chamadas construções híbridas, a exemplo do que ilustra Trousdale (2008, 2012) com as construções de gerúndio como em (14).

- (14) *give someone a kicking*
 ‘dar uma surra em alguém’

O autor argumenta que construções de gerúndio que envolvem danos físicos ou punições verbais, como a que está em (15), são esquemáticas e têm significado específico, nos termos de Goldberg (1995).

- (15) *He gave John a thorough dressing down*
 ‘ele deu uma verdadeira bronca em João’

Diacronicamente, esse tipo de construção seria fruto de herança de um padrão múltiplo. O desenvolvimento de construções de gerúndio com o verbo *give* (‘dar’), em inglês, é parte de um processo de gramaticalização de construções de predicado compostos, como aquelas que podem ocorrer nas formas *take a walk* (‘dar um passeio’) e *have a bath* (‘tomar um banho’). Nessas construções, os verbos *take* (‘tomar’) e *have* (‘ter’) desenvolvem propriedades aspectuais. Especialmente na construção *give* (‘dar’) + *gerúndio*, essa propriedade aspectual atua junto de um sentido duradouro ou iterativo, derivado de um processo deverbal que deu origem ao substantivo. Assim, as duas construções exemplificadas em (16) e (17) são diferentes, pois o primeiro caso refere-se a um golpe simples, um chute, enquanto o segundo faz referência a um ataque físico a uma pessoa, e não necessariamente envolve chutes.

- (16) *give someone a kick*
'dar um chute em alguém'
- (17) *give someone a kicking*
'dar uma surra em alguém'

Essa construção esquemática em (17) se torna cada vez mais produtiva à medida que passa a aceitar outros casos (incluindo variações com substantivos que perderam seu valor verbal e que são derivados de expressões idiomáticas como *give someone a talking* (no sentido de “reprimir alguém”). Em resumo, a expressão *give someone a kicking* ('dar uma surra em alguém') é um exemplo de construcionalização que resulta uma construção parcialmente bitransitiva e parcialmente iterativa, portanto, parcialmente gramatical, mas também parcialmente lexical.

Por fim, cabe enfatizar que para haver construcionalização é preciso que mudanças construcionais ocorram, de modo que uma nova combinação de forma e significado provoque a formação de um novo nó na rede de construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

1.3.2. (Inter)subjetivização

Processo interveniente na mudança linguística e que recebe especial atenção em nosso trabalho é a (inter)*subjetivização*, justamente por que consideramos que ela pode ajudar a revelar certas mudanças construcionais que ocorrem nos níveis semântico e pragmático das construções [*v1+ver*] com valor discursivo intersubjetivo.

Nos estudos de Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010), encontram-se conceitos básicos que ajudam no entendimento do que exatamente constituem processos de (inter)subjetivização. Tais conceitos seguem sistematizados no quadro 3.

Conceito	Explicitação
Subjetividade	É noção entendida como a relação entre o falante e suas atitudes e crenças
(Inter)subjetividade	É um conceito baseado em Benveniste (1958) e está relacionado com a preocupação do falante com a autoimagem de seu ouvinte.
Subjetivização	É basicamente definida como “o desenvolvimento de expressões com significado principalmente semântico ou pragmático em expressões que destacam o ponto de vista do falante sobre o que ele está falando” (TRAUGOTT, 2010, p. 29).
(Inter)subjetivização	É o desenvolvimento de expressões que marcam a preocupação do falante com o ouvinte e sua autoimagem.

Quadro 3: Conceitos de *(inter)subjetividade* e *(inter)subjetivização* (elaboração própria, a partir de Traugott; Dasher, 2002; Traugott, 2010)

De acordo com o que se lê no quadro, para Traugott (2010), subjetividade e intersubjetividade são noções sincrônicas que têm em comum o fato de indicarem a atitude ou o ponto de vista (subjetivo) do falante. Nesse sentido, é possível organizar expressões em um *cline* sincrônico de (inter)subjetividade, como em (18).

(18) *cline* (inter)subjetividade

não/menos subjetivo > subjetivo > intersubjetivo

(TRAUGOTT, 2010, p.34)

De acordo com o *cline*, expressões podem se caracterizar por não apresentarem subjetividade, por apresentarem certo grau de subjetividade ou por se revelarem intersubjetivas. Quando expressões que não têm valor subjetivo adquirem tal valor, elas se subjetivizam, ou seja, passam a ser usadas pelos falantes para codificar suas atitudes e crenças, e, uma vez subjetivizadas, podem ser usadas para codificar significados centrados na relação com ouvinte, caso que Traugott nomeia de *intersubjetivização*. De forma sucinta, a subjetivização e a (inter)subjetivização são processos que implicam mudança.

É relevante chamar a atenção para o que se entende por *adquirir um novo valor intersubjetivo*, pois, muitas vezes, é o próprio contexto que imprime esse valor em

construções; nesses casos o valor não seria propriamente *novo*, mas sim derivado do contexto, ou seja, seria o que Traugott (2010) chama de *novo significado pragmático intersubjetivo em contextos relevantes*. Assim, é preciso diferenciar a intersubjetividade que pode ser pragmaticamente acompanhada do uso de uma forma, e a intersubjetividade que é resultado de um processo de intersubjetivização.

Para mostrar essa diferença, Traugott faz referência a Brinton (2007), que trata do desenvolvimento da reformulação parentética de *I mean* ('eu quero dizer'). Brinton mostra que a expressão *I mean* ('eu quero dizer') era uma forma subjetivizada do significado literal "*by X I mean (= 'intend')*" ('por meio de X eu quero dizer (= 'pretender)'). Na fala, *I mean* é usado como marcador discursivo e na escrita, como parentético com função de prover aos leitores um significado mais claro, o que permite dizer que *I mean* sempre foi pragmaticamente intersubjetivo. Com o passar do tempo, os falantes passaram a usar a expressão para indicar ênfase e certeza sobre a veracidade de um enunciado (BRINTON, 2007), no entanto essa não é condição suficiente para afirmar que *I mean* é resultado de um processo de intersubjetivização, pois nesse caso o valor intersubjetivo é derivado do contexto, havendo aumento de intersubjetividade pragmática. A exceção são os usos de *I mean* considerados subjetivizados, em frases fixas como em *You know what I mean?* ('Você sabe o que eu quero dizer?'). Em suma, para haver (inter)subjetivização, de acordo com Traugott (2010), é preciso que um par de forma-significado passe a ser usado para codificar intersubjetividade (TRAUGOTT, 2010, p. 38).

Observe-se que Traugott (2010) já operava com a ideia de forma e significado, mas sem relacionar em que medida a alteração no plano da forma ou do significado alteraria o valor da construção. Nossa tarefa nesta tese é a de mostrar como a (inter)subjetivização pode ser vista sob a ótica da GC. Assim, a partir da análise das construções *[v1+ver]* buscaremos relacionar (inter)subjetivização, mudança construcional e construcionalização. Nossa

hipótese é a de que quando uma construção sofre alteração apenas no plano do significado, especialmente no nível pragmático, e passa a codificar (inter)subjetividade, ela sofreria um aumento de intersubjetividade pragmática, motivada pelo contexto; já quando a construção sofre alterações no plano do significado e da forma, ou seja, quando sofre construcionalização, e passa a indicar (inter)subjetividade, o valor (inter)subjetivo seria resultado do processo de construcionalização. Em outras palavras, tentaremos mostrar, por meio de análises das construções *[vi+ver]*, se e como o processo de (inter)subjetivização está relacionado aos processos de mudança estudados pela GC, mais especificamente, avaliaremos se as construções *[vi+ver]* permitem uma leitura (inter)subjetiva em contextos específicos ou se adquirem um novo valor (inter)subjetivo.

2. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DAS CONSTRUÇÕES [V₁+VER]

Pautados no pressuposto teórico básico que orienta esta pesquisa, o de que uma construção consiste em um pareamento indissociável de forma e função, descrevemos, nesta seção, alguns aspectos do verbo *ver* e dos verbos expressos em *v₁* (*ir*, *querer* e *deixar*), com a finalidade de, na análise dos dados, identificarmos traços de herança nas construções [*v₁+ver*] advindos dos valores individuais dos verbos que as compõem. Assim, tendo em vista as propriedades do sentido e da forma dos verbos em questão, primeiramente serão apresentados os valores semânticos que o verbo *ver* pode assumir com base no tipo de complemento que ele requer, e, em seguida, serão apresentados os usos mais prototípicos dos verbos *ir*, *querer* e *deixar* que interessam para a descrição das construções em exame.

2.1. Os significados do verbo *ver*

O verbo *ver* integra o grupo dos verbos de percepção e pode indicar tanto percepção visual, sensorialmente percebida, quanto percepção mental, cognitivamente processada. No que tange à percepção visual, *ver* pode indicar percepção passiva e ativa, a depender do tipo de percepção e da casualidade ou intenção de senti-la. O valor de percepção mental é, em linhas gerais, aquele cognitivamente derivado do valor de percepção visual, por meio de um processo de metaforização (SWEETSER, 1990). Para este trabalho essa distinção mostra-se relevante uma vez que forma e sentido podem se definir a partir do valor semântico do verbo e do tipo de construção que ele instaura.

Para o tratamento dos verbos de percepção ativa e passiva, tomaremos como base o estudo de Vendrame (2010), que partiu de estudos de verbos de percepção em inglês para descrever o comportamento desses verbos em português. Para o tratamento dos sentidos de

percepção mental nos apoiaremos em Sweetser (1990) e retomaremos Dik e Hengeveld (1991).

De acordo com Vendrame (2010), a classificação dos verbos de percepção tem como referência o sentido envolvido e o papel semântico de seus sujeitos. Assim, são distinguidos três grupos: verbos de percepção passiva, verbos de percepção ativa e verbos de estímulo perceptivo. Por estudarmos construções com *ver*, essencialmente um verbo de percepção visual, neste trabalho consideramos apenas os dois primeiros grupos, pois, em português, os verbos de percepção, em geral, parecem não servir ao terceiro tipo, exceto no que diz respeito à percepção olfativa (VENDRAME, 2010).

Entende-se por **verbos de percepção sensorial passiva** aqueles em que há um Experienciador que vivencia de forma passiva uma sensação por meio de um dos cinco sentidos. Nesses casos, não há controle do referente do Sujeito sobre a evento, ou seja, o Experienciador apenas recebe um estímulo de algum órgão do sentido (visão, audição, tato, olfato ou paladar), como revelam os enunciados dados a seguir.¹⁰

(19) Inf.: a hora que eu entro... **vejo** um monte de coisa... tudo divertido.

[AC-061-DE; L. 331]

(20) Inf.: ele só **ouviu** a Scania.

[AC112-NE; L. 155]

(21) Pedro **sentiu** *uma pedra* debaixo de seu pé.

(22) Pedro **sentiu** *cheiro* de cigarro na sala.

(23) Pedro **sentiu** *gosto* de alho na comida.

Nos enunciados de (19) a (23), podemos notar que o Experienciador recebe estímulos de fontes que lhe são externas (*monte de coisas*, *Scania*, *pedra*, *cigarro* e *alho*) e os experie

¹⁰ Os exemplos com o nome *Pedro*, utilizados nesta seção, foram retirados de Vendrame (2010).

por um algum dos órgãos do sentido (da visão, da audição, do tato, do olfato e do paladar, respectivamente).

Considera-se como **verbo de percepção sensorial ativa** aquele que requer como argumento um Experienciador que tem a intenção de experimentar uma sensação por meio dos órgãos dos sentidos. Trata-se, pois, de uma percepção física apreendida por uma motivação visual, auditiva, tátil, olfativa ou gustativa, como se nota, respectivamente, nos exemplos de (24) a (28).

- (24) Pedro **olhou** para os pássaros / o vôo dos pássaros
- (25) Pedro **escutou** a música.
- (26) Pedro **tocou** a toalha (para sentir a maciez).
- (27) Pedro **cheirou** o cigarro (para sentir se o fumo era forte).
- (28) Pedro **degustou** a comida (para sentir se não estava salgada).

De acordo com a descrição dessa classe de verbos, em (24), *Pedro olhou*, intencionalmente, os *pássaros* e o *vôo dos pássaros*; em (25), *Pedro escutou a música* intencionalmente; em (1268), *Pedro tocou a toalha* com o objetivo (intenção) de sentir a textura; em (27), *Pedro cheirou*, intencionalmente, o *cigarro* com a finalidade de verificar se *o fumo era forte*; e, em (28), *Pedro degustou*, intencionalmente, *a comida* para sentir o seu sabor.

Como podemos notar, em língua portuguesa há itens lexicais diferentes para expressar percepção passiva e ativa, no que tange aos sentidos da visão e audição, enquanto, para codificar tato, paladar e olfato, há apenas o verbo *sentir*, acompanhado de complementos que semanticamente referem-se a esses sentidos. Vendrame (2010), seguindo os princípios de neutralidade e prototipia, organiza os verbos mais comuns de percepção ativa e passiva em um paradigma básico, mostrado no quadro 4.

Sentido	Percepção ativa	Percepção passiva
Visão	<i>Olhar</i>	<i>Ver</i>
Audição	<i>Escutar</i>	<i>Ouvir</i>
Tato	<i>Tocar</i>	<i>Sentir</i>
Paladar	<i>Experimentar</i>	<i>sentir gosto</i>
Olfato	<i>Cheirar</i>	<i>sentir cheiro</i>

Quadro 4: Paradigma básico dos verbos de percepção ativa e passiva em português (Adaptado de Vendrame, 2010)

Conforme se vê no quadro, especialmente no que se refere aos verbos que indicam percepção visual, *ver* é, prototipicamente, verbo de percepção passiva, e *olhar*, prototipicamente, verbo de percepção ativa. No entanto, *ver* também pode ser usado para denotar percepção sensorial ativa por parte de um Sujeito Experienciador, caso em que denotaria sentido semelhante ao de *olhar* ou *verificar*, detentores de traços de intenção.

Em alguns casos, o verbo *ver* pode acionar leitura inicialmente ambígua entre percepção ativa e passiva, e, a fim de definirmos o tipo de percepção denotada, aplicamos alguns testes.

Primeiramente, para testarmos se os verbos de percepção configuram-se como do tipo “percepção sensorial passiva”, acrescentamos ao enunciado a expressão adverbial “sem querer”. Esse teste justifica-se porque, quando se trata de percepção passiva, que essencialmente refere-se à “faculdade de apreender por meio dos sentidos ou da mente”, não está envolvida intenção do Sujeito Experienciador, que nesse caso é aquele que experimenta a sensação de *ver*. Se a possibilidade de se acrescentar a expressão “sem querer” for positiva, ou seja, se não houver alteração no valor essencial do enunciado, isso nos indica que não há controle do evento por parte do referente do Sujeito e que ele se define apenas como Experienciador Passivo. É o que se pode constatar nos enunciados de (29) a (33).

(29) Inf.: a hora que eu entro... **vejo**, *sem querer*, um monte de coisa... tudo divertido.

(30) Inf.: ele só **ouviu**, *sem querer*, a Scania.

- (31) Pedro **sentiu**, *sem querer*, uma pedra debaixo de seu pé.
- (32) Pedro **sentiu**, *sem querer*, cheiro de cigarro na sala.
- (33) Pedro **sentiu**, *sem querer*, gosto de alho na comida.

Para assegurar o caráter de percepção ativa, os testes aplicados partem do pressuposto de que os verbos de percepção ativa requerem como um dos argumentos um Experienciador Ativo, que tem a intenção de desencadear o evento denotado pelo verbo, razão que nos leva, inicialmente, a acrescentar o advérbio *intencionalmente* ao enunciado. Se o sentido do enunciado não for alterado, o teste nos assegurara que o referente do Sujeito tem a intenção de passar pela experiência sensorial denotada pelo verbo, como bem ilustram os exemplos de (34) a (38).

- (34) Pedro **viu**, *intencionalmente*, os pássaros / o vôo dos pássaros
- (35) Pedro **escutou**, *intencionalmente*, a música.
- (36) Pedro **tocou**, *intencionalmente*, a toalha (para sentir sua maciez).
- (37) Pedro **cheirou**, *intencionalmente*, o cigarro (para sentir se o fumo era forte).
- (38) Pedro **degustou**, *intencionalmente*, a comida (para sentir se não estava salgada).

Outro teste que aplicamos para assegurar esse caráter de percepção ativa consiste em flexionar o verbo que indica percepção sensorial no modo imperativo. Uma vez que isso seja possível, estará provado o caráter de percepção ativa, pois só é possível dar ordens a um sujeito que pode agir volitivamente, ou seja, a um sujeito do tipo ativo. Nesse teste, o Sujeito Experienciador Ativo poderá ser codificado na função de vocativo, e será o escopo da ordem.

- (39) Pedro, **veja** os pássaros / o vôo dos pássaros.
- (40) Pedro, **escute** a música.
- (41) Pedro, **toque** a toalha (para sentir sua maciez).

- (42) Pedro, **cheire** o cigarro (para sentir se o fumo é forte).
 (43) Pedro, **deguste** a comida (para sentir se está salgada).

Como vimos, os verbos que indicam percepção passiva e ativa referem-se, prototipicamente, a sensações percebidas sensorialmente. De acordo com Viberg (1984), esses verbos podem sofrer uma extensão do significado e passar a indicar percepções próprias de outros sentidos. Aqui vamos nos deter à extensão de significado do verbo *ver*, por ser este objeto de estudo. Observemos os exemplos de (44) a (47).

- (44) Pedro **escutou** o CD para **ver** se havia ruído na gravação.
 (45) Pedro **pegou** a toalha para **ver** quão macia ela era.
 (46) Pedro **experimentou** a comida para **ver** se ela estava salgada.
 (47) Pedro **cheirou** a sopa para **ver** se ela continha alho.

De acordo com Viberg (1984), o verbo *ver*, dentro do grupo dos verbos que indicam percepção, é aquele mais propenso a ter o seu sentido ampliado para se referir a outras percepções, como mostram os exemplos acima, em que *ver* recobre sentidos associados à audição, tato, paladar e olfato, respectivamente. Com base em busca realizada nos *corpora* de investigação, notamos que o verbo *ver* pode se referir a mais de um tipo de percepção, sem que se consiga definir exatamente a qual se refere, como mostra a ocorrência em (48).

- (48) Doc.: hum] (vô(u)) começá(r) pelo arroz [Doc.: tá] o arroz cê va::i cê põe na pane::la... lava e::le... pica o a::lho... coloca pa fritá::(r)... umas duas três colher mais ou menos de ó::leo... põe pra fritá(r) de(i)xa do(u)rá(r)... depois colo/ lava o arroz... coloca o arroz na pane::la... mexe... de(i)xa ele fritá(r) um po(u)quinho pra ficá(r) soltinho... aí cê coloca... uma:: va/ uma baciinha de á::gua... me::xe... coloca mais ou meno(s) uma colher de sal. [Doc.: uhum] me::xe vê se tá bom ... experimenta... põe no fogo ba(i)xo... tampa... e espera cozinhá(r)
 [AC-034-RP; P.85]

Nessa ocorrência, o verbo *ver* apresenta uma extensão de significado, uma vez que não indica exclusivamente uma observação feita por meio da visão. Empregado de modo a

denotar uma percepção ativa, o verbo *ver* pode se referir aos sentidos da visão, tato, paladar e olfato, sem que se consiga definir a qual (ou a quais) faz alusão exclusivamente. Essa leitura é favorecida pelo contexto, pois, para se assegurar de que um alimento esteja bom, pode-se, por exemplo, ver seu aspecto, sentir sua textura, seu sabor ou seu cheiro.

Notamos ainda que a ativação de vários sentidos ao mesmo tempo refere-se a uma atividade cognitiva de processamento de estímulos. Ou seja, para além da percepção visual, esse uso evidencia que o verbo *ver* pode fazer referência a uma percepção mental, ainda que guarde marcas de percepções sensoriais. Estamos diante, portanto, de um uso que se encontra entre o valor de percepção física e de percepção mental.

Sweetser (1990) disserta justamente sobre essa extensão de significado dos verbos de percepção. Sob uma ótica cognitivista, a autora estuda esses verbos em inglês, a partir de um viés sincrônico e diacrônico, e mostra que os significados não físicos dos verbos de percepção são originários, por meio de um processo de metaforização, dos significados físicos. Esse processo de extensão e de mudança de significado se daria do nível mais concreto para o nível mais abstrato, como podemos notar em (49).

- (49) é:: você tá longe da sua namora::da... seu marido num sei... ah é – “eu vô::(u) trai(r) vamo(s) trai(r)” –... cê TRAI... só que ninguém VIU ah ninguém viu tal mas eu acho que acima de tudo Deus viu... e:: e:: ele é o que:: né?... é o que realmente:: vale pra tudo hoje em dia... enTÃO é **ele vai VÊ(r)** que você num tá fazen(d)o por merecê(r) aquela pessoa especiAL...
[AC-079-RO; P.149]

Essencialmente, os usos em que os verbos de percepção denotam uma percepção mental são aqueles em que ocorre distanciamento do sentido original, de percepção visual, seja ela passiva ou ativa, e o verbo assume um valor relacionado com o domínio intelectual, como vemos em (49). Nesse uso, *ver* já não se refere à percepção de um estado-de-coisas ou de um indivíduo, mas a uma percepção mental, e seu valor aproxima-se de *inferir/concluir* algo a partir de algum tipo de evidência disponível.

Dik e Hengeveld (1991) teorizam sobre essa relação entre o valor do verbo de percepção e o tipo de complemento acionado por ele. A seguir apresentamos algumas considerações desses autores sobre esse tema a fim de que sirvam de base para nossas análises, especialmente para identificarmos traços de herança das construções *[VI+ver]* advindos do valor do verbo *ver*. Para tanto, também trazemos à tona, de modo resumido, algumas assunções básicas da Gramática Funcional que servem de apoio para o tratamento dos tipos de complemento dos verbos de percepção.

2.1.1. Tipos de complemento de verbos de percepção

Amparados por bases teóricas funcionalmente orientadas, conforme já anunciado na Introdução desta tese, recorreremos a conceitos caros à teoria funcionalista para a análise semântica e sintática do tipo de complemento do verbo *ver*, a fim de verificar qual a relação entre o tipo de complemento e o grau de gramaticalidade das construções em estudo.

Na teoria da Gramática Funcional de Hengeveld (1988, 1989, 1990) e de Dik (1989), norteada por um modelo de “camadas da oração”, distinguem-se, com base em Lyons (1977), entidades de diferentes ordens linguisticamente codificadas na língua. Pertencem à primeira ordem entidades *indivíduos*, que, localizadas no espaço e no tempo, podem ser avaliadas em termos de sua existência; à segunda ordem pertence a entidade *estado-de-coisas* que, codificada por nomes ou por predicação (nuclear ou estendida), pode ser localizada no tempo e no espaço e avaliada em termos de realização; à terceira ordem pertence a entidade *proposição* que, codificada por nomes ou por oração, não tem lugar no tempo nem no espaço e só pode ser avaliada em termos de verdade; e à quarta ordem pertence o *ato de fala*, entidade que, também possível de ser codificada por nomes ou por orações com força ilocucionária própria, ocorre em tempo e lugar determinados e, como parte de estratégias comunicativas, é avaliada em termos de sua eficácia. Exemplos desses diferentes tipos de

entidades são dados de (50) a (53) e mostram que, na organização hierárquica da oração, eles encontram-se em níveis diferentes, como propõem Dik e Hengeveld (1991).

- (50) João disse: “**Maria está chorando**”. (ato de fala)
- (51) João sabe **que Maria esteve chorando**. (proposição)
- (52) João viu **Maria chorando**. (estado-de-coisas)
- (53) João **viu Maria**. (indivíduo)

O complemento de *dizer*, em (50), é um ato de fala produzido por João, e a oração completiva assume o estatuto de um *ato de fala*. Em (51), o complemento de *saber* é um fato possível avaliado como verdadeiro, e a completiva finita tem o estatuto de uma *proposição*. Em (52), o complemento de *ver* representa um evento avaliado como realizado, e a oração completiva não-finita é um *estado-de-coisas*. O complemento de *ver*, em (53), refere uma entidade observável no tempo e no espaço, e o nome é, portanto, um *indivíduo*.

Com base nesses rápidos pressupostos da organização hierárquica da oração e na tipologia dos complementos dos verbos de percepção, Dik e Hengeveld (1991) mostram que os diferentes tipos de complemento correspondem a diferenças no significado e no uso desses verbos. Para explicitar isso, os autores utilizam exemplos do inglês, japonês e russo e mostram que nessas várias línguas os complementos dos verbos de percepção podem se apresentar de diferentes formas com correspondentes diferenças no significado. São quatro as leituras possíveis, que podem ser interpretadas a partir do tipo de entidade a que o complemento se refere: (i) de percepção imediata de indivíduo; (ii) de percepção imediata de estado-de-coisas; (iii) de percepção mental de conteúdo proposicional; e, (iv) de recepção de conteúdo proposicional por meio de ato de fala.

- **Percepção imediata de indivíduo**

A primeira leitura diz respeito à percepção imediata de um indivíduo por outro, como mostrado no exemplo em (54).

- (54) I **saw** your brother last night (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 237)
 ‘Eu **vi** seu irmão na noite passada.’

Nesse exemplo o verbo *ver* especifica a relação entre a percepção de uma entidade de primeira ordem, “eu”, e outra entidade também de primeira ordem que é percebida, “seu irmão”. Ambos são indivíduos, ou seja, entidades de referência concreta no mundo.

- **Percepção imediata de estado-de-coisas**

A segunda leitura diz respeito a uma percepção imediata, por parte de um indivíduo, de um estado-de-coisas, como exemplificado em (55).

- (55) I **saw** him walk the street (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 238).
 ‘Eu o **vi** descendo a rua’.

Nesse exemplo o verbo *ver* especifica a relação entre a percepção de uma entidade de primeira ordem, “eu”, um indivíduo, e uma entidade de segunda ordem que é percebida, “ele descendo a rua”, um estado-de-coisas.

- **Percepção mental de conteúdo proposicional**

A terceira leitura diz respeito à aquisição do conhecimento por meio de um dos sentidos de um indivíduo, como mostrado em (56).

- (56) I **saw** that Mary had been crying (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 238).
 ‘Eu **vi** que a Maria esteve chorando’.

Nesse exemplo o verbo *ver* especifica a relação entre a percepção de uma entidade de primeira ordem, “eu”, um indivíduo, e uma entidade de terceira ordem, um conteúdo proposicional, “que Maria estava chorando”, que é mentalmente percebido/inferido, a partir de alguma evidência disponível.

- **Recepção de um conteúdo proposicional por meio de um ato de fala**

A quarta leitura ocorre com predicados em que o ouvinte ou o visualizador (no sentido de leitor) somente tomam conhecimento de um conteúdo informacional por meio da recepção de um ato de fala proferido por uma fonte (um indivíduo), explícita ou não, como mostrado em (57) e (58).

- (57) I **hear** you will probably sing in the Royal Albert Hall next week (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 238).
 ‘Eu **ouvi** que você provavelmente cantará no Royal Albert Hall na próxima semana’.
- (58) Eu **vi** no site que o check in é somente às 18h, sendo assim, essa chegada já conta como uma diária??
 (https://www.tripadvisor.com.br/FAQ_Answers-g780032-d1902171-t2898748-

Em (57), o verbo “ouvir” especifica a relação entre uma entidade de primeira ordem receptora do ato de fala, “eu”, e um conteúdo comunicado por uma fonte indefinida (alguém disse), uma entidade de terceira ordem “que você provavelmente cantará no Royal Albert Hall”, mas construída como ato de fala, entidade de quarta ordem, dirigida a uma outra entidade de primeira ordem, “você”. De modo parecido, na ocorrência em (58), o verbo *ver* também define a relação entre uma entidade de primeira ordem, “eu”, que toma conhecimento do conteúdo informacional “que o check in é somente às 18h”, por uma fonte definida (no *site*).

2.1.2. A relação entre o tipo de percepção e o tipo de complemento do verbo

Há, claramente, dois tipos de percepção que podem ser distinguidos quando nos referimos aos verbos de percepção. O primeiro deles é o que se refere à percepção imediata por meio dos sentidos. No caso do verbo *ver*, um dos focos deste estudo, estes seriam usos em que o conhecimento de algo é recebido por meio da visão, como se vê em (59).

- (59) outras pessoas outras famílias velando também seus... seus entes queridos... e:: olhando né? naquele corredor eu só consegui **vê(r)** a minha espo::sa... com a minha filha e o meu filho... né?... e aquela voz dizia assim ao meu ouvido éh:: – “não... éh você não está... com a sua vida perdida... a SUA MÃE teve:: um caminho a seguí(r)...
- [AC-057-NE; L.91]

Nesse uso o verbo *ver* está sendo empregado em seu valor original, de um indivíduo que percebe a presença de outro por meio do sentido da visão. Na ocorrência em questão, a pessoa do falante enxerga a sua esposa e seus filhos em um corredor de hospital, ou seja, ele tem a percepção imediata por meio da visão. Nesses casos, o fato de se tratar de entidade indivíduo percebida visualmente requer que o complemento do verbo *ver* seja codificado por meio de um sintagma nominal.

A percepção imediata por meio dos sentidos também pode ser, como apontam Dik e Hengeveld (1991), de um estado-de-coisas, a exemplo da ocorrência a seguir, retirada de um dos *corpus* de pesquisa.

- (60) e foi onde que essa luzinha passô(u) pra sala... e minha sobrinha e minha mãe **viram** essa luzinha andá(r)... então assim de momento elas ficaram assim com medo sabe?... e até cobriram a cabeça... mas depois minha mãe fez assim bastante oração assim ficô(u) rezan(d)o... e essa luzinha... sumiu... e até hoje nunca ninguém mais viu nada
- [AC-092-NR; L.131]

Em (60), o falante narra uma situação em que a *sobrinha* e a *mãe* apreenderam, por meio da visão, o estado-de-coisas *essa luzinha andar*. É importante destacar que a percepção

imediate é aquela que ocorre concomitante com o evento percebido. Assim, a *sobrinha* e *mãe* viram a *luzinha* ao mesmo tempo em que a *luzinha* andava.

Outro valor que pode ser assumido pelos verbos de percepção é aquele em que a percepção não necessariamente ocorre diretamente por meio dos sentidos, mas por meio de inferências baseadas em alguma evidência disponível. Trata-se de um processo cognitivamente mais abstrato, que envolve percepção mental, como mostra (61).

- (61) Doc.: que troco que a vida dá?
 Inf.: pode sê(r) que ela passe a mesma coisa... pode sê(r) que ela se apaixone por um/ por uma pessoa... e a pessoa faça o mesmo... aí ela **vai** **vê(r)** que num é por aí... que num é traindo que vai... ganhá(r) a pessoa de volta

[AC-024-RO; L. 408]

Em (61), o verbo *ver* pode ser parafraseado por *inferir/concluir*, caso em que a percepção não é apreendida por meio dos sentidos, mas por meio de raciocínio: “se ela passar pela mesma coisa (se apaixonar por alguém, ser traída por esse alguém, e depois trair esse alguém), então ela inferirá/concluirá que não é traindo que vai ter a pessoa de volta”. Nesse caso, o verbo *ver* distancia-se de seu sentido original, de percepção visual, e assume um novo sentido, o de percepção mental adquirida a partir de uma experiência.¹¹

Essa diferença de valor semântico dos verbos de percepção está diretamente relacionada ao tipo de complemento que com eles se combinam. Dik e Hengeveld (1991) traçam essas diferenças no funcionamento da estrutura hierárquica da oração. Para os autores, a verificação do tipo de complemento dos verbos de percepção visual pode ajudar a identificar (ou até definir) o valor semântico do verbo de percepção. Aqui, neste trabalho, trazemos esses conceitos, pois iremos utilizá-los para descrever o comportamento das construções com o verbo *ver*, especialmente para caracterizar a composicionalidade e perda de

¹¹ Não foi encontrado nos *corpora* de pesquisa ocorrência em que o verbo *ver* tivesse como complemento um ato de fala.

composicionalidade de *[vi+ver]* e para traçar os micropassos da mudança da construção em exame.

Há, no entanto, dentro do tipo percepção mental dois subtipos que devem ser diferenciados. Existe a percepção mental primária e a percepção mental secundária, como podemos ver nos exemplos de (62) a (65).

- (62) I **saw** that the tree was whipping around (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 239)
Eu **vi** que a árvore estava girando.
- (63) so I **saw** that the wind was blowing (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 239)
então eu **vi** que o vento soprava isso.
- (64) Sue **saw** that Tanner Library was empty (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 239)
Sue **viu** que a livraria estava vazia.
- (65) So she **saw** that Helen was not in the library (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 239)
'então ela **viu** que Helen não estava na livraria.'

O enunciado em (62) descreve uma percepção mental primária ('a árvore estar balançando'), e o enunciado em (63) descreve uma percepção mental secundária, derivada da primária ('o vento estar soprando'), mesmo tipo de relação que se passa entre (64) e (65). Assim, percepção mental primária consiste na aquisição do conhecimento baseado em uma percepção imediata, mas não se trata da percepção visual em si. Em outras palavras, o indivíduo tem uma percepção imediata, nesse caso por meio da visão, e com base nessa percepção ele constrói um conhecimento mental, ou seja, tem uma percepção mental primária. A percepção mental secundária é construída com base nas evidências da percepção mental primária. Assim, pode-se estabelecer a seguinte relação: (62) *como (vi que) a árvore estava girando* (percepção mental primária), (63) *vi que (=inferi) que o vento estava soprando*; (64) *como (viu que) a livraria estava vazia* (percepção mental primária), (65) *vi que (=inferi) que Helen não estava lá*.

Para os autores, essa é uma das causas que permitem afirmar que no caso de uma **percepção visual imediata** o complemento tem status de uma **predicação**, designando um **estado-de-coisas** e, no caso de uma percepção **mental**, o complemento tem o status de uma **proposição** designada por um **fato possível**.

Com base nessa observação, os autores especificam outras diferenças entre os complementos dos verbos de acordo com o valor que expressam:

a) verbos que indicam percepção imediata de estado-de-coisas requerem simultaneidade dos eventos codificados na oração principal e na oração complemento; por outro lado, verbos que indicam percepção mental de conteúdo proposicional esse requisito não é necessário, como mostra o contraste entre (66) e (67).

- (66) We **saw** him leave/leaving (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
‘Nós o **vimos** sair / saindo’.
- (67) We **saw** that he had left (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
‘Nós **vimos** que ele tinha saído’.

O mesmo requisito impede que satélites temporais sejam acrescentados aos complementos construídos como estado-de-coisas. Nas sentenças seguintes os satélites temporais só podem ser interpretados como modificadores da oração principal.

- (68) I **heard** Sally recite a poem yesterday (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
‘**Ouvi** Sally recitar um poema ontem’.
- (69) At the same moment he **heard** a man entering the room (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240).
‘No mesmo momento ele **ouviu** um homem entrando na sala’.

b) construções com verbo de percepção imediata de estado-de-coisas exigem que o estado-de-coisas complemento seja perceptível, enquanto construções com verbo de percepção mental, não, como mostra o contraste entre (68) e (69).

- (68) * We **saw** the discussion be/being useless (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
‘Nós **vimos** a discussão ser/sendo inútil.’
- (69) We saw that the discussion was useless (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
‘Nós **vimos** que a discussão era inútil’

Correspondentemente, construções de percepção mental podem ocorrer com complemento em que há um referente não presente (faltante) na situação percebida ((70)), algo não possível quando o verbo é de percepção visual ((71)).

- (70) We **saw** that one chair was missing (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
‘**Vimos** que estava faltando uma cadeira.’
- (71) *We **saw** one chair miss/missing (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 240)
*‘**Vimos** uma cadeira faltante.’

c) Como exemplo mais específico das restrições precedentes, construções com verbo de percepção imediata de estado-de-coisas não admitem complementos que podem ser negados independentemente ((72)), enquanto construções com verbo de percepção mental aceitam esse tipo de negação ((73)).

- (72) He didn’t see the girl cry/crying (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241)
‘Ele não **viu** a garota chorar/chorando.’
- *He saw the girl not cry/crying
*‘Ele **viu** a garota não chorar/chorando.’
- *He didn’t see the girl not cry/crying
*‘Ele não **viu** a garota não chorar/chorando.’
- (73) He didn’t see that the girl cried (DIK, HENGEVELD; 1991, p. 241)
‘Ele não **viu** que a garota chorava.’
- He saw that the girl didn’t cry.
‘Ele **viu** que a garota não chorava.’
- He didn’t see that the girl didn’t cry.
‘Ele não **viu** que a garota não chorava.’

Ainda de acordo com Dik e Hengeveld (1991), a factualidade é um fator determinante para diferenciar os usos de percepção de estado-de-coisas e os usos de percepção mental nos casos em que o estado-de-coisas descrito no complemento é (i) simultâneo com o estado-de-coisas descrito na oração principal, (ii) perceptível e (iii) positivo. Percepções imediatas de estado-de-coisas são não-factuais, enquanto percepções mentais são semi-factuais, ou seja, o falante pressupõe a verdade do complemento em construções de percepção mental, enquanto ele o não faz em construções de percepção de estado-de-coisas, como se nota nos exemplos a seguir.

- (74) I didn't **see** Sally crying (and I know that she wasn't). (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
'Eu não **vi** Sally chorando (e eu sei que ela não estava)'.
- (75) I didn't **see** that Sally was crying (*and I know that she wasn't).
'Eu não **vi** que Sally estava chorando (*e eu sei que ela não estava)'.

Em (74), apresenta-se o **modo** como o falante adquire o conhecimento do que está descrito no complemento, enquanto em (75) apresenta-se a **percepção** em si. Essa diferença também é refletida na possibilidade de paráfrases de *ver* conforme as duas leituras. O predicado em (74) pode ser parafraseado por “presenciar”, enquanto o predicado em (75) pode ser parafraseado por “perceber”.

- (76) I didn't **watch** Sally crying (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
'Eu não **presenciei** Sally chorando'.
- (77) *I didn't watch that Sally was crying (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
*‘Eu não **presenciei** que Sally estava chorando’.
- (78) *I didn't realize Sally crying (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241)
*/? Eu não **percebi** Sally chorando.¹²
- (79) I didn't **realize** that Sally was crying (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
'Eu não **percebi** que Sally estava chorando’.

¹² Note-se que, no PB, a aceitabilidade da paráfrase é discutível.

Dadas essas possibilidades de paráfrases, Dik e Hengeveld (1991) apontam uma diferença entre os usos dos verbos, notada em várias línguas, na forma de compor construções. O emprego dos verbos que denotam percepção mental se dá da mesma forma que outros verbos que indicam conhecimento ou aquisição do conhecimento. Assim, em inglês, predicados do tipo de percepção mental têm o complemento introduzido por *that*, o mesmo que ocorre com outros verbos que indicam conhecimento, como vemos nos exemplos a seguir.¹³

- (80) a. I **feel that** he is growing rather hostile (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
‘Eu sinto **que** ele está se tornando bastante hostil’.
- b. I **feel him to be** growing rather hostile (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
‘Eu o **sinto** (estar) se tornando bastante hostil’.
- (81) a. I **know that** he is growing rather hostile (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
‘Eu **sei que** ele está se tornando bastante hostil’.
- b. I know him to be growing rather hostile (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 241).
Lit.: Eu o sei (estar) se tornando bastante hostil’.
‘Eu **sei que** ele está se tornando bastante hostil’.

Em português, os complementos dos verbos que indicam percepção mental (como em (80a)), são introduzidos pelas conjunções *que*, do mesmo modo como são introduzidos os complementos que indicam conhecimento ou aquisição de conhecimento, como nos casos dos verbos *saber*, *perceber* e *sentir*, em (83), (84) e (85), respectivamente.

- (82) esperei um po(u)co aí eu voltei... pa jogá(r) o ácido... e eu tava passan(d)o assim jogan(d)o o ácido dentro da caneca né?... eu **vi que** tinha coisa diferente... é:: uma coisinha simples... uma cobrinha verde desse tamanho assim...
[AC-063-NR; L.690]
- (83) [Doc.: uhum ((concordando))] e eu com essa idade tirô(u) todo esse pedaço de estômago fiquei só com cinco centímetros... eu **sei que** eu num posso enchê(r) a boca...
[AC-152- NE; L.107]
- (84) e é interessante que ela teve uma reação ciumenta... e nessa hora... é que eu **percebi que** o que

¹³ Em (a) de (80) e (81), há uma oração completiva finita com sujeito nominativo (*he*), e em (b), uma infinitiva, com sujeito acusativo (*him*).

tinha... era uma coisa assim de de de:... uma mistura de sentimento que devia tê(r) uma ligação com ciúme...

[AC-150-NE; L.170]

- (85) aí chegô(u) na Sé... nós descemos no metrô... fomos até:: esperá(r) o o(u)tro metrô... e num sei mas eu **senti que** aquele lado era o errado

[AC-087-NE; L. 49]

Essencialmente as diferenças entre os verbos de percepção imediata de estado-de-coisas e os verbos de percepção mental consistem no (i) tipo de complemento, em particular a forma da oração complemento do predicado; e no (ii) modo como esse complemento é introduzido. Especificamente, os verbos de percepção podem ter tanto complementos nominalizados, como em (84), quanto complementos finitos, como em (85).

- (84) I **heard** these youths winning (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 242)
‘Eu **ouvi** a vitória desses jovens’.

- (85) I **heard** that these youths had won (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 242)
‘Eu **ouvi** que esses jovens tinham vencido’.

A sentença em (84) indica que o conhecimento da vitória foi adquirido, por exemplo, “através do rádio”, ou seja, o falante teria “ouvido, pelo rádio, a vitória”, enquanto a sentença em (85) indica um evento mais pontual, como se o falante apenas tivesse “ouvido o resultado”. Trata-se, pois, de diferença entre uma percepção imediata e uma percepção não imediata. No primeiro caso o complemento é introduzido sem nenhum complementizador, enquanto no segundo caso o complemento é introduzido por *that*.

Verbos de percepção podem vir acompanhados de complementos no indicativo ou no subjuntivo. A diferença entre esses dois tipos aparece em contextos de negação, como nos exemplos abaixo.

- (86) I didn’t see him swim (DIK, HENGEVELD; 1991, p. 242).
Eu não o **vi** nadar.

- (87) I didn’t see that he was swimming (DIK; HENGEVELD, 1991, p. 242).

Eu não **vi** que ele nadava / estava nadando.¹⁴

Em (86), a interpretação possível é a de que o ato de ter nadado pode ou não ter ocorrido, enquanto em (87) ocorreu a ação de nadar, mas ela não foi testemunhada pelo falante. Isso sugere que, em (86), a percepção imediata do evento da natação é negada pelo falante, enquanto o que se nega, em (87), é a forma como o falante adquire o conhecimento sobre o evento da natação, que, neste caso, pode ter sido por meio de um canal de televisão. Conforme ocorre com outros verbos que designam aquisição de conhecimento, os verbos de percepção são semi-factuais, como na segunda leitura.

Em síntese, de acordo com Dik e Hengeveld (1991), a forma de percepção imediata por meio da visão pode ser de um indivíduo ou um estado-de-coisas, e, nesses casos o verbo é complementado por sintagma ou por uma predicação, respectivamente. Por outro lado, quando o verbo denota percepção mental, ele liga-se a um conteúdo proposicional, construído por meio de oração completiva finita.

2.2. Significados dos verbos representados em *vi* na construção [*vi+ver*]

Os verbos *ir*, *querer* e *deixar* representados em *x*, na construção [*vi+ver*], a depender do contexto em que são empregados, podem tanto apresentar valor lexical quanto atuar na relação com outro verbo, assumindo valor gramatical. A seguir, especificamos, primeiramente, características dos verbos *ir*, *querer* e *deixar*, partindo do uso lexical para, na sequência, apresentar outros usos que interessam para a caracterização das construções [*vi+ver*].

¹⁴ Original em grego: *den ton ida óti koli(m)búse*.

2.2.1. Significados do verbo *ir*

De acordo com o *Dicionário Unesp do português Contemporâneo* (BORBA, 2005), o verbo *ir* tem como sentidos originais *pôr-se na direção (de); deslocar-se; dirigir-se*, ou seja, originalmente, o verbo indica deslocamento espacial, como exemplifica a ocorrência em (88).

- (88) Inf.: a gen::te::... **foi lá** no::... no shopping de lá né?... éh **fomos** também no **muSEU**... e **na:: e na::s piscinas** de água quente
[AC-002; L. 25 - 26]

Na ocorrência (88), o verbo *ir*, em seu uso lexical, indica deslocamento e tem seus espaços argumentais preenchidos pelo Sujeito Agente *a gente* e pelos complementos circunstanciais locativos *lá no shopping, museu e piscinas*. Um uso muito parecido, envolvendo o verbo *ver* é o que se lê em (89):

- (89) aí do corredor dá pa vê(r) a televisão... que tem a câmara no banhe(i)ro... [Doc.: hum::]... e eles viram.... a menina eles **foram lá vê(r)** o banhe(i)ro/ a câmara do banhe(i)ro femini::no... e ele viu a menina pondo a calcinha e viu que jeito que jeito que era o de/ a calcinha cinza né?
[AC-0015; L. 897]

Em (89), o verbo *ir*, também empregado em seu valor lexical, indica deslocamento e tem seu espaço argumental preenchido por *ele* e pelo locativo *lá*, que ocorre seguido da oração de propósito encabeçada por *ver*, que também tem preservada sua estrutura argumental especificada pelos argumentos *eles* e *a câmara do banheiro feminino*. Nesse uso, o verbo *ir* e o verbo *ver* integram duas construções bitransitivas distintas.

Outro tipo de uso do verbo *ir* que nos interessa é aquele em que ele é empregado de modo a compor com outro verbo uma perífrase verbal. Para o tratamento da questão, assumimos, como definido por Olbertz (1998), que perífrase é uma combinação indissociável de um verbo em sua forma finita (e que apresenta significado gramatical) com um verbo na forma nominal de infinitivo, gerúndio ou participípio. Nessa combinação é essencial que a forma finita do verbo assumira um valor gramatical, que pode ser de marcação de Tempo,

Modo/modalidade, Aspecto, etc. Identificamos como usos perifrásticos da combinação do verbo *ir* com o verbo *ver* ocorrências como a mostrada em (90).

- (90) “Inf.: viu o detalhe tudo... eles viram tudo certinho né? e foram lá falá(r) pa menina – “óh sua calcinha é assim assim assado” –... e a menina achô(u) ruim né? – “**vai vê(r)** minha::/.... **vai vê(r)** a minha calcinha né?” – e até se não viram o(u)tra coisa né? que:: eles pode até tê(r) vista se eles viram a calcinha pode até tê(r) visto... aí a menina achô(u) ruim foi lá reclamá(r) e::... e deu rolo né? falô(u) até na rádio

[AC-015; L. 901-902]

Em (90), o verbo *ir* não é complementado por argumentos que indiquem lugar ou propósito, como ocorre nos usos lexicais mostrados em (89), mas liga-se ao verbo *ver*, funcionando como operador gramatical de tempo futuro. Assim, em (90), o verbo *ir* associa-se diretamente ao verbo *ver*, compondo uma *perífrase verbal temporal*, que, no caso, pode ser parafraseada pela forma temporal sintética (*eles*) *verão* (*minha calcinha*).

Há, no entanto, usos em que o verbo *ir*, apesar de ligado ao verbo *ver*, não atua como operador gramatical sobre este, pois os dois verbos passam a formar um todo dotado de sentido, conforme o que se apresenta em (91).

- (91) Doc.: e qual outra briga? tem mais alguma? tem um MONte que cê me contô(u)
 Inf.: É mas as o(u)tras eu num lembro
 Doc.: e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) vê(r)**... algu::m prê::mio que cê ganhô::(u)?

[AC-005-NE; L.68]

Em (91), o verbo *ir* não está empregado em seu valor lexical nem perifrástico, uma vez que não indica nem deslocamento nem futuridade e não tem estrutura argumental própria. Apesar de se ligar a outro verbo no infinitivo, usos como esse não permitem leitura perifrástica, uma vez que a substituição de *vamos ver* por *veremos* imprimiria outro sentido ao que o falante quis expressar, ou seja, a forma parafraseada *e tem alguma coisa assi::m? veremos... algu::m prê::mio que você ganhou..* não soa da mesma forma que a original. Corrobora essa leitura o emprego do verbo *ver*, que não expressa valor evidencial nem percepção mental, já que não é acompanhado de complemento que indique, semanticamente,

aquilo que é percebido quer por meio da visão quer da mente. Trata-se, portanto, de um novo pareamento de forma e significado, com valor discursivo, cujas partes não podem ser analisadas separadamente; logo, esse tipo de combinação é o que constitui alvo de nossas análises.

A partir desta breve apresentação do verbo *ir*, consideramos, nesta tese, que usos lexicais são aqueles em que *ir* indica deslocamento espacial, com propósito indicado pela oração infinitiva, como em (89); usos perifrásticos consistem na combinação de *ir*, em sua forma finita, expressando tempo, com *ver*, na forma não-finita, indicando percepção visual, como em (85); e, por fim, usos construcionais são aqueles em que *ir* e *ver* não são analisáveis separadamente ou formando perífrase, mas constituem uma construção de funcionamento interno ao discurso.

2.2.2. Significados do verbo *querer*

Para Mira Mateus *et. al.* (1989), o verbo *querer* faz parte do grupo de verbos prototípicos que indicam volição, tais como *desejar*, *esperar*, *ousar*, *preferir*, *pretender*, *recear*, *recusar*, *temer*, *tencionar* e *tentar*, como se pode ler em (92).

- (92) quando eu:: vô(u) fazê(r) meus pedido eu ficava pensando como que... uai eles vão separá(r) o que eu tô pedindo... eu **quero**... uma colônia **quero** dois desodorante **quero** uma pós barba... como que:: né?.

[AC-128- DE; L.148]

Nessa ocorrência, o verbo *querer*, indicando o desejo do referente do Sujeito, o falante, de ter a posse de algo, tem seus espaços argumentais de Sujeito e de Objeto preenchidos por entidades de primeira ordem, respectivamente, um pronome de primeira pessoa *eu* e termos referentes ao objeto de desejo, *uma colônia*, *dois desodorante*, *uma pós barba*. Trata-se, pois, de um uso em que o verbo manifesta seu valor lexical.

De outra parte, quando ligado a outro verbo, especialmente na forma nominal de infinitivo, *querer* assume valor gramatical à medida que passa a desempenhar comportamento semelhante a de verbo auxiliar. Para Gonçalves *et al.* (2008, p.1027), predicados que expressam volição (como *querer*), seguidos de verbos na forma infinitiva, fazem parte do grupo de construções envolvendo predicados cujos significados e configuração se aproximam dos de auxiliares, dado seu estágio de gramaticalização rumo à formação de perífrases verbais que codificam um único estado-de-coisas. Para Neves (1996), Cassimiro (2007), Sousa e Dias (2014) e Travaglia (2016), o verbo *querer*, quando acompanhado de uma forma verbal nominal, atua como um verbo semi-auxiliar, e juntos formam uma perífrase verbal com a função de marcar modalidade, aqui, entendida em seu sentido mais amplo como a explicitação de atitude psíquica do falante em face da situação que exprime. Especialmente no caso da combinação dos verbos *querer* e *ver*, a modalidade se manifestaria na forma de volição, como claramente assume Castilho (2010, p.451) ao afirmar que esses verbos juntos formam uma perífrase de infinitivo indicadora de volição. Em face dessas descrições, consideramos casos em que *querer* e *ver* ocorrem juntos em perífrase indicativa de volição, como exemplifica a ocorrência em (93).

- (93) NISSO eu ouVI... e fiquei desesPERADA parei de comê(r) na HORA empurrei o prato e falei falei –“tia que que FO::I?”–“meu pai meu pai e minha mãe caíram da mo::to?”–... e eu tava desesPERADA porque que/ eu t/ eu **queria vê(r)** minha MÃE **queria vê(r)** meu PAI tava CHORAN(d)O fiquei desesPERADA

[AC-008-NR; L. 60]

Na ocorrência, os verbos *querer* e *ver* partilham o mesmo sujeito pronominal “eu”, o que revela tratar-se de um único estado-de-coisas. Enquanto, na perífrase, *querer* é um verbo (semi-)auxiliar marcador volição, *ver* preserva seu caráter evidencial de percepção visual e tem como complemento entidades de primeira ordem do tipo indivíduo, *minha mãe* e *meu pai*, participantes de sua estrutura argumental.

Há usos em que a função de auxiliar (ou semi-auxiliar) do verbo *querer* sobre o verbo *ver* não se mostra clara, e os limites entre os dois verbos se tornam tênues, de modo que ambos têm seus valores lexicais apagados. Assim, *querer* não expressa volição e *ver* não expressa percepção (visual ou mental), e juntos passam a formar uma unidade indissociável, cujo sentido não é mais apreensível a partir da leitura de suas partes, como se lê em (94).

- (94) ah quando eu era moça tinha:.... **qué(r) vê(r)** ... eu tinha uns dezoito anos... eu namorava um PRImo meu... que até o sobrenome é igual... e meu pai num queria NEM VÊ(r)...
[AC-122-NE; L. 5]

Em (94), a construção [*querer ver*] em negrito não tem estrutura argumental clara, uma vez que ela se enfraquece, levando à perda de sujeito e complemento. Somado a isso, embora não expresso linguisticamente, pode-se inferir, por se tratar de um diálogo, um pronome de segunda pessoa implícito, *você*, antecedendo a construção, o que revela que o alvo da construção seria o interlocutor, sem indicação, porém, de volição. Esse é considerado um uso de valor discursivo, em que forma e sentido são indissociáveis; este é, portanto, também foco de nossas análises.

Com base nessa breve apresentação dos usos de *querer* que nos interessam para a argumentação desta tese, resume-se que usos lexicais são aqueles em que o espaço argumental do verbo *querer* é preenchido por instâncias de primeira ordem; enquanto usos que caracterizam perífrase de infinitivo indicadora de volição são aqueles em que o *querer* atua como operador modal sobre *ver*, este podendo indicar percepção tanto visual (ativa ou passiva) quanto mental; usos construcionais são aqueles em que o valor de volição de *querer* é levemente apagado, já que não há a expressão de desejo, e o de verbo *ver* como evidencial se perde totalmente, em razão da não necessidade de realização de complemento.

2.2.3 Significados do verbo *deixar*

Conforme Travaglia (2007), o verbo *deixar* apresenta mais de um valor lexical,¹⁵ que, de forma resumida pode indicar:

- a) separação de algo ou alguém de outro ou outrem no espaço, no tempo ou na noção (sentimento, atividade, fé, ação, possibilidade, vontade, intenção, etc);
- b) afirmação ou negação da separação;
- c) causa da separação: decisão própria, decisão de outrem, fato ou fenômeno interveniente e sobre o qual não se tem controle ou consciência (como morte, doença, distração, etc);
- d) atividade ou passividade de um potencial agente envolvido.

(TRAVAGLIA, 2007, p. 13)

A ideia de separação, afastamento, e/ou abandono expressa por *deixar* segue exemplificada pela ocorrência em (95).

- (95) foi conhecê(r) a família do moço vê(r) se dava certo.. que nada o moço já tinha ido embora fugido... aí:: ele falô(u) –“bom... quem sabe cê arruma um casamento e se casa”– ela falô(u) – “eu num vô(u) ficá(r) vô(u) arrumá(r) serviço”–... aí **deixô(u)** ele aqui... e:: ele tava um po(u)quinho maior/ maiorzinho... nisso veio que ela tinha feito concurso pra í(r) pra Brasília... e aí o menino tava com quarenta e po(u)cos dias aí ela... saiu pulan(d)o de felicidade aí... e **deixô(u)** ele com nós... ele com nós até hoje ele... ele criô(u) hoje... esse menino... e::...
- [AC-140-NR; L. 183]

Na ocorrência, o verbo *deixar*, empregado em seu valor lexical, expressa a ideia de afastamento, em que um agente, *ela*, *deixa*, no sentido de se *separar*, o *menino* com a família e parte para *Brasília*. O espaço argumental de Sujeito e Objeto de *deixar* é preenchido por entidades de primeira ordem, e o verbo instancia uma construção transitiva.

Por outro lado, os usos gramaticais¹⁶ do verbo *deixar*, de acordo com Travaglia (2007, p.42), são mais recorrentes que os lexicais, e podem ser divididos em três grupos. O uso mais frequente é aquele que o verbo *deixar* atua como marcador de modalidade de permissão (*deixar+infinitivo; deixar+que+oração com verbo no infinitivo*), seguido do uso como verbo

¹⁵ Optamos por não elencar todos os valores aqui, pois, na metodologia adotada, todos os usos com valor lexical entram em bloco como um único fator em contraposição ao valor gramatical que é foco da pesquisa.

¹⁶ Todos esses usos estariam passando, em maior ou menor grau, por um processo de gramaticalização.

de ligação (ex.: *o filme me deixou pensativo*), e, por fim, indicando cessamento (*deixar+de+infinitivo*). Interessa-nos, especialmente, a atuação do verbo *deixar* como marcador de permissão, uma vez que, nesses casos, a associação *deixar+infinitivo* é uma das possibilidades possíveis, a par da combinação *deixar+que+oração finita*. Semanticamente, nesses usos, ao verbo *deixar* está acoplado um valor de *poder*, diante da possibilidade de que aquele (ou aquilo) que deixa passa o poder para outrem (ou outro) (TRAVAGLIA, 2007, p. 14).

- (96) – Então? Achou, ahn?
 Fiquei ofuscado com a repentina claridade. Fechei os olhos e recuei. Isabel olhava da porta. O homem avançou sem que eu fizesse o menor movimento:
 – Me dá aqui. **Deixa ver.**
 Estendi-lhe a bolsa num gesto frouxo. Se ele tivesse mandado que eu caísse de quatro, teria obedecido.

[CP2, 1950 – 2000, literatura romanesca]

Como se lê em (96), um interlocutor pede ao outro, por meio da construção *deixa ver*, permissão para *ver* um objeto (*a bolsa*). Aquele que concede a permissão dá ao outro a possibilidade de realização de um estado-de-coisas, e, assim, ao *estender a bolsa num gesto frouxo*, há a concessão de uma permissão. De acordo com Travaglia (2007, p. 14), essa seria a expressão da modalidade de permissão. Esse uso também se caracteriza pelo emprego do verbo *ver* em seu sentido evidencial de percepção, cujo complemento, mesmo que não explícito linguisticamente, é recuperável no contexto.

Outro uso do verbo *deixar* que nos interessa é aquele em que ele não atua como operador modal do verbo *ver* – embora ainda guarde marca modal de intenção –, mas passa a formar com ele um todo dotado de sentido, conforme se lê em (97).

- (97) Doc.: QUALQUER TEMpo
 Inf.: qualquer tempo?
 Doc.: é... qualquer coisa
 Inf.: **de(i)xa eu vê(r)** ((o Inf. pensa um tempo))

[AC-007-NR; L. 45]

Em (97), a combinação de *deixar* e *ver* expressa, linguisticamente, uma atividade cognitiva (pensar), e atua no plano do discurso, com foco na situação comunicativa. De certa forma, o locutor retoricamente pede permissão a seu interlocutor para pensar/lembrar de alguma informação, mas, diferentemente do uso modal, nesse não se espera uma resposta explícita, seja linguística ou atitudinal. Trata-se, pois, de um uso com valor discursivo, em que forma e sentido são indissociáveis, logo, foco das nossas análises.

Em suma, o uso lexical do verbo *deixar* caracteriza-se pelo sentido expresso de *separação, afastamento, e/ou abandono* e pelo preenchimento da estrutura argumental do verbo com referentes nominais de primeira ordem; o uso gramatical que nos interessa caracteriza-se pelo papel de modificador do verbo *deixar* sobre o verbo *ver*, expressando modalidade de permissão; o uso construcional marca-se pela função discursiva, em que o valor de permissão do verbo *deixar* é parcialmente apagado e o valor evidencial do verbo *ver* é totalmente apagado.

Com base na apresentação dos sentidos dos verbos que compõem a construção [*VI+ver*], podemos afirmar que o valor expresso por esses verbos está relacionado com o contexto em que ocorrem e pelo tipo de complemento que instanciam. Assim, o verbo *ver* pode indicar tanto percepção visual passiva e ativa, quanto percepção mental; enquanto que os verbos *ir, querer* e *deixar* compartilham a possibilidade de assumirem valor lexical, e, quando juntos do verbo *ver*, expressarem valor gramatical ou construcional. Essas observações serão essenciais para a análise dos dados, pois ajudarão na caracterização das construções [*VI+ver*] de modo a revelar traços – da forma e do significado – necessários para a identificação dos possíveis micropassos da mudança construcional.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme já apresentado, o aparato teórico que alicerça esta tese preza pela análise de dados reais da língua, o que nos levou à busca de ocorrências em *corpora* de língua falada e escrita do português contemporâneo. Por se tratar de uma investigação que busca evidências dos micropassos de mudança construcional das construções *[vI+ver]* e de pistas que permitam atestar a hipótese de que essas construções são fruto de um processo de construcionalização, também recorreremos à busca de dados em *corpora* diacrônicos. Essencialmente, as análises dos dados foram feitas com base em parâmetros que ajudam a mapear os usos das construções no plano tanto da forma quanto do significado.

3.1. *Corpora* de análise

A busca sincrônica de ocorrências das construções *[vI+ver]* foi feita a partir de dois *corpora* do PB (um de língua escrita e um de língua falada). Um dos propósitos dessa seleção foi verificar qual modalidade da língua favorece a ocorrência das construções *[vI+ver]*, especialmente aquelas com valor discursivo.

O *corpus* que nos serviu para busca de ocorrências de língua escrita do PB contemporâneo provém de um banco de dados com mais de duzentos milhões de palavras de língua escrita, disponível no Centro de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara. Desse banco de dados utilizamos especialmente o *corpus* principal, que tem aproximadamente 12 milhões de palavras e é composto por diferentes tipos de texto: “Literatura Dramática (LD)”, “Literatura Jornalística (LJ)”, “Literatura Oratória (LO)”, “Literatura de Propaganda (LP)”, “Literatura Romanesca (LR)” e “Literatura Técnica (LT)”.

Tendo em vista que o processo de mudança pode ser deflagrado em qualquer modalidade da língua, especialmente na falada, para a amostra de ocorrências de fala

adotamos o Banco de Dados IBORUNA, de responsabilidade do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), sediado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – São José do Rio Preto, e disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. As amostras de fala desse banco de dados foram coletadas na região de São José do Rio Preto e compõem-se dos seguintes tipos de textos: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de procedimento (RP), relato de descrição (DE) e relato de opinião (RO).

A par da investigação sincrônica também foram feitas buscas em dois *corpora* que reúnem textos do português histórico, com a finalidade de encontrar a origem das mudanças que ocorrem nas combinações dos verbos representados em *vi* com o verbo *ver*, até a formação da construção [*vi+ver*] com valor discursivo. Para tanto, utilizamos o conjunto de textos reunidos no Banco de Dados Informatizados de Texto do Projeto “Para a História do Português Brasileiro” (daqui em diante, BIT-PROHPOR), sediado na Universidade Federal da Bahia. Também fizemos busca de dados em textos do Português histórico, compilados no Projeto “Cópus Diacrônico do Português” (daqui em diante, CDP), disponível em <<http://www.cdp.ibilce.unesp.br>>. Estão abrigados nestes *corpora* históricos textos do Português datados dos séculos XIII ao XX, de diferentes tipologias textuais, dentre as quais citam-se: documentos de administração pública, documentos de esfera privada, textos literários e textos de jornais.

Após busca de dados nos *corpora* diacrônicos, constatamos que usos que aqui consideramos como construções esquemáticas ocorrem, com baixa frequência, apenas nos séculos XIX e XX, enquanto usos em que os verbos representados em *vi* e o verbo *ver* expressam valor lexical e/ou perifrástico foram encontrados em todos os séculos pesquisados. Preferimos, assim, fazer uma breve descrição desses casos, aqui na Metodologia, a fim de explicar o porquê não foi feita uma análise diacrônica com base nos usos encontrados.

Foram encontradas ocorrências como a mostrada em (98) nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX, XX e XXI, uso que, conforme já mostramos na caracterização do verbo *ir*, configura-se como um uso perifrástico, em que *ir* imprime marca gramatical indicadora de passado ao verbo *ver*.

- (98) foge o peixe do meio dela para os baixos e recôncavos onde elas não podem andar, as quais às vezes para o irem seguindo dão em seco como aconteceu no rio de Piraojão o ano de 1580 que ficaram neste rio duas em seco, macho e fêmea, as quais **foi ver** quem quis e eu mandei medir a fêmea que estava inteira e tinha do rabo à cabeça setenta e três palmos de comprido e dezassete de alto afora a que tinha metido pela vasa em que estava assentada;
[Notícia do Brasil de G S Sousa – século 16, CAPÍTULO CXXV, p.146]

No que diz respeito aos usos de *[vi+ver]* com valor discursivo, foi encontrada apenas uma ocorrência no século XIX, conforme se lê em (99).

- (99) O crioulo, pela primeira vez na discussão teve o coração ferido por uma ponta de receio. Mas não recuou: — Mecê não vai fazê isso.
— Faço, por que não?
— Mecê arrepende...
— **Vamos ver.**
Nas construções, já muito adiantadas, os homens trabalhavam, enquanto o ruído dos martelos e pedras quebradas enchia a solidão do dia.
— Bento! Bento! — gritei.
Era um crioulo forte que me servia com fidelidade e zelo.
— Arranje por aí mais três homens dispostos, armados de machado e venha comigo.
[Jornalismo de 1500 a 1900 – VOL – O volatim – 1822]

Nessa ocorrência, a construção *[ir+ver]* tem por finalidade encerrar o tópico discursivo e, ao mesmo tempo, expressa um tom de desafio por parte do locutor. O uso exemplificado em (100), também com valor discursivo, ocorreu uma única vez, no século XX, nos *corpora* que serviram de base para a pesquisa.

- (100) É espantoso de-fato que se ofereça um cargo a quem não pede nada, nesta política, mas foi o que sucedeu. Pensei, pensei uma semana, percebi bem que era esse um processo de acabar com o horrível vazio, a sofredora hesitação mental em que estava e aceitei. **Vamos a ver...**
E recebi as provas do livro que você me mandou pelo Fernando Mendes de Almeida. A

correção está ótima.

[Cartas de Mário de Andrade – século 20, p. 07]

Note-se que nesse uso há presença de material interveniente entre os verbos *ir* e *ver*, o que levanta a hipótese de que a construção [*vi+ver*] com valor discursivo pode ter se originado desse tipo de uso. No entanto, devido à baixa ocorrência desse caso em dados diacrônicos, preferimos não nos comprometer com essa hipótese.

No século XX, foram encontrados dois usos em que o verbo *ir*, apesar de ter seu espaço argumental preenchido pelo locativo *lá*, também atua como parte de uma construção com valor discursivo, conforme se lê em (101) e (102).

- (101) Quando chegou o dia, o pastor, disfarçado com o habito do abbade de S. Gall, foi introduzido na sala onde o imperador presidia ao conselho do imperio.
 – Então senhor abbade, parece que está mais magro; deulhe muito pensar a chave do enigma?
Vamos lá ver a primeira pergunta: Quanto valho eu em dinheiro?
 – Senhor, o filho de Deus Nosso Senhor Jesus Christo foi vendido por trinta dinheiros, sua magestade vale a justa vinte nove, só um dinheiro menos.
 [O Poder Moderador – século 20, p. 58]

- (102) Bravo, senhor abbade, a resposta é habil, e na realidade não posso deixar de me mostrar satisfeito. Mas vamos á segunda pergunta, não ha de ser tão facil encontrar a resposta. **Vamos lá a ver**: Quanto tempo levaria eu a dar a volta ao mundo?
 – Senhor, si vossa magestade se levantar ao romper do dia e puder seguir constantemente passo a passo o sol no seu giro, bastam-lhe vinte e quatro horas.
 [O Poder Moderador – século 20, p. 59]

Observa-se que nas duas ocorrências o locativo *lá* não indica lugar, mas atua como parte de uma construção formada pelos verbos *ir* e *ver* com a função discursiva de introduzir uma porção discursiva subsequente, no caso uma pergunta. Essa também poderia ser considerada uma forte evidência de que as construções [*ir+ver*] com valor discursivo têm origem nesse uso – ou ainda, de modo mais geral, têm origem em usos em que há material interveniente entre os verbos *ir* e *ver* –, mas, devido à baixa ocorrência (apenas duas ocorrências) e ao fato de essas ocorrências se darem em uma única obra (AJM), também

preferimos não assumir essa hipótese para mapear os micropassos das mudanças construcionais que levam à formação de *[ir+ver]*.

Quanto aos usos de *[querer+ver]*, foram encontradas, nos séculos XIV, XV, XVI, XVII e XIX, apenas ocorrências em que o verbo *querer* atua como operador modal do verbo *ver*, ou seja, usos perifrásticos, a exemplo dos que se mostram em (103) e (104).

(103) — Peçote, Senhor, que vejas a minha vôtade, ca te **querya veer**, ante que saysse deste mûdo.

[Crônica Geral de Espanha de 1344 – século 14, p. 19]

(104) que muitos delles mattaram hos filhos, afogandohos, & lançandohos em poços, & rios, & per outros modos, **querendo antes vellos** acabar desta maneira, q nam apartallos de sim, sem sperança de hos nunca mais verẽ, & pella mesma razão muitos delles se mattauam asim mesmos.

[Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel – século 16, p. 35]

Em (103) o verbo *querer* imprime marca de volição ao verbo *ver* e, em (104), apesar de haver elemento interveniente entre os verbos *querer* e *ver*, essa mesma marca é mantida. Uma suposição a ser levantada é que usos perifrásticos seriam antecidos por outros usos em que ocorre material interveniente entre os verbos, no entanto, por termos encontrado apenas uma ocorrência, e devido ao nosso foco de pesquisa ser as construções *[vI+ver]* com valor discursivo, não levaremos em consideração esse tipo de uso para traçar as diferenças – especialmente do plano da forma – das mudanças que ocorrem nas construções *[vI+ver]*.

Por fim, no que diz respeito a *[deixar+ver]*, foram encontradas apenas ocorrências com valor perifrástico, nos séculos XVII e XIX, conforme exemplificamos em (105).

(105) Foi elle acertado no pensamento, que bem se **deixou ver** na prudencia, generosidade, & mais qualidades que seruem de ornamento á Magestade Real, quanto obrarão em seu filho os primeiros ensaios de Lourenço Gôçalues Magro.

[Historiografia de Alcobça – século 17, p. 20]

O que se nota em (105) é o valor modal de permissão que o verbo *deixar* imprime ao verbo *ver*, o que permite a paráfrase *que bem permitiu se notar na prudência*. Usos de *[deixar+ver]* com valor discursivo não foram encontrados em outros séculos além do XXI.

Portanto, os dados encontrados em *corpora* diacrônicos não são suficientes para afirmarmos categoricamente a origem das mudanças que levaram aos usos construcionais de *[vI+ver]*, por que apenas foi encontrado, com baixíssima frequência, uso de *[vI+ver]* com valor discursivo nos séculos XIX e XX; e não foram encontrados usos construcionais de *[querer+ver]* e de *[deixar+ver]* nos *corpora* que serviram de base para a pesquisa.

Uma das hipóteses desse resultado é que os tipos de textos que compõem os *corpora* não favorecem a ocorrência de usos discursivos. Corroborar essa afirmação a observação de que as únicas construções de *[ir+ver]* com valor discursivo encontradas nos *corpora* de português histórico ocorrem em situações de diálogo ((99), (100) e (101)) e em carta com interlocutor definido ((102)), ou seja, em contextos que se aproximam da língua falada.

Devido ao que foi aqui exposto sobre os dados de diacronia, optamos por privilegiar a análise sincrônica, uma vez que a baixa frequência de dados nos *corpora* diacrônicos impediria afirmações seguras sobre a mudança construcional envolvendo a construção *[vI+ver]*. Nesse sentido, não nos comprometemos, nesta tese, com uma análise diacrônica detalhada, mas apenas especulativa.

Inicialmente também foi planejada uma análise quantitativa dos dados, mas como estão envolvidos dados provenientes de *corpora* com extensões diferentes, os resultados de frequência poderiam ser enviesados por vários fatores, especialmente pela quantidade de palavras de cada *corpus*. Além disso, tendo em vista que as construções *[vI+ver]* com valor discursivo, foco desta investigação, ocorrem em contextos específicos de uso, preferimos uma análise qualitativa, de modo a não descartar ocorrências encontradas, a fim de mostrar o maior

número de traços do plano da forma e do significado que propiciam as mudanças construcionais e favorecem o aparecimento dessas construções e sua fixação na língua.

3.2. Parâmetros de análise

Os critérios de análise determinados têm com objetivo ajudar a delinear as propriedades da forma e da função das combinações dos verbos expressos em *v1* com o verbo *ver*. O que se pode observar a partir dos critérios apresentados a seguir é que, mesmo que à primeira vista um critério esteja mais relacionado com a forma da construção, o efeito de sua análise pode levar à identificação de propriedades concernentes ao seu sentido. Assim, preferimos não dividir os critérios em dois grupos, mas sim apresentá-los mostrando as hipóteses que os norteiam quanto à relação entre forma e significado.

1) Presença de material interveniente na construção

Sob esse critério de análise, investigamos se e como a presença de material interveniente entre o verbo expresso em *v1* e o verbo *ver* interfere no valor da construção [*v1+ver*]. A hipótese que norteia esse critério é a de que a presença de material interveniente favorece, em maior ou menor grau, uma leitura composicional, fazendo aumentar a produtividade e diminuir a esquematicidade.

2) Sujeito e pessoa gramatical expressos na construção [*v1+ver*]

O segundo critério utilizado para diferenciar os tipos de usos das construções [*v1+ver*] tem por objetivo verificar o tipo de sujeito com o qual o verbo em *v1* concorda, já que o verbo *ver*, nos dados selecionados para esta pesquisa, sempre estará na forma nominal.¹⁷ A hipótese que orienta esse critério é a de que o sujeito que acompanha a construção [*v1+ver*] (e também

¹⁷ Com exceção do uso *vai vendo*, com o verbo *ver* no gerúndio, em todos os outros usos o verbo *ver* ocorre no infinitivo.

a ausência de sujeito) pode influenciar na função da construção, em sua composicionalidade, esquematicidade e produtividade.

3) Tempo e modo verbal de *vI* na construção [*vI+ver*]

Avaliamos em que medida o tempo e o modo verbal de *x* podem influenciar na função da construção. As hipóteses que motivam as análises que têm esse critério como referência é a de que usos mais composicionais permitiriam maior variação de tempo e modo, enquanto usos menos composicionais são mais restritivos quanto a esse fator; construções mais produtivas permitem maior variação de tempo e modo, e construções mais esquemáticas são menos variáveis quanto a esse critério.

4) Negação

Este critério de análise tem como mote a hipótese de que a negação pode influenciar o valor de uma construção. Sob essa perspectiva, usos mais composicionais poderiam ser negados, pois a negação incidiria nas partes que integram uma construção, já os usos menos composicionais não permitiriam a negação da mesma forma; usos mais produtivos permitiriam a negação e usos menos esquemáticos não favorecem a ocorrência de negação.

5) Tipos de complementos de [*vI+ver*]

Analisamos os tipos de complemento de [*vI+ver*] considerando a hipótese de que a ausência ou presença de complemento influencia a função da construção e, paralelamente, seu grau de composicionalidade, esquematicidade e produtividade. Baseando-nos nos tipos de complemento para o verbo *ver* apontados por Dik e Hengeveld (1991), serão analisados os seguintes tipos de complemento:

a) Indivíduos

- (106) Não é mau. Mas eu entro também. Se eles vão **ver minha filha**, eu vou vê-los ver a minha filha. (Saem)
[CP2, 1950 – 2000, literatura dramática]

b) Estado-de-coisas

- (107) ele falô(u) pra mim que ia embora e eu falei assim –“não... então espera um po(u)co... eu vô(u) chamá(r)... os filhos né? e **vamo(s) vê(r)** o que nós vamo(s) fazê(r) né?”–...
[AC-103-NE; L. 57]

b) Conteúdo proposicional¹⁸

- (108) depois eu vô(u) te mostrá(r) uma tela que tá ali... que **eu vô(u) VÊ(r) se** ela tá seca... que já faz mais de cinco meses...
[AC-086-RP; L.391]

c) ausência de complemento

Embora o funcionamento do verbo *ver* sem complemento não seja descrito por Dik e Hengeveld (1991), a busca de dados no *corpora* de análise revelou muitas ocorrências de *[vI+ver]* desprovidas de complemento. A hipótese que se testa é a de que, por apresentar comportamento não esperado, a construção com o verbo *ver* adquire novo valor, passando a atuar na estruturação do discurso, uma vez que o verbo *ver* deixa de atuar como verbo de percepção visual ou mental.

- (109) Doc.: e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) vê(r)**... algu::m prê::mio que cêganhô::(u)?
Inf.: tenho
Doc.: que/ que prêmio é esse?
[AC-005-NE; L.68]

¹⁸ Como Sousa (2007), consideramos que *[x+ver+se]* é uma construção modal independente (e não uma construção matriz). Assim, é possível considerar que a construção em si incide sobre um conteúdo proposicional.

Por fim, alguns critérios serão aplicados especialmente para o grupo de construções com valor discursivo, a fim de perfilar a função de *[vI+ver]*. Nesse sentido, seguindo Riso (2006) e Urbano (2006), observaremos:

- (a) relação sintática com a estrutura oracional.
- (b) demarcação prosódica.
- (c) autonomia comunicativa.
- (d) Massa fônica.

A hipótese que norteia esse último grupo é a de que construções *[vI+ver]* com os critérios acima, explicitados na página 20, apresentam características prototípicas de marcadores discursivos.

4. CONSTRUÇÕES [VI+VER] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Com base nos parâmetros de análise apresentados, identificamos, nos *corpora* de pesquisa, quatro combinações possíveis de *vi* (= *ir*, *deixar* e *querer*) com o *ver*, que serão descritas nesta seção com duas finalidades centrais e inter-relacionadas: a) propor micropassos da mudança que teriam levado à formação da construção [*vi+ver*] com valor discursivo; b) identificar nas construções [*vi+ver*] com valor discursivo traços herdados de usos mais lexicais ou menos gramaticais. Primeiramente, vamos apresentar e caracterizar os usos das combinações encontradas e analisar os graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade de cada um deles. Especialmente para as construções com valor discursivo também serão analisados os graus de (inter)subjetividade com base na função textual e interacional que podem desempenhar. Após a caracterização dos quatro usos encontrados, explicitaremos, a partir de conclusões parciais, a relação entre mudança construcional, construcionalização e (inter)subjetivização.

Para a sistematização dos graus de composicionalidade das combinações de *vi* com *ver*, vamos utilizar a representação das formas superficiais das construções em estudo, com base em Goldberg (1995, 2006). Partimos do pressuposto de que existem construções em todas as línguas e de que elas são essenciais para descrição efetiva de padrões incomuns ou especialmente complexos e também podem ser invocadas para explicar os padrões básicos e regulares da linguagem (GOLDBERG, 2006, p. 9).

Apresentamos, de antemão, as representações superficiais possíveis dos usos do verbo *ver*, já que ele integra todas as combinações verbais em análise. Em primeiro lugar será mostrada a representação das formas superficiais das construções com verbos de percepção sensorial passiva, visto que o verbo *ver* refere-se essencialmente a uma habilidade sensorial passiva; em seguida, descrevemos a forma superficial de construções com verbos que

denotam percepção ativa, para depois tratarmos das construções com os verbos que indicam percepção mental. A forma de representação dos usos do verbo *ver* será retomada nas partes dedicadas à esquematização das construções com *[ir+ver]*, *[querer+ver]* e *[deixar+ver]*.

a) Verbos de percepção sensorial passiva e ativa

Feitos os testes propostos em (3.1) para assegurar que os verbos de percepção foram empregados em seu valor passivo, conforme em (110), podemos esboçar uma representação superficial das construções com os verbos de percepção passiva, como mostra a figura 10.

- (110) com receio de acontecê(r) de novo... e aGOra... toda vez que ela **vê** um caminhão assim ela tenta desviÁ::(r) lebran::do do aciden::te... num aconteceu nada de GRAVe com ELA mas...
[AC-012-NR; L. 106]

Sem.:	PERCEPÇÃO SENSORIAL PASSIVA	(Experienciador	Estímulo/EsCo ou Indivíduo)
	 Verbo	 ()
Sint.:		Suj	Obj

Figura 10: Construções com verbo de percepção sensorial passiva

Estruturalmente, a representação das formas superficiais das construções integram elementos de forma e função. Nesse caso, na primeira linha está a apresentação semântica da construção. Construções com verbos de percepção sensorial passiva envolvem um predicado com dois argumentos nos papéis de Experienciador (passivo) e Estímulo. Na segunda linha está a representação sintática da construção. Notamos, a partir da representação sintática e semântica, que as construções desse tipo seguem o princípio norteador da Gramática de Construções, uma vez que se nota uma fusão entre forma e função. Assim, o verbo e seus argumentos estão integrados e ligados por linhas que indicam a ligação entre a forma e a função. Com esse retrato da forma superficial, as propriedades das construções são especificadas. É importante notar que essa forma superficial pode ser aplicada a outras construções. Aqui, especificamente, vamos nos deter nas construções compostas pelos verbos

expressos em *vi* e *ver*, mas destacamos que esses verbos podem integrar construções mais gerais, como construções transitivas, por exemplo.

Quanto à percepção ativa, os usos do verbo *ver* admitem como complemento estado-de-coisas (EsCo) ou, como mostra (111), Indivíduo. A esquematização da forma superficial das construções com verbos de percepção ativa é mostrada na figura 11, dada na sequência.

- (111) [Doc.: hum:::]... e eles viram... a menina eles foram lá **vê(r)** o banhe(i)ro/ a câmara do banhe(i)ro femini::no... e ele viu a menina pondo a calcinha e viu que jeito que jeito que era o de/ a calcinha cinza né?
 Doc.: viu até o detalhe
- [AC-015-RO; L. 897]

Sem.:	PERCEPÇÃO SENSORIAL ATIVA	(Experienciador	Alvo/EsCo ou Indivíduo)
	 Verbo	 ()
Sint.:		 Suj	 Obj

Figura 11: Construções com verbos de percepção sensorial ativa

Assim como verbos de percepção sensorial passiva, verbos de percepção sensorial ativa requerem dois argumentos, um deles no papel semântico de Experienciador (ativo) e o outro no papel de Alvo, podendo este representar tanto EsCo, especialmente em ocorrências com verbos de percepção visual, como Indivíduo. Na segunda linha, está a representação sintática da construção, que é a mesma dos verbos de percepção passiva.

b) Construções com verbos de percepção mental

Como mostrado na seção 3.1, verbos de percepção sensorial podem apresentar extensão de significado e passarem a indicar percepção mental. Notamos, com base nas análises dos dados, que essa percepção somente pode ser ativa, uma vez que, para realizar um cálculo mental baseado em alguma evidência, é necessário que o sujeito o faça de modo ativo. Exemplifica esse uso a ocorrência em (112)

- (112) ... cê TRAI... só que ninguém VIU ah ninguém viu tal mas eu acho que acima de tudo Deus viu... e:: ele é o que:: né?... é o que realmente:: vale pra tudo hoje em dia... enTÃO é ele **vai VÊ(r)** que você num tá fazen(d)o por merecê(r) aquela pessoa especiAL...
[AC-079-RO; L.149]

Nesse uso, o verbo *ver* compõe com o verbo *ir* uma perífrase verbal indicadora de futuro, ou seja, projeta uma situação futura em que o referente do Sujeito (= Deus) vai *ver* (inferir) que *aquela que trai não está fazendo por merecer aquela pessoa especial*. Trata-se, nesse caso, de percepção mental projetada para um Sujeito Experienciador (*Deus*) com capacidade de inferir com base em uma evidência (*ele viu a pessoa trair*). Para esse tipo de emprego do verbo *ver* indicando percepção mental, temos a forma superficial representada na figura 12.

Sem.:	PERCEPÇÃO MENTAL	(Experienciador	Alvo/ Proposição)
	↓	↓	↓
Sint.:	Ver	(Suj	Obj)

Figura 12: Construção com o verbo *ver* indicando percepção mental ativa

Como podemos notar, nos usos em que *ver* assume valor de percepção mental, o verbo tem sua estrutura argumental preenchida por um argumento no papel no Experienciador (ativo) e outro no papel de Alvo (da percepção mental), representando uma Proposição; tais argumentos, sintaticamente, assumem papel de Sujeito e de Objeto, respectivamente. Diferentemente dos verbos de percepção sensorial, nesse caso está apenas o verbo *ver* como forma de representação de percepção mental. Essa restrição deve-se ao caráter do verbo *ver*, que permite uma extensão de significado que não é assumida por todos os verbos que indicam percepção sensorial. Isso não quer dizer que outros verbos de percepção não possam indicar percepção mental, mas significa que não podemos representar, de forma genérica, construções de percepção mental para todos os verbos de percepção.

4.1. Construções lexicais de movimento com propósito

Em Goldberg (1995, 2006) é mostrado como padrões básicos de sentenças de uma língua são passíveis de serem explicados com base nas informações semânticas e/ou sintáticas especificadas pelo verbo lexical e como essa interpretação leva à conclusão de que um verbo lexical pode ser analisado como parte de uma construção de estrutura argumental (transitiva, intransitiva, bitransitiva, etc.). Sob essa perspectiva, analisamos os usos em que os verbos representados em *VI* na construção [*VI+ver*] preservam seu valor lexical, a fim de caracterizarmos o tipo de construção de estrutura argumental de que fazem parte desses usos.

Embora seja mais ou menos consensual a definição de valor/significado/sentido lexical de um verbo, esclarecemos o que consideramos valor lexical e valor gramatical dos verbos que compõem as construções em análise neste trabalho. Fazem parte do primeiro grupo aqueles verbos que indicam situações que podem ser identificadas no mundo biopsicofisicossocial, tendo, portanto, um valor nocional. São considerados com valor/significado/função gramatical os verbos usados para marcar categorias verbais (Tempo, Modalidade, Aspecto, Voz) e/ou exercer funções ou papéis discursivo-textuais determinados (TRAVAGLIA, 2007).

Com base nessa distinção inicial, uma primeira observação a ser feita é que, em princípio, os verbos representados em *VI* na construção [*VI+ver*] não assumem valor lexical, pois, conforme anunciado na seção 2 desta tese, *ir*, *querer* e *deixar*, quando combinados com outro verbo no infinitivo assumem valor gramatical, uma vez que passam a imprimir marca de tempo (*ir*) e modalidade (*querer* e *deixar*). No entanto, foram bastante recorrentes nos *corpora* ocorrências em que *ir* ocorre próximo do *ver*, com preservação de seu valor *lexical*, situação não encontrada para *querer* e *deixar*. Optamos por analisar esse uso envolvendo os verbos *ir* e *ver* devido ao nosso interesse de mostrar como construções [*VI+ver*] podem ter

sua origem em outros usos com valor lexical, a exemplo do que mostram¹⁹ Traugott e Trousdale (2013) ao ilustrarem a série de mudanças construcionais que ocorreram com *will*, em inglês, que passou de verbo pleno a auxiliar (com valor gramatical). Justificada a escolha pela análise, em (113) está o uso de *[ir+ver]* com valor lexical.

- (113) aí meu aluno falô(u) – “olha lá deve tê(r) algum acidente **vamo(s) lá vê(r)**”... eu falei – “ah:” – ele falô(u) – “vamo(s)” – aí paramo(s) o carro e fomo(s) [AC-128-NE; L.10]

O verbo *ir*, em (113), apresenta comportamento prototípico de verbos que indicam deslocamento espacial, uma vez que tem um de seus espaços argumentais preenchidos por um locativo, *lá*, que indica o lugar para onde o Agente se desloca. Nesse uso, *ir* permite variação de tempo-modo, número-pessoa, admite negação e pode ter Sujeito expresso ou não, conforme se verifica nas adaptações abaixo, feitas com a finalidade de testar essas possibilidades.

- (114) *iremos* lá vê(r)
 (115) *vá* lá vê(r)
 (116) não *vamos* lá vê(r)
 (117) nós não *vamos* lá vê(r)

Em todos esses casos acima, o verbo *ir* pode ser flexionado sem que se mude o valor do verbo *ver*, o que mostra a independência dos verbos.

Partimos dos exemplos (118) a (120), em que todos os verbos indicam deslocamento, para construirmos um padrão construcional dos verbos desse tipo.

- (118) Ele *foi* ao shopping.
 (119) Ela *dirigiu-se* ao centro de esportes.
 (120) Ela *caminhou* até o centro de esportes.

¹⁹ Ver parte (1.1.2) desta tese, onde a exemplificação dessa mudança construcional está mais bem detalhada.

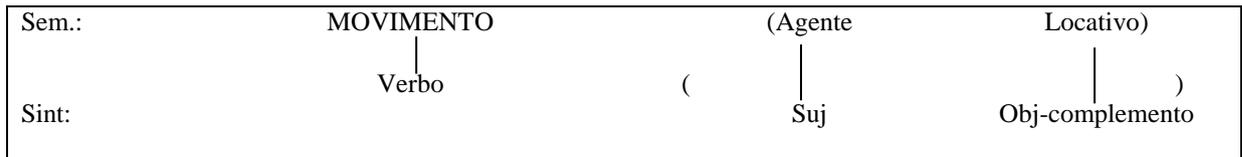


Figura 13: Construção com verbos de deslocamento espacial

De acordo com a figura 13, a estrutura argumental representativa de todos os verbos de (118) a (120) é preenchida por um argumento no papel de Agente e por outro no de Locativo. Sintaticamente, esses argumentos assumem função de Sujeito e de Objeto-complemento, respectivamente

No que diz respeito ao verbo *ver*, observa-se que, em (113), ele é empregado com valor lexical, indicando percepção visual ativa. Embora sem preenchimento linguístico do objeto direto, ou do alvo do que é visto, é possível recuperar que *algum acidente* exerce esse papel. Ou seja, em usos como esse a rede argumental do verbo *ver* é preservada.

Esses usos marcam-se por serem altamente composicionais, pois o valor da construção é derivável das partes que a compõem. Serve-nos de exemplo para a análise do grau de composicionalidade a ocorrência mostrada em (121), em que o verbo *ir* indica movimento com propósito e *ver* indica percepção visual.

- (121) [Doc.: Ri Happy] (ela entrô(u) Ri Happy ((risos do Doc.)) Balão Mágico ((risos de Doc. e Inf.)) essas daí mesmo... e ela foi vê(r)... ela **foi vê(r) joga lá...** ((risos de Doc.))
[AC-053-NR; L.130]

Nessa ocorrência em (121),²⁰ tanto o verbo *ir* quanto o verbo *ver* estão sendo empregados em seus sentidos lexicais, pois têm suas estruturas argumentais preservadas. Trata-se, pois, de um uso fortemente composicional, em que os valores lexicais e a rede argumental dos dois verbos são preservados. A seguir, mostramos, na figura 14, a representação desse tipo de construção.

²⁰ Esse é um uso que transita entre os valor construcional perifrástico (Temporal/Aspectual) e o composicional. Dada essa fluidez categorial, a fim de mostrar como as construções se combinam, optamos pela leitura composicional da construção.

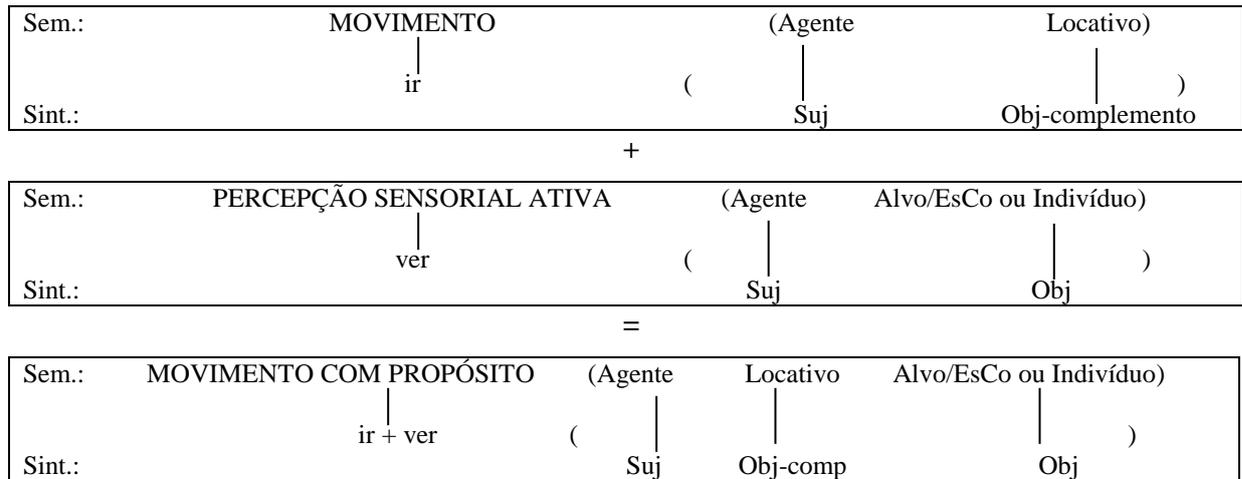


Figura 14: Construções *[ir+ver]* de movimento com propósito

Os dois primeiros quadros representam a forma superficial dos usos lexicais dos verbos *ir* e *ver*, respectivamente. No primeiro quadro está a representação das construções dos verbos que indicam movimento e, no segundo quadro, está a representação do verbo *ver* como pertencente ao tipo de construções que indica percepção sensorial ativa. No terceiro quadro está a representação da construção formada pela combinação da construção que indica deslocamento e da construção que indica percepção visual ativa. Notamos que, nessa nova construção, estão preservados os valores semânticos e as funções sintáticas das construções originais. No entanto, por apresentar um pareamento mais específico, consequentemente essa nova construção apresenta uma nova função. A nova construção, portanto, pode ser definida dentro do esquema mais genérico de Construção de Movimento com Propósito, pois *ela foi ver o jogo lá* é uma construção em que há o deslocamento do referente do Sujeito com o propósito de *ver*, intencionalmente, um EsCo, espacialmente localizado.

Para uma visão funcionalista da linguagem, a combinação de construções diferentes pode ser definida como um recurso da língua denominado *recursividade*, que consiste em um processo que visa à economia de regras. Em uma abordagem construcional, a combinação de construções na formação de novas é denominada *mudança construcional* (TROUSDALE;

TRAUGOTT, 2013). A seguir essa relação de herança é explicitada a partir do esquema que se desenha.

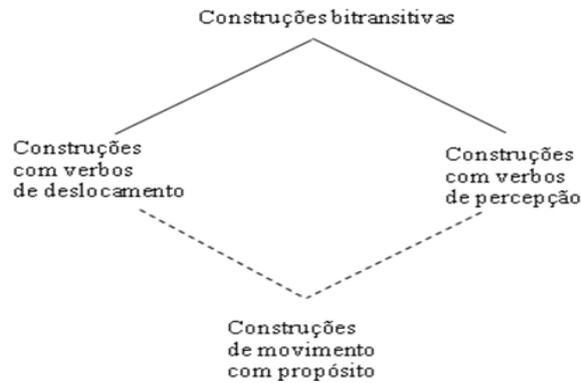


Figura 15: Relações de herança das construções *[ir+ver]* de movimento com propósito

Com base no esquema da rede construcional da qual fazem parte as construções de movimento com propósito é notável que *[ir+ver]* instancia uma nova microconstrução da rede de construções que têm em comum movimento com propósito. Claramente essas microconstruções que se instanciam no esquema mais genérico de movimento com propósito, conforme já se detalhou, herdam propriedades das construções que as deram origem, como procuramos mostrar na figura 14. Nesse sentido, é possível localizar esquematicamente onde se situam as construções *[ir+ver]* no esquema construcional de movimento com propósito de modo a especificar suas propriedades particulares. É o que se tenta mostrar no quadro 5.

Nível	Representação
Macroconstrução	[V ₁ desloc + Loc + V ₂ não-finito]MOVIMENTO COM PROPÓSITO
Mesoconstrução	[V ₁ desloc (+Loc) + ver (+Loc)]
Microconstrução	<i>[ir (+Loc) + ver (+Loc)]</i>
Construtos	(113) <i>vamos lá ver</i> ; (121) <i>Ela foi ver jogo lá</i> , etc

Quadro 5: Níveis hierárquicos das construções de movimento com propósito e a instanciação de *[ir+ver]*

A partir da esquematização das construções de movimento com propósito, podemos notar que elas são altamente esquemáticas, pois se encontram em um nível alto de

abstratização. Também são construções altamente produtivas, com *slots* que permitem variação de verbos de deslocamento, de locativo e do verbo representado por V₂.

Por fim, de modo resumido e comparativo, o quadro 6 a seguir apresenta as propriedades da construção lexical *[ir+ver]* na relação com o esquema mais abstrato de construções de movimento com propósito orientado de que ela faz parte.

Tipo	Macroconstrução	Microconstrução
	<i>[V_{1desloc} + Loc + V_{2 não-finito}]</i>	<i>[ir (+Loc) + ver (+Loc)]</i>
Propriedades de forma	Variação de tempo-modo e número pessoa de V _{1desloc} , com Sujeito expresso ou não, e V ₂ no infinitivo.	Variação de tempo-modo e número pessoa do verbo <i>ir</i> , com sujeito expresso ou não, e verbo <i>ver</i> no infinitivo.
	Possibilidade de negação de V _{1desloc} .	Possibilidade de negação de <i>ir</i> .
	Estrutura argumental preservada de V _{1desloc} e V ₂ .	Estrutura argumental preservada de <i>ir</i> e <i>ver</i> .
Propriedades de significado	Movimento com propósito.	Movimento com propósito de <i>ver</i> .
Grau de composicionalidade	Totalmente composicional com manutenção dos significados lexicais de V _{1desloc} e V ₂ .	Totalmente composicional com manutenção dos significados lexicais de <i>ir</i> e <i>ver</i> .
Grau de esquematidade	Alto, por ser construção altamente abstratizada.	Baixo, por ser microconstrução de um esquema mais abstrato.
Grau de produtividade	Alto, por apresentar todos os <i>slots</i> abertos.	Baixo, por se tratar de microconstrução com <i>slots</i> preenchidos.

Quadro 6: Resumo das propriedades de forma e de significado das construções de movimento com propósito *[ir+ver]*

4.2. Construções perifrásticas

Como já anunciado na parte desta tese dedicada à caracterização de aspectos da construção *[v₁+ver]* (capítulo II), de acordo com Olbertz (1998), perífrase verbal consiste na combinação de um verbo (originado de verbo lexical) em sua forma finita com um verbo em sua forma não-finita (infinitivo, gerúndio, particípio), num esquema do tipo *[V_{1finito} + V_{2não-finito}]*. Nessa combinação V₁ adquire valor gramatical e passa a imprimir marca gramatical de como Aspecto, Tempo, Modo/modalidade, entre outras, V₂. Esse é o comportamento esperado para as combinações dos *[v₁+ver]* mostradas a seguir.

- (122) chegá(r) aqui descansado tomá(r) um banho direitinho descansá(r)... ele **vai vê(r)** um po(u)quinho o baile ele **vai vê(r)** o baile... mas depois ele volta ao ônibus... descansa dorme... esse é um cara profissional um cara que dirige
[AC-109-NE; L.172]
- (123) Inf.: aí a gente pegô(u)... óh óh/ eu não fiz... foi só golpe mesmo... foi porque... a gente **queria vê(r)** a quermesse
[AC-096-NE; L. 37]
- (124) Bel: (Correndo para ele) O que é que houve com você? (Abraçando-o). Que saudade, Luiz Raul!
Luiz Raul: (Andando em volta dela) **Deixa eu ver** você, deixa eu ver você ...
[CP2, 1950 – 2000, literatura dramática]

Quando constituindo perífrases, sobre *V2*, o verbo *ir* imprime valor de tempo, como futuridadade de *ver* em (122), *querer*, valor modal de volição, como desejo de *ver* em (123), e *deixar*, valor modal de permissão, como permissão para o ato de *ver*, em (124).

Retomada a ideia de perífrase verbal, vamos caracterizar os usos perifrásticos de [*vI+ver*] a fim de identificarmos traços que podem oferecer pistas dos micropassos das mudanças construcionais que levam à formação da construção [*vI+ver*] com valor discursivo

A primeira observação que se faz sobre os usos perifrásticos de [*vI+ver*] é possibilidade de algum tipo de material interveniente entre *vI* e *ver*, conforme se observa nas ocorrências de (125) e (127).

- (125) você chegô(u) na esquina o povo tudo **vai te vê::(r)** tudo vai te cumprimentá::(r)
[AC-068-DE; L. 132]
- (126) e eu achava traição... uma coisa horrorosa traição pra mim uma vez acabô(u)... dane-se **num quero mais/ nunca mais vê(r)** o cara...
[AC-056-RO; L.366]
- (127) Caíram um nos braços do outro. Foi um abraço demorado e emocionado. Deram-se tantos tapas nas costas quantos tinham sido os anos de separação.
___**Deixa** eu te **ver**!
[CP2, 1950 – 2000, crônicas]

Em (125), entre *ir* e *ver* ocorre o pronome acusativo *te*, complemento de *ver* da construção perifrástica. Em (127), além do pronome acusativo *te*, também argumento interno de *ver* da construção perifrástica, ocorre ainda como material interveniente o pronome *eu*, que pode, ao mesmo tempo, ser interpretado como Objeto de *deixar* (*deixe-me*) e Sujeito de *ver* (*eu ver*), tornando ambígua a interpretação dos papéis argumentais na construção. Em (126), as expressões adverbiais *mais* e *nunca mais* ocorrem entre *querer* e *ver*. Em todos esses casos o material interveniente entre os verbos não impede que o reconhecimento do papel gramatical expresso por *VI* na construção.

Em usos perifrásticos também é notável variação de tempo-modo e número-pessoa do verbo expresso em *VI*, como se vê nas ocorrências a seguir.

- (128) já pensô(u) se toda vez eu gastá(r)... a minha a minha preciosa adrenalina... com uma luzinha que acende?... então pode acendê(r) pode apagá(r)... **eles vão vê(r)** televisão no meu quarto comigo dormindo.. an/ an/ o –“óh da/ daqui a po(u)co eu desligo”
[AC-114-RO; L.774]
- (129) eu sei que assim éh::... cê fazen(d)o hoje... você coloca ele na gelade(i)ra... de(i)xa:: repousá(r) por duas horas mais ou menos... e aí **você vai vê::(r)**/
[AC-035-RP; L. 395]
- (130) Doc.: éh:: me conta então sobre a:/ a sua opinião... sobre a televisão:: você falô(u) que::... é muito::.. polê::mico hoje em dia... às vezes **a gente querê(r) vê(r)** uma... coisa...
[AC-057-RO; L.327]
- (131) achei errado ficá::(r)... levan(d)o ele pum lado po o(u)tro::... tudo bem os... **os FIÉIS queriam vê(r)** ele tudo né?... mas fizesse um::... passasse na televisão:: o veló::rio de::le tu::do o enterro o sepultamento né?
[AC-066-RO; L. 433]
- (132) Doc.: mas é aquela história né?... às vezes **o medo num deixa vê(r)** isso [o medo num de(i)xa cê fazê(r) isso]
[AC-063-NR; L.637-638]

Como expressão de futuro, *ir*, em (128), está flexionado no presente do indicativo e terceira pessoa do plural e, em (129), na terceira pessoa do singular, mas tendo como referente segunda pessoa do discurso. Expressando volição, *querer*, em (130), está no infinitivo, tendo como referente Sujeito de primeira pessoa do discurso do plural, e, em (131), ocorre

flexionado no pretérito imperfeito e terceira pessoa do plural. Em (132), *deixar* está no presente do indicativo e flexionado na terceira pessoa do singular. Em suma, o verbo expresso em *vi* pode apresentar ampla variação de tempo-modo e número-pessoa.

Outra observação, no tocante à forma, é que usos perifrásticos admitem negação, como se pode observar nas ocorrências de (133) a (135).

- (133) – num sei... eu acho que essa dívida... num sei ... nós **num vamo(s) vê(r)** eles pagá(r) essa dívida... é uma coisa muito grande então que que tá acontecendo?
[AC-119-RO; L.341]
- (134) aí ela tava me contan(d)o tal que eles tinham termina::do que ela tava muito tris::te... eu tam(b)ém fiquei triste eu falei – “ah porque eu gosto dela... **num quero vê(r)**... ela sofren::do né?” –... mas... ela ainda tem muita esperança em:: em voltá(r) com ele assim...
[AC-022-NR; L. 239]
- (135) Doc.: mas é aquela história né?... às vezes o medo **num deixa vê(r)** isso [o medo num de(i)xa cê fazê(r) isso]
[AC-063-NR; L. 637]

Em (133), o que se nega é a realização futura do ato de ver, no sentido de percepção mental; em (134), o que se tem é a expressão de desejo da não realização de um evento; em (135), nega-se a possibilidade de permissão para *ver*, no sentido de percepção mental (perceber). Em todos esses casos, a negação incide sobre a construção perifrástica, o que mostra certo grau de coalescência dos dois verbos na construção.

No que diz respeito ao comportamento do verbo *ver*, observamos que em usos perifrásticos ele tem sua estrutura argumental preservada, podendo indicar tanto percepção visual, quanto percepção mental, a depender do tipo de complemento que o acompanha. Em conformidade com Dik e Hengeveld (1991), analisamos as possibilidades de tipos de complemento de usos perifrásticos.

a) indivíduos

- (136) Inf.: 93[tem cobra] no meio do mato [Doc.: uhum] cê num sabe cê vai chegá(r) aqui **cê vai vê(r)... uma cobra...** cê vê uma cobra cê num sabe que cobra que é... num sabe se é uma cas94[cavel se é isso] [Doc.: se é venenosa ou não] aquilo aquilo... [Doc.: é:] então eu acho que:: ((risos))
[AC-063- NR; L.784-785]
- (137) Inf.:eu sempre fui assim muito rígida com isso até antes de eu começá(r)... a gostá(r) de alguém mesmo... e eu achava traição... uma coisa horrorosa traição pra mim uma vez acabô(u)... dane-se **num quero** mais/ nunca mais **vê(r) o cara...** mas depois que você começa a namorá(r)...
[AC-056-RO; L. 366]
- (138) Bel(Correndo para ele) O que é que houve com você? (Abraçando-o. Que saudade, Luiz Raul!
Luiz Raul(Andando em volta dela) **Deixa eu ver você**, deixa eu ver você. ...
[CP2, 1950- literatura dramática]

Em todos esses usos, os argumentos internos e externos das construções perifrásticas representam entidades de primeira ordem e são determinados pela estrutura argumental de *ver* percepção visual, que, nesses usos, é modificado pelos verbos *ir*, *querer* e *deixar*; nos termos de Dik e Hengeveld (1991), esse é um caso de percepção visual ativa de indivíduos que envolve um Sujeito Experienciador Ativo.

b) Estado-de-coisas

Como já anunciamos, diferenças de leituras do verbo *ver* são provocadas pelo tipo de complemento, e, conseqüentemente, pelas propriedades semânticas que preenchem os espaços argumentais do verbo. A seguir, o argumento interno de *ver* é preenchido por uma predicação que codifica estado-de-coisas.

- (139) a. a gente num ficô(u) em/ num foi emprensado na porta... e logo após o acidente né? a gente **vai vê(r)** o que que aconteceu... como é que tá quem machucô(u) quem num machucô(u)... e um rapaz que tava na parte da frente a porta do veículo abriu...
[AC-103-NE; L.57]
- b. **eu quero vê(r)** o que que aconteceu...
- c. **de(i)xa eu vê(r)** o que que aconteceu...

Em (139a), (139b) e (139c)²¹, o complemento de *ver* representa um estado-de-coisas que se realiza através de um sintagma nominal que contém uma oração relativa sem cabeça (*o que aconteceu*). Sintaticamente, o verbo *ver* se integra ao verbo expresso em *vi*, de modo que passam a atuar juntos operando na organização da predicação. Assim, [*ir+ver*] indica percepção futura de evento; [*querer+ver*] expressa desejo de percepção de evento ocorrido; e [*deixar+ver*] permissão para verificação de evento ocorrido.

Quanto à composicionalidade dos usos perifrásticos, notamos que é possível, em certa medida, analisar cada uma das partes que compõem as construções em exame, uma vez que podemos identificar o valor do verbo expresso em *vi* com relação ao verbo *ver* e conseguimos depreender o sentido do verbo *ver* e sua funcionalidade a partir da análise de seu complemento. A partir da forma superficial das construções analisamos o seu grau de composicionalidade, a seguir.

a) [*Ir+ver*]

- (140) **vai vê(r)** minha::/.... **vai vê(r)** a minha calcinha né?
[AC-0015; L. 897]
- (141) ... cê TRAI... só que ninguém VIU ah ninguém viu tal mas eu acho que acima de tudo Deus viu... e:: e:: ele é o que:: né?... é o que realmente:: vale pra tudo hoje em dia... enTÃO é ele **vai VÊ(r)** que você num tá fazen(d)o por merecê(r) aquela pessoa especiAL...
[AC-079-RO; L.149]

Em (140) e (141), o verbo *ver* indica, respectivamente, percepção sensorial e percepção mental. Em ambos os casos o verbo *ir* modifica a predicação formada pelo verbo *ver*, imprimindo a ela marca de futuridade. Por ser essa a marca principal desse tipo de construção, a forma superficial fica representada conforme está a seguir.

²¹ Não foram encontradas, nos *corpora* de pesquisa, ocorrências de [*querer+ver*] e [*deixar+ver*] com *ver* complementado por estado-de-coisas, por isso as adaptações em (139b) e (139c).

Sem.:	TEMPO	(Experienciador	Percepção visual/mental)
Sint.:	ir	(Suj	ver Predicação)

Figura 16: Construção *[ir+ver]* com valor perifrástico temporal

Na representação da construção notamos que construções perifrásticas com o verbo *ir* têm como principal característica conferir à predicação que ele modifica marca de futuridade, com escopo restrito ao predicado. Nesses usos, o valor perifrástico está na construção *[ir+ver]* e não no valor próprio dos verbos. Portanto, assumimos que o uso perifrástico de *[ir+ver]* é parcialmente composicional, pois podemos analisar algumas de suas partes, mas o valor da construção se dá a partir da leitura do todo.

b) *[querer+ver]*

(142) (a) o seguro num cobre... teve que acontecê(r) com eles pra eles... que levassem em o(u)tra... em o(u)tra oficina... falei assim – “ah eu fico livre desse homem **num quero mais vê(r)** a cara dele nunca mais” – ((risos))

[AC-050-NE; L.61]

(142) (b) eu **quero vê(r)** o que ele vai me dá(r) ... e num é bem assim... tem que vê::(r)/... ele num é o prefeito?

[AC-140-RO; L.674]

Em (142a), o verbo *ver* indica percepção visual, e em (142b) indica percepção mental. Em ambos os casos o verbo *querer* atua como modificador da predicação formada pelo verbo *ver*, imprimindo a ela marca de volição.

Sem.:	VOLIÇÃO	(Experienciador	Percepção visual/mental)
Sint.:	<i>querer</i>	(Suj	ver Predicação)

Figura 17: Construção *[querer+ver]* com valor perifrástico modal de volição

A representação da construção [*querer+ver*] com valor perifrástico deixa transparecer certo grau de composicionalidade, uma vez que o verbo *querer* e o verbo *ver* podem ser analisados, em certa medida, separadamente: o verbo *querer* tem como principal característica imprimir à predicação a que ele se liga marca de volição, tendo como escopo específico uma predicação formada pelo verbo *ver*. No entanto, o valor perifrástico está na combinação de *querer* e *ver*, o que confere à construção um grau relativo de composicionalidade.

c) [*deixar +ver*]

- (143) (a) Mas eu puxei a mão dele e gemi:
 – **Deixa eu ver**. Eu quero ver o rosto dela!
 João Rufo ainda tentou me impedir:
 – Não olhe que não está bonito, Sinhazinha. Vai ficar impressionada...
 [CP2 – literatura romanesca]
- (143) (b) **Deixa eu ver** como será enfim uma vida inteira sem você
 [https://www.vagalume.com.br/drive/deixa-eu.html]

Em (143a), o complemento da construção [*deixar+ver*] é *o rosto dela*, o que confere valor de percepção visual ao verbo *ver*. Em (143b), a construção [*deixar+ver*] tem como complemento uma proposição, o que confere ao verbo *ver* o valor de percepção mental. Nos dois casos o verbo *deixar* atua como modificador da predicação formada pelo verbo *ver*, tomando-a como alvo da permissão.

Sem.:	PERMISSÃO	(Experienciador	Percepção visual/mental)
	deixar	Suj	ver
Sint:		(Predicação)

Figura 18: Construção [*deixar+ver*] com valor perifrástico modal de permissão

A representação da forma superficial ilustra certo grau de composicionalidade da construção *deixa eu ver* em seu uso perifrástico, pois tanto *deixar* quanto *ver* integram partes diferentes da forma e ainda permitem serem analisados separadamente, nesse nível. No

entanto, no nível do significado a análise só se faz com a relação entre *deixar* e *ver*, uma vez que aquele tem este como escopo.

Com base na apresentação das formas superficiais específicas de *[ir+ver]*, *[deixar+ver]* e *[querer+ver]*, podemos depreender que essas construções fazem parte de uma construção mais geral, mais abstrata, em que um verbo que indica valor gramatical atua sobre uma predicação em que se encontra o outro verbo modificado semanticamente. Diante disso, propõe-se na figura 19 a representação genérica das construções perifrásticas.

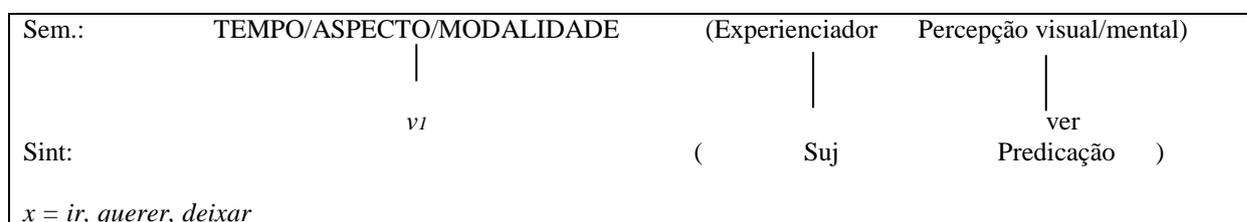


Figura 19: Construções *[vi+ver]* com valor perifrástico

Essa representação corrobora a argumentação de que as construções aqui em exame, com valor perifrástico de tempo e de modalidade permitem que suas partes sejam, em certa medida, analisadas separadamente. Assim, qualquer verbo que tenha comportamento perifrástico, ou seja, que imprima a outro verbo marca de Tempo/Aspecto ou Modo/modalidade, pode se combinar com um verbo na forma nominal e imprimir a ele uma marca gramatical. Dentro desse esquema mais geral estão as construções *[vi+ver]* com valor perifrástico aqui estudadas, conforme se esquematiza a seguir na figura 20.

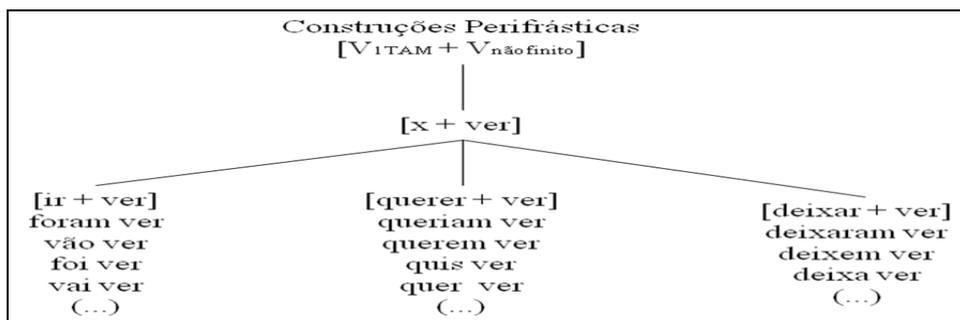


Figura 20: Esquematização das construções *[vi+ver]* perifrásticas

A partir do esquema na figura 20, nota-se que as construções $[v_1+ver]$ perifrásticas são nós específicos de um esquema mais abstrato de construções perifrásticas que admitem outros verbos em seus *slots*. Especificamente, quanto às construções $[v_1+ver]$, a possibilidade de se variar o verbo representado na predicação indica grau relativo de produtividade das construções $[v_1+ver]$ com valor perifrástico. Nesse sentido, esquematizamos no quadro 7 as construções perifrásticas.

Nível	Representação
Macroconstrução	CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS TAM ($[V_1 + V_2$ não-finito])
Mesoconstrução	$[V_1 + ver_{infinitivo}]$
Microconstrução	$[ir+ver]$ TEMPO, $[querer+ver]$ VOLIÇÃO, $[deixar+ver]$ PERMISSÃO
Construtos	<i>foram ver, vão ver, foi ver, vai ver, queria ver, querem ver, deixaram ver, deixa ele ver, deixa eu ver etc.</i>

Quadro 7: Níveis hierárquicos das construções perifrásticas e a instanciação de $[v_1+ver]$

A leitura da esquematização das construções perifrásticas permite notar que elas são altamente esquemáticas, visto que apresentam alto nível de abstratização. Somado a isso, são construções bastante produtivas, por que apresentam *slots* que permitem ser preenchidos por verbos na forma finita (V_1) e verbos na forma não finita (V_2), na codificação de alguma das categorias de TAM. Por outro lado, as construções $[v_1+ver]$ perifrásticas são parcialmente esquemáticas, pois são mesoconstruções de um esquema mais abstrato e produtivo na codificação de TAM de um V_2 específico, no caso *ver*. Quanto à produtividade, as microconstruções $[ir+ver]$, $[querer+ver]$ e $[deixar+ver]$ são parcialmente produtivas e se definem como padrões abstraídos de construtos específicos que codificam respectivamente tempo, volição e permissão.

À guisa de conclusão parcial, apresentamos o quadro 8 a seguir, onde se resumem as características básicas de $[v_1+ver]$ perifrástico de modo comparativo com o esquema mais abstrato – do qual faz parte – de construções perifrásticas.

Tipo	Macroconstrução	Microconstrução
		$[V_1+V_2 \text{ não-finito}]$ PERÍFRASE TAM
Propriedades de forma	Possibilidade de material interveniente entre V_1 e V_2 .	Possibilidade de material interveniente entre v_1 e ver .
	Variação de tempo-modo e número-pessoa de V_1 , com sujeito expresso ou não, e V_2 não-finito.	Variação de tempo-modo e número-pessoa de v_1 , com sujeito expresso ou não, e ver infinitivo.
	Negação incidente sobre $[V_1+V_2]$.	Negação incidente sobre $[v_1+ver]$.
	Preservação da estrutura argumental de V_2 .	Preservação da estrutura argumental de v_1 .
Propriedades do significado	Expressão de TAM em V_1 e V_2 de significado variável.	Expressão de Tempo/Modalidade em v_1 e ver codificando percepção visual/mental.
Grau de composicionalidade	Parcialmente composicional, com V_1 gramatical (TAM) e V_2 lexical.	Intermediário, com v_1 (TM) e V_2 lexical.
Grau de esquematicidade	Alto, por constituir esquema abstrato, com posições abertas.	Intermediário, por se tratar de instâncias de um esquema mais abstrato, com posição parcialmente aberta em v_1 e fechada em ver .
Grau de produtividade	Alto, por instanciar inúmeras construções perifrásticas.	Intermediário, por instanciar construções perifrásticas restritas.

Quadro 8: Resumo das propriedades de forma e de significado das construções perifrásticas $[v_1+ver]$

4.3. Construções modais

Nos *corpora* de pesquisa foram encontrados dois grupos de construções $[v_1+ver]$ de valor modal diferentes dos acima descritos, cada qual com suas particularidades no tocante à forma e à função, mas interligados por rede de herança. O primeiro grupo a ser apresentado é o das construções $[v_1+ver+se]$ reanalisadas de construções matrizes, e o segundo é o das construções $[ir+ver+(que)]$ com valor modal epistêmico.

Em um primeiro momento as construções $[v_1+ver+se]$ poderiam ser interpretadas como construções $[v_1+ver]$ completadas por um conteúdo proposicional introduzido pela conjunção integrante *se*, tal como se vê a seguir.

(144) depois eu vô(u) te mostrá(r) uma tela que tá ali... que **eu vô(u) VÊ(r) se** ela tá seca... que já faz mais de cinco meses... ela tem que ficá(r) paradinha por que ela é grossa
[AC-086-RP; L.391]

(145) então (eu e minha vó) lá no culto... e o diabo estava no culto... o diabo num tava no carnaval...

aí chegô(u) uma pessoa e perguntô(u) pra ele... – “que que cê tá fazen(d)o aqui no culto teu lugar é:: no carnaval”– (inint.) –“aqueles tudo já são meus... eu quero aqui porque aqui... tem os que não são meus eu **quero vê(r) se** eu consigo levá(r) alguém pra mim

[AC-106-NE; L.220]

- (146) então vem/ tem o intestino delga::do... depois tem o do rim de/ que atravessa a per::na... ((mostra as partes de seu corpo para demonstrar)) **de(i)xa eu vê(r) se** eu tenho uma fotografia que eu vô(u) te mostrá(r)... ((pega um livro que está sobre a mesa)) porque eu tô aqui me lembran::do... ((folheia o livro))

[AC-140-RP; L.593]

Para análise desses casos nos coadunamos com Sousa (2007), defensora de que, em usos mais discursivizados como os mostrados acima, construções matrizes seguidas de complementizador *se* resultam em processo de gramaticalização, com reanálise da conjunção como parte da construção matriz, que passa a funcionar como marcador gramatical de valor modal operante sobre uma oração simples. Nesse sentido, consideramos que a construção *[vI+ver+se]* assume função modal, uma vez que o conteúdo da oração a que ela se liga só é passível de ter seu valor de verdade verificado *a posteriori* da enunciação, tendo como efeito de sentido o descomprometimento do falante em relação à verdade do conteúdo escopado pela construção. Assim, *[vI+ver+se]* expressa *intenção*, em (144), *volição*, em (145), e *permissão*, em (146), relativamente à verificação do valor de verdade dos conteúdos proposicionais a que se ligam: *a tinta estar seca* (ou não), *conseguir* (ou não) *levar alguém* e *ter* (ou não) *uma fotografia*.

Primeiramente, no tocante à forma, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *[vI+ver+se]* com material interveniente entre suas partes componentes. A fim de testar essa possibilidade, foram feitos testes de inserção de material na construção, conforme se vê a seguir, a partir das ocorrências em (147), (148) e (149).

- (147) eu vô(u) lá **VÊ(r) se** ela tá seca... que já faz mais de cinco meses...

- (148) eu **quero agora vê(r) se** eu consigo levá(r) alguém pra mim

- (149) **de(i)xá antes eu vê(r) se** eu tenho uma fotografia

A inserção do locativo *lá* em (147) imprime outro valor à construção, que passa a indicar movimento com propósito; em (148) e (149) a inserção dos advérbios *agora* e *antes* é possível, mas tornaria as construções mais composicionais, pois os advérbios modificariam apenas os verbos que os antecedem. Essas observações e o fato de que não foram encontradas ocorrências de *[vI+ver+se]* com material interveniente entre os verbos ajudam na confirmação da hipótese de que essas construções apresentam-se como formas já fixadas na língua.

Em usos modais há restrição de tempo-modo e número-pessoa em que pode ocorrer o verbo expresso em *vI*, como se lê nas ocorrências a seguir.

- (150) eu acabei chegan(d)o aqui em casa já era quase seis horas... aí... cheguei corren(d)o catei a bicicleta e falei – “vô(u) subí(r) no cursinho dô(u) qualqué(r) desculpa esfarrapada... né? mas... pode í(r) que **eu vô(u) vê(r) se** eu encontro ela” –... aí subi passei em frente do cursinho altern/ do Alternativo e ele tava fechado...
[AC-085-NE; L.57]
- (151) “ah **vamo(s) vamo(s) vê(r) se** a gente consegue... de repente você consegue a gente vai fazê(r) cursinho” – eu – “mas pra que cursinho?”
[AC-080-NE; L.24]
- (152) esse ano que eu **quero vê(r) se** eu num gasto muito aqui... eu vô(u) deixá(r) a grana quieta... a única coisa que me falta comprá(r) aqui (inint.) um ventiladorzinho
[AC-019-DE; L.428]
- (153) Inf.: **deixa eu vê(r) se** eu vô(u) lembrá(r) como é que ela conheceu ele... ah eu num lembro
[AC-006-NR; L. 192]

Nos *corpora* pesquisados, foram encontrados usos modais de *[vI+ver+se]* com *ir* flexionado apenas no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular ou plural, *querer*, apenas no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular, e *deixar*, apenas no imperativo singular de segunda pessoa, seguidos de *ver* sempre no infinitivo.

Ainda no tocante à forma, foi observado que construções *[vI+ver+se]* não admitem negação, como se comprova por meio das paráfrases dadas a seguir.

- (154) *eu **não vô(u) vê(r) se** eu encontro ela
- (155) ***não vamo(s) vê(r) se** a gente consegue...
- (156) *eu **não quero vê(r) se** eu num gasto muito aqui
- (157) ***não deixa eu vê(r) se** eu vô(u) lembrá(r) como é que ela conheceu ele...

O teste mostra que a negação na construção gera paráfrases inaceitáveis (ou no mínimo estranhas) porque passaria a se negar não o valor modal da construção em si (uma intenção, uma volição ou uma permissão), mas o significado de percepção mental de *ver*, desfazendo assim ao caráter esquemático (ou menos composicional) da construção.

Sobre a possibilidade de se analisar a correferencialidade de Sujeitos da construção [*VI+ver*] e do enunciado que ele escopa, considere as ocorrências a seguir.

- (158) “ah **vamo(s) vamo(s) vê(r) se** a gente consegue... de repente você consegue a gente vai fazê(r) cursinho” – eu – “mas pra que cursinho?”
[AC-080-NE; L.24]
- (149) [Doc.: hum] em coisas que eu comprei pinturas reforminhas (inint.)... uma coisa ou o(u)tra... sempre tinha gasto... esse ano que eu **quero vê(r) se** eu num gasto muito aqui... eu vô(u) deixá(r) a grana quieta... a única coisa que me falta comprá(r) aqui (inint.) um ventiladorzinho aqui de sessenta reais mais barato...
[AC-019-DE; L.428]
- (160) e::... as carte(i)ra na oitava-série era::... maior né?... agora na sétima sé::rie a classe era diferente... **de(i)xa eu vê(r) vê(r) se** eu lembro... a classe era::... acho que a classe era tudo::...
[AC-015-DE; L.601]

Nesses três casos, pode-se considerar que o referente do Sujeito da oração escopada coincide com o do “Sujeito” expresso na construção, o que garante os valores modais de *intenção*, *volição* e *permissão* de [*ir+ver*], [*querer+ver*] e [*deixar+ver*], respectivamente. Usos em que não há correferencialidade de referente esses valores modais faz aumentar o descomprometimento do falante em relação ao conteúdo que ele enuncia, conforme se verifica nas ocorrências a seguir.

- (161) Doc.: e agora ele tá preso?
 Inf.: tá preso... no C.D.P.... **vamo(s) ver se** no Natal ele vai ficá(r) na rua né?
 [AC-039-RO; L.293]
- (162) faz um... um ano que ele terminô::(u)... esse curso... agora o::... o ano que vem **quero vê(r)**
se... presta algum concurso algum negócio aí...
 [AC-133-NE; L.98]
- (163) Espera só um momento, **deixa eu ver se** ela pode atender.²²

Nos três casos, as construções imprimem maior valor de incerteza às proposições a que se ligam, podendo ser parafraseadas por *talvez*, como mostram as ocorrências de (164) a (166).

- (164) tá preso... no C.D.P.... **talvez** no Natal ele vai ficá(r) na rua né?
- (165) faz um... um ano que ele terminô::(u)... esse curso... agora o::... o ano que vem **talvez ele** presta algum concurso algum negócio aí...
- (166) Espera só um momento, **talvez** ela possa atender.

Comparativamente, nota-se que, nos usos em que as construções [*vi+ver+se*] foram empregadas para expressar dúvida, há maior envolvimento do falante com relação aos testes em que as construções foram substituídas por *talvez*. Isso ocorre porque junto do valor modal de dúvida estão os valores de *intenção*, *volição* e de *permissão*. Esse caráter multifacetado do valor modal dessas construções é herança dos valores dos verbos que as compõem e da conjunção *se*, que, prototipicamente, se liga ao campo da possibilidade.

O segundo grupo de construções com valor modal encontrado nos *corpora* de pesquisa restringe-se à configuração [*ir+ver+(que)*], que se realiza na forma de microconstrução [*vai ver(que)*], como mostra (167).

²² Não foi encontrado, nos *corpora* de pesquisa, nenhum uso em que a construção [*deixar+ver+se*] se ligasse a uma proposição cujo sujeito não fosse referente à primeira pessoa. Para atender ao propósito da análise, foi feita uma busca na *internet*, de onde foi retirada a ocorrência analisada, que pode ser acessada no endereço: <https://fanfiction.com.br/historia/165092/A_Granfina_e_o_Caipira/capitulo/12/>. Acesso em jun.2018.

- (167) –... a:: idéia dele... ele falô(u) assim – “não... eu vô(u) chegar na minha mulher (eu fa/ ((risos))... só c’a mordida aqui” – aí a lo(u)cura que ele fez... ele falô(u) – “não num vai têr jeito né? (inint.) **vai vêr** essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dá(r) problema
[AC-089-NR; L.53]

Em (167), a construção [*vai ver*] é avaliada como modal, uma vez que imprime valor de dúvida à proposição a que se liga, podendo ser parafraseada por *talvez/é possível/é provável*, conforme se atesta a seguir.

- (168) **Talvez** essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dar problema

Quanto à forma, esse uso modal de [*ir+ver*] não permite material interveniente entre os verbos, o que ajuda na confirmação da hipótese de que essa é uma forma já fixada na língua. Assim, a inserção de material interveniente ou tornaria a construção agramatical ou imprimiria outro valor a ela, conforme se vê no teste a seguir.

- (169) **vai lá vêr** essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dar problema

Nesse tipo de construção, tempo-modo e número pessoa restringem-se ao presente do indicativo e à terceira pessoa do singular, constituindo assim uma construção impessoal, a exemplo de construções matrizes modais de orações subjetivas. Essa impessoalidade tem como efeito a ocultação da fonte da informação veiculada no enunciado, a qual pode ou não ser identificada com o próprio falante,²³ fato que, por consequência, gera maior grau de descomprometimento do falante em relação à verdade do conteúdo que ele enuncia.

Ainda no que diz respeito à forma, esse uso modal não permite negação, pois isso invalidaria o valor modal da construção, como se verifica na paráfrase em (170).

²³ De modo geral, a evidencialidade corresponde à explicitação da fonte da informação contida em um enunciado, que pode ser codificada por meio de estratégias gramaticais ou lexicais. No caso em que o falante opta por não revelar a fonte da informação do seu enunciado, ele pode apresentar a informação como compartilhada, pertencente ao domínio comum (GONÇALVES, 2003).

(170) **não vai vêr** essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dár problema

Nesse uso modal de $[ir+ver]$, assim como nos outros usos modais já abordados nesta seção, o verbo *ver* ocorre apenas no infinitivo, e sua estrutura argumental começa a se esvaír, uma vez que o complementizador *que* que introduz oração completiva começa se tornar desnecessário, como mostra (167) e como confirma a paráfrase de (171a) em (171b).

- (171) a. daí a:: mulher falô(u) pra ele que ele di::/... que ela tinha sido assaltada... como que ela foi assaltada?... **vai vêr** que ela de(i)xô(u) caír o dinheiro no chão (eu acho)
[AC-058-NR; L. 103]
- b. **vai vêr** ela de(i)xô(u) caír o dinheiro no chão

Os dois grupos de construções modais $[vI+ver+se]$ e $[ir+ver+(que)]$ compartilham a perda do valor semântico original do verbo *ver*, que não indica mais percepção mental ou visual, mas passam a expressar modalidade epistêmica. Essa observação fica evidente na representação genérica das aqui chamadas construções modais $[vI+ver(+COMP)]$.

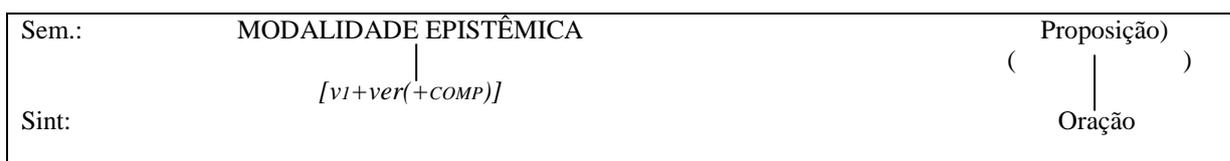


Figura 21: Construções $[vI+ver(+COMP)]$ modais epistêmicas

Com base na figura 21, podemos notar que a construção $[vI+ver+se]$ e $[vI+ver+(que)]$ com valor modal epistêmico são pouco composicionais, uma vez que há o apagamento semântico parcial das subpartes que compõem as construções. Assim, apesar de ter o sentido herdado de suas partes componentes, a construção como um todo adquire um novo valor modal, que tem como incidência uma proposição. De modo esquemático, as construções $[vI+ver+se]$ e $[ir+ver+(que)]$ com valor modal podem ser representadas como mostra a figura 22.

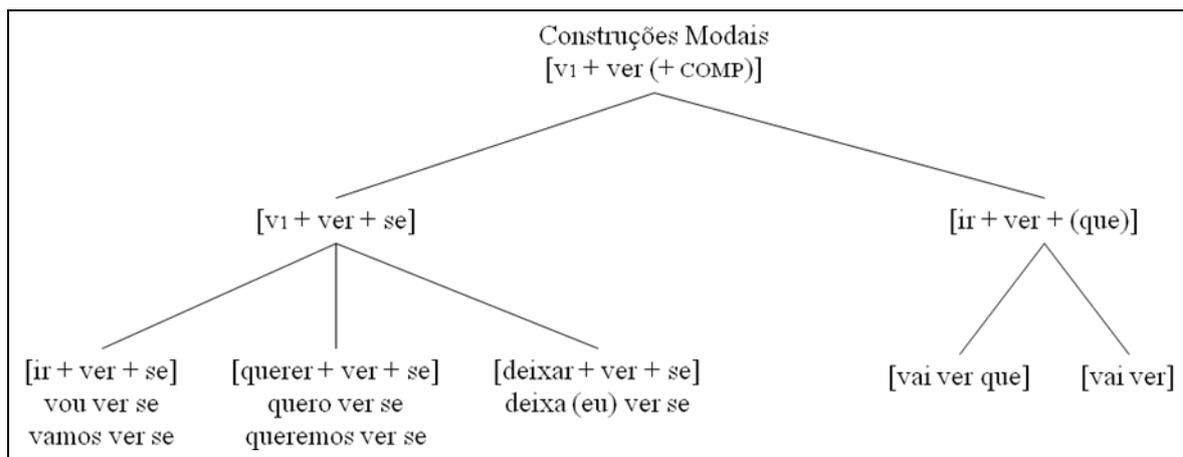


Figura 22: Esquemática das construções $[v1+ver(+COMP)]$ com valor modal epistêmico

Note-se que as construções $[v1+ver+se]$ e $[ir+ver(+que)]$ são nós de uma rede de construções modais mais abstratas e que também admitem outras constituições formais de construções com o mesmo valor. De modo comparativo, a construção $[v1+ver+se]$ é mais esquemática do que a construção $[ir+ver(+que)]$, pois é mais abstratizada; também é mais produtiva, pois instancia três outras construções em seus níveis mais específicos.

Tendo em vista essas observações, as construções $[v1+ver(+COMP)]$ com valor modal epistêmico podem ser assim organizadas em níveis hierárquicos, como mostra o quadro 9.

Nível	Construção
Macroconstrução	CONSTRUÇÃO MODAL EPISTÊMICA
Mesoconstrução	$[v1+ver(+COMP)]$ MODAL EPISTÊMICA
Miconstrução	$[ir+ver+se]$, $[querer+ver+se]$, $[deixar+ver+se]$, $[ir+ver+que]$, $[ir+ver]$
Construtos	<i>vamos ver se, vou ver se, quero ver se, queremos ver se, deixa eu ver se, vai ver que, vai ver</i>

Quadro 9: Níveis hierárquicos das construções $[v1+ver(+COMP)]$ com valor modal epistêmico

Com base nessas representações, podemos notar que a construção $[v1+ver(+COMP)]$ é parcialmente esquemática, pois apresenta limitação na abstratização em seu nível mais alto (macroconstrução), com apenas a posição em $v1$ parcialmente aberta. Por outro lado, mesmo com essa limitação, a construção é capaz de atrair outra menos produtiva, como a construção

[ir+ver(+que)], realizada na forma de *[vai ver(que)]* com valor também modal epistêmico, mas com pouco variabilidade na forma. No que diz respeito à produtividade, a construção *[vI+ver+se]* é relativamente produtiva, pois apresenta apenas um *slot* representado por *vI*, cujo preenchimento limita-se aos verbos *ir*, *querer* e *deixar*. Por ter todos os *slots* preenchidos e se marcar como construção única na língua, e parte específica de um esquema mais abstrato, *[ir+ver(+que)]* não se marca como construção produtiva.

Com finalidade de resumir e de concluir parcialmente o que foi discutido sobre as construções *[vI+ver(+COMP)]*, o quadro 10, a seguir, apresenta, na coluna da esquerda, as propriedades básicas dos usos dessa construção, partindo-se do pressuposto de que ela é uma mesocronstrução mais abrangente; e, na coluna da direita, são apresentadas, de modo comparativo, as características das microconstruções *[vI+ver+se]* e *[ir+ver(+que)]*.

Tipo	Mesoconstrução	Microconstrução
		$[vI+ver(+COMP)]_{MODAL\ EPISTÊMICA}$
Propriedades de forma	Impossibilidade de material interveniente na construção	Impossibilidade de material interveniente na construção
	<ul style="list-style-type: none"> vI pode ocorrer no presente do indicativo, primeira pessoa singular/plural, ou no imperativo, segunda pessoa singular; ver ocorre no infinitivo, seguido de <i>que</i>, <i>se</i> ou <i>zero</i>. a construção pode ou não ter sujeito expresso; 	<ul style="list-style-type: none"> $[ir+ver+se]$: <i>ir</i> no presente do indicativo, primeira pessoa do singular ou plural, com sujeito expresso ou não; <i>ver</i> no infinitivo, seguido de <i>se</i>. $[querer+ver+se]$: <i>querer</i> no presente do indicativo, primeira pessoa do singular ou plural, com sujeito expresso ou não; <i>ver</i> no infinitivo, seguido de <i>se</i>. $[deixar+ver+se]$: <i>deixar</i> no imperativo, segunda pessoa; <i>ver</i> no infinitivo, seguido de <i>se</i>, com sujeito expresso ou não. $[vai+ver+(que)]$: <i>ir</i> restrito ao presente e à terceira pessoa singular, impessoal; <i>ver</i> no infinitivo, seguido de <i>que</i> ou <i>zero</i>.
	Restrição à presença de negação	Restrição a presença de negação
	Escopo sobre conteúdo oracional	Escopo sobre conteúdo oracional
Propriedades de significado	Modalidade epistêmica (baixo grau de certeza)	Modalidade epistêmica (baixo grau de certeza)
Grau de composicionalidade	Baixo, com apagamento do valor lexical das partes constitutivas da construção.	Não composicional, valor construcional.
Grau de esquematicidade	Intermediário, por constituir construção parcialmente abstrata.	Baixo, por instanciar número reduzido de construções.
Grau de produtividade	Intermediário, com <i>slot</i> parcialmente variável.	Baixo, por instanciar número reduzido de construtos.

Quadro 10: Resumo das propriedades de forma e de significado das construções $[vI+ver(+COMP)]$ modais epistêmicas

4.4. Marcador Discursivo

As construções $[vI+ver]$ com valor discursivo serão examinadas com base nos mesmos fatores usados para a caracterização dos outros usos da construção (lexical, perifrástico e modal), a fim de que se possa estabelecer comparação para a identificação de traços de herança. A partir da noção de *tópico discursivo* e dos traços definidores dos

Marcadores Discursivos (MD) – apresentados na parte teórica da tese – avaliaremos em que medida os traços aplicáveis aos MD em geral também se aplicam às construções [*vi+ver*] e qual (ou quais) das macro-funções (*textual* e *interacional*) essas construções podem desempenhar (PENHAVEL, 2005). Por fim, será examinado o grau de (inter)subjetividade dessas construções conforme sua função na organização do discurso.

Ainda sem especificação da função textual, exemplificamos a seguir os usos de [*vi+ver*] considerados MD.

- (172) Doc.: e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) vê(r)**... algu::m prê::mio que cê ganhô::(u)?
 Inf.: tenho
 [AC-005-NE; L.68]
- (173) acho que foi:: **qué(r) vê(r)?**... sexta-fe(i)ra assim... sexta-fe(i)ra nós foi/ voltamos/ subimos de no::vo:: deu quase o mesmo trajeto...
 [AC-087-NE; L.35]
- (174) Doc.: tá... qué(r) falá(r) de mais alguma o(u)tra co::isa?
 Inf.: não (inint.) ai num sei
 Doc.: **de(i)xa eu vê(r)**
 Inf.: ai (eu fico muito) nervosa ((risos)) ((a informante fala da presença do gravador)) Doc.: é ele inibe... [Inf.: ((risos))] ah pode dá(r) sua opinião de tê::(r) grava::do como que é falá(r) com um gravador na [fre::nte]
 [AC-044-RO; L.257]

Usos como os exemplificados de (172) a (174) são utilizados pelo locutor como estratégia na negociação ou de manutenção de turno discursivo. A função do que aqui chamamos MD pode mudar conforme sua forma e elementos do discurso a que se liga. No tocante à forma, a primeira observação a ser feita é a de que em usos discursivos não é possível a ocorrência de material interveniente entre *vi* e *ver* da construção, pois isso alteraria seu valor, conforme se vê nos testes a seguir, construídos a partir das ocorrências imediatamente anteriores.

- (175) e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) lá vê(r)**... algu::m prê::mio que cê ganhô::(u)?
- (176) acho que foi:: **qué(r) agora vê(r)?**... sexta-fe(i)ra assim... sexta-fe(i)ra nós foi/
- (177) **de(i)xa agora eu vê(r)**

Em (175), a inserção do locativo *lá* entre *vi* e *ver* imprime valor lexical aos verbos, que passam a ter sentido de deslocamento e de percepção por meio da visão, respectivamente. Em (176), a inserção do advérbio *agora* forma uma construção não usual na língua, e imprime valor mais composicional a ela, já que o advérbio parece incidir apenas sobre o verbo *ver*. Em (177), a inserção do advérbio *agora* também forma construção não usual na língua e ressalta o valor do verbo *deixar* no sentido de pedir permissão real para a realização de um ato.

Nesses usos considerados com valor discursivo, há restrição de tempo-modo e número-pessoa em que o verbo expresso em *vi* e o verbo *ver* podem ocorrer, conforme se exemplifica a seguir.

- (178) A MOÇA (levantando-se) Bem, eu gostei muito de conhecer vocês.
 HAPPY Volte logo.
 A MOÇA **Vou ver**.
 HAPPY Não veja, meu bem, volte no duro. (A moça sai. Stanley a segue, balançando a cabeça com grande admiração)
 [A morte do Caixeiro Viajante, *corpus* de tradução]
- (179) a hora que tivé(r) pronto o arroz... cê vê(r) que o arroz tá pronto... **vamo(s) vê(r)**... isso por volta aí de uma me/ de uns vinte minuto o arroz já tá legal... aí a/ ANtes de serví(r)... você pega... o que(i)jo misturado com o:: che(i)ro verde e joga por cima
 [AC-137-RP; L.303]
- (180) Doc.: (mas a) Gaviões é contra ele
 Inf.: não... não ... então... **vai ven(d)o**... eu... eu... penso isso daí né?...
 [AC-053-RO; L.354]
- (181) e voltan(d)o nesse assunto aí [Doc.: hum:.] **qué(r) vê(r)** uma²⁴ ((risos)) eu era pequeno escutan(d)o essas conversa aí... nós tinha um cachorro preto assim óh ((mostra com a mão))
 [AC-063-NR; L.585]
- (182) Doc.: que mais que cê sabe jogá(r)?
 Inf.: eu sei jogá::(r)... **deixa eu vê(r)**... éh:::... ((a informante pensa um pouco)) sei jogá::(r)
 Doc.: cê num LEMbra?
 Inf.: não
 [AC-002-RP; L. 101]

Como MD, na construção [*ir+ver*], *ir* ocorre somente no presente do indicativo, com pouca variabilidade na expressão de pessoa: primeira do singular ((178)) ou do plural ((179))

²⁴ Em (181), *uma* funciona como pro-forma genérica de caráter catafórico, anunciativo do que se segue.

ou terceira pessoa ((180)) sem sujeito referencial. Quanto à construção [*querer+ver*], foi encontrado apenas um uso cristalizado, com *querer* no presente do indicativo e na segunda pessoa do singular, sem sujeito expresso ((181)). A construção [*deixar+ver*] está limitada ao uso em que o verbo *deixar* ocorre no imperativo de segunda pessoa ((182)). Em todas as construções, *ver* ocorre sempre na forma não-finita, variando entre infinitivo e gerúndio, quando combinado apenas com *ir* (cf. (178) a (180)).

As construções [*vI+ver*] com valor discursivo não admitem negação, como mostra o teste empreendido a seguir, a partir das ocorrências de (183) a (187).

- (183) *HAPPY Volte logo.
A MOÇA **não vou ver**.
- (184) * a hora que tivé(r) pronto o arroz... cê vê(r) que o arroz tá pronto... **não vamo(s) vê(r)**...
isso por volta aí de uma me/ de uns vinte minuto
- (185) * Doc.: (mas a) Gaviões é contra ele
Inf.: não... não ... então... **não vai ven(d)o**... eu... eu... penso isso daí né?...
- (186) * **não qué(r) vê(r)** uma ((risos)) eu era pequeno escutan(d)o essas conversa aí...
- (187) * Doc.: [que] mais que cê sabe jogá(r)?
Inf.: eu sei jogá::(r)... **não deixa eu vê(r)**...

Como se pode observar de (183) a (187), o acréscimo de negação claramente destituiu o valor discursivo dessas construções, tornando-as desprovidas de sentido e inadequadas ao contexto de uso.

Nesses usos de valor discursivo, o verbo *ver* perde por completo sua estrutura argumental, deixando de exigir complemento, conforme se analisa a seguir.

- (188) Doc.: e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) vê(r)**... algu::m prê::mio que cêganhô::(u)?
Inf.: tenho
Doc.: que/ que prêmio é esse?

- (189) Inf.: não... não então... **vai ven(d)o**... eu... eu... penso isso daí né?... [AC-053-RO; L. 354]
- (190) aí:: nós pegamos aí::... acho que foi:: **qué(r) vê(r)?**... sexta-fe(i)ra assim... [AC-087-NE; L. 35]
- (191) Inf.: **de(i)xa eu vê(r)**... tem um arroz lá que eles fazem... que é gostoso... é::... assim é é super simples é é o nosso arr/ é::... porque lá eles não cozinham arroz como a gente... é aquele arroz que é:: acho que é cultivado na água é um... [AC084-RP; L. 181]

Observa-se nos quatro usos que *[vi+ver]* é sintaticamente independente, por ser seguida de pausa e por não operar como matriz de outra oração, sendo construção que perdeu a analisibilidade de suas partes constitutivas. Na construção, o verbo *ver*, por ocorrer sem complemento, retém traços de usos como verbo de percepção mental, porém uma percepção mental relacionada à atividade cognitiva de planejamento do discurso.

Usos com valor discursivo têm especialização de funções, que aqui serão detalhadas com base nas variáveis do núcleo-piloto definidor dos MD já especificadas na parte teórica desta tese. Iniciemos a análise de *[vi+ver]* como MD, considerando as ocorrências prototípicas desse uso de (192) a (194).

- (192) Doc.: tem alguma o(u)tra?... que cê lembra?
 Inf.: que eu lembro?... **vamo(s) vê::(r)**... (agora é um::) CAso... quê que eu vô(u) lembrá(r) agora?... -- aí F. ajuda eu lembrá(r) alguma coisa aí – ((se dirigindo à esposa)) Int.1: (inint) ((sussurros da esposa da informante ao fundo)) [AC-074-NE; L.40]
- (193) Inf.: é ((risos)) verdade... ah quando eu era moça tinha::... **qué(r) vê(r)** ... eu tinha uns dezoito anos... eu namorava um PRImo meu... que até o sobrenome é igual... e meu pai num queria NEM VÊ(r)... aquilo ele prometia de BATÊ(r) na gente... [AC-122-NE; L.5]
- (194) Inf.: qualquer tempo?
 Doc.: é... qualquer coisa
 Inf.: **de(i)xa eu vê(r)** ((o Inf. pensa um tempo))
 Doc.: tem alguma história que tenha acontecido com teu o primo lá:: em Arco-Íris que ele tenha te contado quando cê foi pra lá?... alguma a::rte que ele fe::z... se alguma vez ele caiu e machucô::(u) aí ele veio e te contô(u)? [AC-007-NR; L. 45]

No que diz respeito às variáveis do núcleo-piloto definidor dos MD, os usos mostrados em (192), (193) e (194) se particularizam por serem altamente recorrentes em situações de diálogo entre dois interlocutores, especialmente em situações em que o locutor quer se lembrar de alguma informação e ganhar tempo de modo a manter para si o turno conversacional.

Quanto às variáveis **relação com o conteúdo proposicional, relação sintática com o conteúdo proposicional e demarcação prosódica**, a análise dessas construções apontam que elas são exteriores ao conteúdo proposicional, uma vez que não se ligam ao conteúdo referencial, mas se referem à situação de produção do discurso. Além disso, após ouvirmos todas as ocorrências, identificamos que essas construções são sintaticamente independentes, uma vez que apresentam marcas prosódicas – característica comum aos MD – como delimitação por pausas ((192) e (194)), tessitura rebaixada (193), o que, de certa forma, indica independência da oração que antecede e que sucede.

Prosodicamente, após ouvirmos as ocorrências, notamos que, nos usos *vamos ver* e *deixa eu ver*, há rebaixamento de tessitura mais acentuado do que nos demais usos – algumas vezes sinalizado pelo transcritor do *corpus*, como em (195), a seguir –, e há também a redução da massa fônica para duas ou três sílabas, que faz com que se fale e se ouça: “vô vê”, “vamô vê” e “xeu/xô vê”, o que corresponde à expectativa do critério que delimita a quantidade máxima de três sílabas tônicas para uma expressão ser considerada MD.²⁵

- (195) Inf.: lá acho que tem tem três quartos em ba::(i)xo... ((**fica um tempinho pensando**)) três quarto em ba::(i)xo... (**deixa eu vê(r)** quant/ quantos quarto tem) ((**informante fala baixinho**))... dois quar/ tem três quarto em ba::(i)xo... e em cima tem... tem QUATro em cima... tem uma escada né?

[AC-001- DE; L.121]

²⁵ Cabe uma ressalva: em conformidade com o que consta no quadro de variáveis definidoras de MD, a análise desse critério se faz com a confirmação da perda de transparência semântica e da cristalização das formas de *[x+ver]* que atuam como MD.

Quanto à variável **perda de transparência semântica** dos MD, as ocorrências de (192) a (194) ilustram bem o comportamento prototípico dos usos de $[vI+ver]$ como MD e ratificam o que tem sido defendido em uma abordagem construcional: usos menos composicionais e com valor discursivo têm menos relação com o significado lexical das partes componentes da construção, ou seja, o sentido dos verbos que lhes dão origem: em (192), *ir* não indica deslocamento; em (193), *querer* não indica volição prototípica; e em (194), *deixar* não tem valor de permissão. Além disso, em todos esses usos, *ver*, desprovido de complemento, não apresenta valor evidencial de percepção (visual ou mental); na construção em si, pode ser depreendido um valor de percepção mental voltado apenas para o planejamento cognitivo do discurso, que se projeta para frente. Há, nesse sentido, a retenção de algum traço semântico do significado lexical de *ver*, com perda parcial de sua transparência semântica.

Para completar a análise dos critérios definidores dos MD, cabe observar que as construções $[vI+ver]$ de valor discursivo não têm suficiência para construir conteúdos proposicionais por si próprias, uma vez que não podem ser negadas, conforme já se avaliou nesta seção.

Para além das características básicas definidoras dos MD, outra característica comum encontrada em $[vI+ver]$ como MD é o uso junto de outros MD não lexicalizados, como se nota nas duas ocorrências a seguir.

(196) então pega esse acesso pra Guapiaçu chegando... **éh::...** chegando em Guapiaçu pelo acesso ... **vamo(s) vê(r)**... **éh::...** **éh::** se/... esse acesso vai caí(r) numa avenida... você pode seguí(r) pela avenida a-té o fim dela quando ela termina/ quando ela termina cê::...

[AC-083-RP; L.304]

(197) tem uma esco::la... um posto de gasoli::na... um cam::po... **hum:: deixa eu vê(r)**... de frente da casa da minha vó... tem... um:: salão destruí::do [Doc.: uhum ((concordando))] **éh:: de(i)xa eu vê(r)**... tem lá tem Coha::b tem... tem um monte de coisa legal

[AC-007-DE; L. 67]

Nesses usos há forte ligação da construção *[vI+ver]* a MD que, na situação comunicativa, indicam hesitação do locutor ou no desenvolvimento do tópico discursivo ou na manutenção do fluxo conversacional.

A fim de atestar a validade da apreciação das construções *[vI+ver]* até aqui analisadas conforme as características básicas definidoras dos MD, os traços referentes às funções textuais interativas serão testados com base no exame dos tópicos em que as construções ocorrem. Primeiramente serão analisados os usos com função predominantemente de organização tópica, em seguida, avaliam-se os usos cuja orientação é predominantemente interacional.

- ***[vI+ver]* basicamente sequenciador de tópico e secundariamente orientador da interação**

Dentro do grupo de construções *[vI+ver]* com valor de MD, foram encontrados dois usos que se caracterizam por serem basicamente sequenciadores e secundariamente orientadores: *[vamos ver]* e *[vou ver]* em posição de encerramento de turno.

(198) (Reverendo) – Sim. Lutaremos. Eu pensava assim no começo. Julgava poder estimular o povo para o trabalho... Depois...

(Padre) – Isso, reverendo. É porque o povo ali não reza. Porque o povo se esqueceu de Deus.

(Reverendo) – Qual o quê, seu padre! Eles não dizem uma palavra que não botem Deus no meio. Ninguém jura sem Deus por testemunho. É Deus pra lá, Deus pra cá... Mas trabalhar que é bom?... Pois sim.

(Padre) – **Vamos ver**, reverendo. **Vamos ver**.

(Reverendo) – Em todo caso, eu lhe desejo boa sorte. E agora meu amigo, depressa que o trem já deu o aviso...

[CP1, 1949, literatura romanesca]

(199) A MOÇA (levantando-se) Bem, eu gostei muito de conhecer vocês.

HAPPY Volte logo.

A MOÇA **Vou ver**.

HAPPY Não veja, meu bem, volte no duro.

(A moça sai. Stanley a segue, balançando a cabeça com grande admiração) Mas não é uma vergonha? Uma moça bonita dessas? Por isso é que eu não quero me casar. Você não encontra uma moça decente em mil. Nova York está cheia delas, menino!

[A morte do Caixeiro Viajante, *corpus* de tradução]

Na ocorrência (198), que simula uma situação comunicativa, um padre e um reverendo discorrem sobre *poder estimular o povo para o trabalho*. A abordagem dessa questão geral (supertópico) é dividida em mais uma parte (subtópico). Na materialização desse plano, nota-se que a construção *vamos ver*, encerrando um turno discursivo, também marca a intenção de finalizar um tópico discursivo.

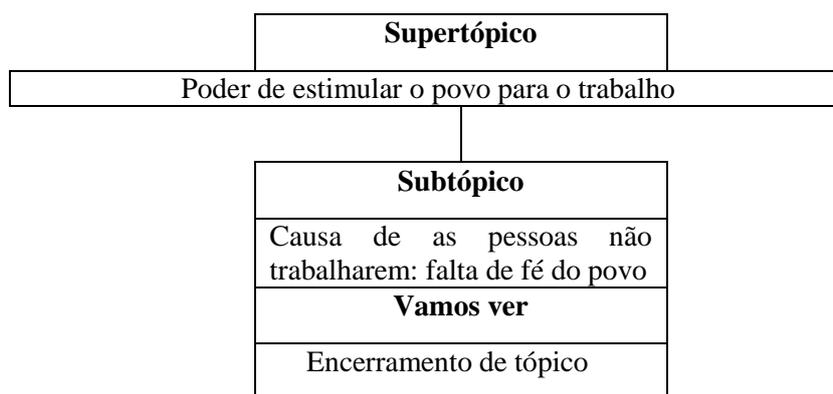


Figura 23: Construção [*ir+ver*] atuante na organização tópica do discurso

Ao repetir duas vezes a construção [*vamos ver*], o padre sinaliza o encerramento de um turno discursivo e também de um tópico, visto que não desenvolve mais o argumento sobre a falta de fé do povo. Tendo em vista o contexto comunicativo, nota-se que se trata de uma situação de despedida, dada a necessidade de pegar o trem.

Em (199), da mesma forma, observa-se que a construção *vou ver* ocorre para finalizar o tópico discursivo de uma situação comunicativa de despedida. Assim, *a moça* indica para o seu interlocutor que não dará continuidade ao tópico sobre o pedido que lhe é feito em forma declarativa *volte logo*. Propositamente, seu interlocutor faz uma leitura literal da expressão, de modo a reafirmar o seu desejo de que *a moça volte logo*. Entretanto, a moça sai, sem dar continuidade ao tópico – evidência que pode reafirmar a função de encerramento de tópico da construção [*vou ver*].

Embora na língua falada esse seja um uso muito comum, não foi encontrada nenhuma ocorrência no *corpus* oral analisado, talvez por que, em nenhum deles, essa situação de despedida ou alguma situação em que o falante demonstre desejo de encerrar um turno discursivo tenha sido permitida pelo próprio contexto de gravação das entrevistas sociolinguísticas. Enquanto falantes, podemos notar, mesmo sem respaldo de controle estatístico, que esse é um uso bastante recorrente, tanto em situações de comunicações via mensagens de texto, quanto em situações de interação face a face, a exemplo da transcrição, em (200), de uma conversa real estabelecida por mensagens de celular no aplicativo *whatsApp*, esquematizada na figura dada logo na sequência.

- (200) L1: O que vc fará na Páscoa?
 L2: Ainda não sei... e vc?
 L1: Vou ficar quietinha em casa... almoçar com a tia L.
 L1: E no domingo... talvez eu vá para o sítio da I.
 L2: Ahhhh
 L1: **Vamos ver**
 L1: Ultimamente, eu resolvo de última hora
 L1: Vivo o dia
 L1: E suas aulas?
 L1: Tem trabalhado muito?
 L2: Tenho trabalhado bastante

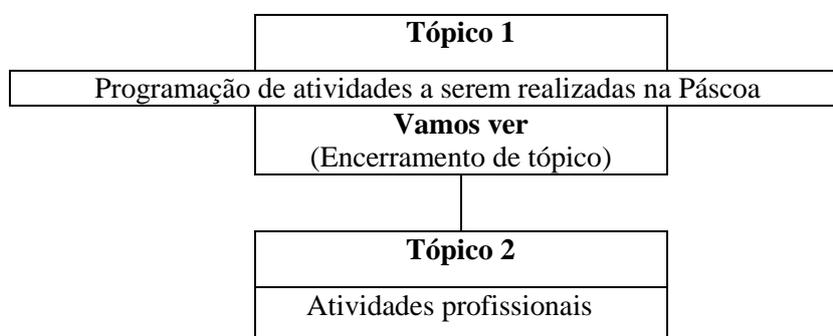


Figura 24: Construção *[ir+ver]* atuante na organização tópica do discurso

O tópico discursivo tem como eixo central as atividades que serão realizadas durante o feriado de Páscoa. O L(ocutor) 1, que inicia o tópico, ao responder ao seu interlocutor (L2) o que fará durante esse período mostra uma certa incerteza quanto a uma das atividades, expressa linguisticamente no advérbio de dúvida *talvez*. Ao empregar o MD [*vamos ver*], L1, ao mesmo tempo em que encerra o tópico discursivo, também coloca as atividades anunciadas no campo da possibilidade e, de certa forma, expressa descomprometimento ao não oferecer ao seu interlocutor uma resposta assertiva. Assentada essa leitura, nota-se que a construção [*ir+ver*] adquire valor modal epistêmico, nesses contextos, visto que expressa uma “atitude” do falante com relação ao seu enunciado, indicando, ao mesmo tempo, incerteza e probabilidade (GIVÓN, 1995).

A partir do exposto, nota-se que os usos de [*vamos ver*] e [*vou ver*], na posição de encerramento de turno, têm a função textual de finalizar o tópico discursivo, ao mesmo tempo em que sinalizam descomprometimento do falante, razão que nos leva a considerá-los como MD basicamente sequenciadores, e secundariamente orientadores da interação.

Por ocorrem em situações de diálogo e exercerem funções discursivas, as construções [*ir+ver*] aqui analisadas têm sua forma superficial representada em termos de nível pragmático e não mais semântico, como mostrado na figura 25, a seguir.

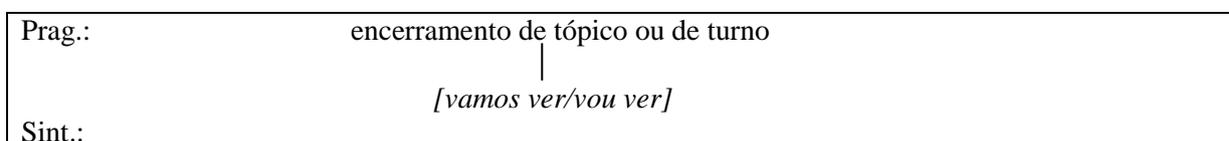


Figura 25: Construção [*v1+ver*] como MD basicamente sequenciador tópico e secundariamente orientador da interação

A representação da forma superficial explicita a relação direta entre forma e função da construção [*ir+ver*], uma vez que o verbo *ir* e o verbo *ver* atuam juntos para indicarem, no nível pragmático, o encerramento do tópico ou turno discursivo. Nesse sentido, pode-se

afirmar que essas construções não são composicionais, pois adquirem um novo valor em que há uma relação direta entre forma e função.

Tendo em vista que dificilmente um marcador discursivo assume uma única função, a análise do próximo grupo de MD aponta para a coocorrência ou sobreposição de funções, ou traços muito discretos que permitem diferenciar uma função da outra.

- **[vI+ver] basicamente orientador da interação e secundariamente sequenciador de tópico**

A busca de dados revelou dois usos específicos das construções [vI+ver] que se comportam como MD basicamente orientadores e, em maior ou menor grau, secundariamente sequenciadores. Integram esse grupo usos de [vamos ver] e [deixa eu ver] seguidos de pausa, como mostram as ocorrências (201) e (202).

- (201) Doc.: tem alguma o(u)tra?... que cê lembra?
 Inf.: que eu lembro?... **vamo(s) vê::(r)**... (agora é um::) CAso... quê que eu vô(u) lembrá(r) agora?... -- ai F. ajuda eu lembrá(r) alguma coisa aí – ((se dirigindo à esposa)) Int.1: (inint) ((sussurros da esposa da informante ao fundo))

[AC-074-NE; L.40]

- (202) Doc.: éh:: agora alguma::... coisa que alguém tenha te contado que num te aconteceu que cê num tava presente na ¹[história] ¹[Doc.: uhum ((concordando))] mas que alguém tenha te contado que cê lembra assim da história que te contaram
 Inf.: **(de(i)xa eu vê(r))**... a gente sabe tanto mas (às vezes) num lembra né?

[AC-094-NR; L.59]

Na ocorrência (201), o falante tenta se *lembrar* de uma situação para atender ao comando do documentador, e, enquanto processa essa atividade cognitiva, enuncia a construção [vamos ver] com o propósito de manter para si o turno conversacional ao mesmo tempo em que estabelece uma relação com seu interlocutor de modo a indicar que algo será anunciado, como está representado a seguir.

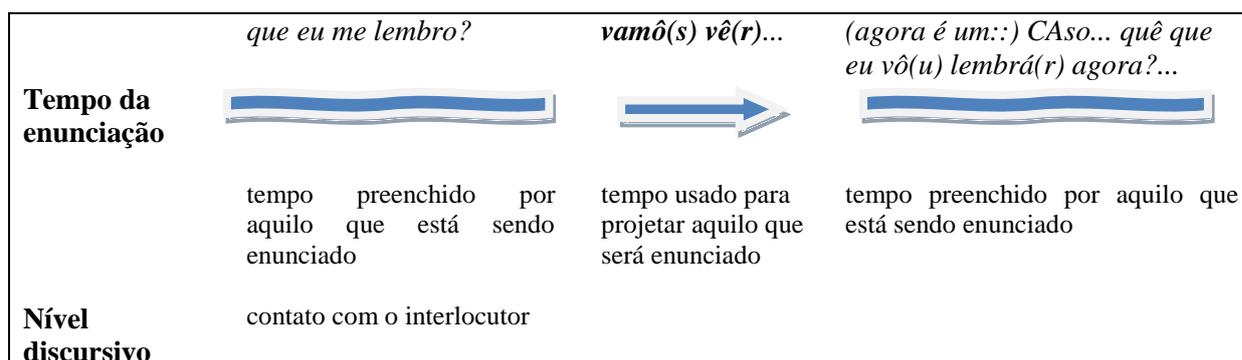


Figura 26: Construção *[ir+ver]* atuante na orientação da interação

Trata-se de um uso em que *vamos ver* se consolida como um MD de função mista, uma vez que é usado para sinalizar para o interlocutor uma atividade relacionada à produção do próprio discurso e, ao mesmo tempo, contribui para a sequenciação tópica, de modo a retardar o desenvolvimento do tópico. Essa última função assume nuances mais discretas, pois o uso de *[vamos ver]* não atua na superordenação de tópicos discursivos, mas desempenha uma função no interior do tópico, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Essa mesma função pode ser atribuída à construção *[deixa eu ver]* em (202), a qual, em início de turno, funciona como estratégia de retardar o desenvolvimento do tópico, ou seja, é como se o locutor *pedisse* ao seu interlocutor tempo para se *lembrar* de uma *história*. É o que se procura esquematizar na figura 27.

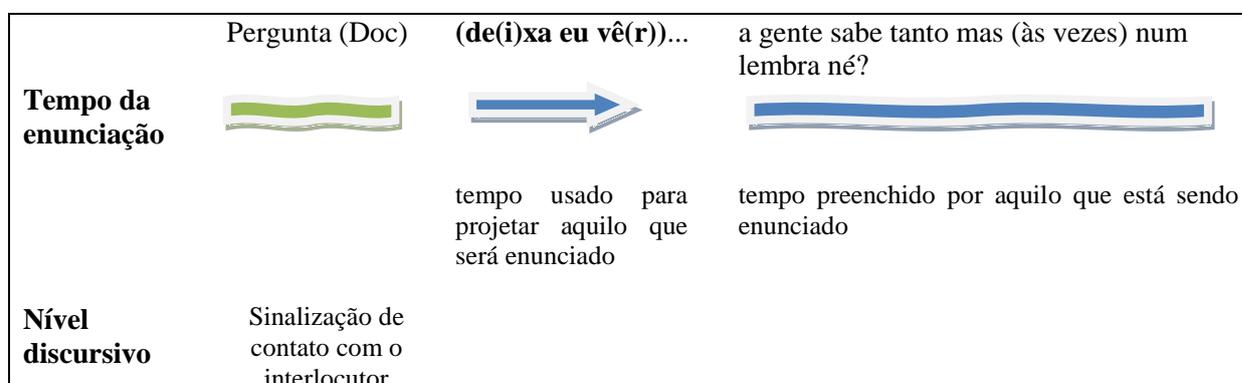


Figura 27: Construção *[deixar+ver]* atuante na orientação da interação

Conforme representado, a construção *[deixa eu ver]* é usada em início de resposta de um tópico discursivo recém iniciado pelo documentador. Nesse uso, a construção *[deixa eu ver]* tem função retardadora, usada pelo informante com a função de ganhar tempo para se *lembrar* de algo de forma a manter o seu turno discursivo. Sob essa perspectiva tem função voltada para a própria situação comunicativa. A par da função de orientação da interação está a função textual, basicamente sequenciadora, uma vez que, em posição inicial de resposta, a construção contribui para a articulação de segmentos do discurso e, conseqüentemente, coopera para a produção desse tipo de ato. No entanto, consideramos essa uma função secundária, uma vez que a construção não articula tópicos discursivos, mas atua na organização interna deles. Em resumo, nesse uso, *[deixa eu ver]* configura-se por ser um MD basicamente orientador, por ter uma função retardadora, e secundariamente articuladora de segmentos do discurso. A forma superficial desse uso explicita a atuação dessas construções em um nível pragmático, como se representa na figura 28 a seguir.

Prag.:	preenchimento de pausa	(Pausa	pausa)
	<i>[v1+ ver]</i>		Pausa	pausa	
Sint.:					
<i>v1= ir, deixar</i>					

Figura 28: Construção *[v1+ver]* como MD basicamente orientador da interação e secundariamente sequenciador tópico

A partir da representação da forma superficial da construção, notamos que o verbo *ir* compõe com o verbo *ver* um todo dotado de sentido, pois já não podemos mais analisar os verbos que compõem a construção separadamente, e isso fica muito evidente na representação sintática da construção em que se considera *[v1+ver]* como responsável pelo preenchimento das pausas do discurso.

Diante dessas análises, propomos um aporte para o conjunto de traços específicos – já apresentados nesta tese – dos MD definidos por Urbano (2006, p. 526), tendo em vista a

natureza da construção, posição no turno discursivo e função. Entende-se que essas são construções de origem modal, seguidas de pausa e com função retardadora. Nesse sentido, os usos como MD de *[vamos ver]* e *[deixa eu ver]* se firmam como sinalizadores pragmáticos do monitoramento local do texto falado e das relações interlocutivas responsáveis pela co-produção dinâmica do texto.

- ***[vI+ver]* basicamente orientador da interação**

Por fim, tendo em vista que os grupos aqui apresentados têm características mais ou menos marcantes, o contato com os dados dos *corpora* permitiu a identificação de duas ocorrências particularmente marcadas por traços típicos dos MD basicamente orientadores da interação. É o que se exemplifica com as ocorrências (203) e (204).

(203) Inf.: porque a Gaviões mesmo falava... que queria tirá(r) o::... presidente do Corinthians o Alberto Dualib... [Doc.: uhm] eu também queria que ele saísse ²[uma boa]
Doc.: (²[toda] mas a) Gaviões é contra ele
Inf.: não... não ... então... **vai ven(d)o...** eu... eu... penso isso daí né?...

[AC-053-RO; L.354]

(204) Doc.: caprichado aquele lanche que eles dão lá
Inf.: nossa muito bom muito bom... teve:: **qué(r) vê(r)?** teve:: prime(i)ro o almoço tinha... acho que era::... carne de panela com mandio::ca...

[AC-023-NE; L.133]

Em (203), o que se tem é um estabelecimento de contato com o interlocutor claramente marcado pelo uso de *[vai vendo]*, de modo a chamar a atenção do interlocutor para o que se enuncia a seguir.



Figura 29: Construção *[ir+ver]* atuante na orientação da interação

Por ser um MD de origem verbal injutiva, há um envolvimento direto do interlocutor na produção do discurso. Desse modo, o uso de *[vai vendo]*, em (203), consiste em uma sinalização do locutor de modo a estabelecer contato com o seu interlocutor e manter sua atenção ao que será anunciado. Quanto à função textual, nota-se que ela ocorre com pouca força, pois a construção não é usada com a intenção principal de dar sequência à produção do enunciado, mas sim de estabelecer contato com o interlocutor para então dar sequência a essa produção. Nesse uso, portanto, a função de orientação da interação sobrepõe-se consideravelmente à função de sequenciação textual.

Em (204), da mesma forma, o locutor envolve o seu interlocutor por meio do uso de *[quer ver?]*, aqui categorizado, conforme Urbano (2006, p. 526), como um fático de natureza e entonação interrogativa, usado depois de enunciado declarativo.

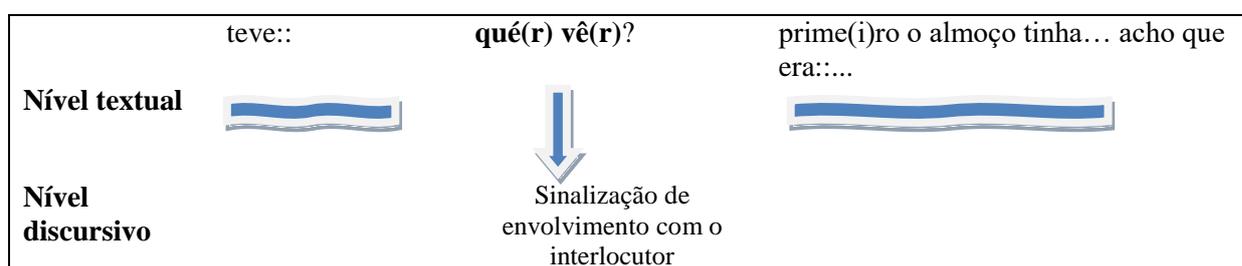


Figura 30: Construção *[querer+ver]* atuante na orientação da interação

O uso interrogativo de *[quer ver?]* dá, falsamente, ao interlocutor a possibilidade de expressar seu desejo de *querer ou não* que o locutor prossiga com seu discurso. Essa é uma estratégia de envolvimento o interlocutor, de modo a manter sua atenção para a enunciação do discurso.

É particular a esses usos de *[vai vendo]* e *[quer ver]* o envolvimento do interlocutor na produção do discurso, dada a natureza imperativa do primeiro e interrogativa do segundo, usos, portanto, fortemente marcados pela função de orientação da interação. Com base nessas observações, a representação da forma superficial dessas construções, no que diz respeito ao significado, se dá no nível pragmático, como mostra a figura 31.

Prag.:	contato com o interlocutor
Sint.:	[vI+ver]
vI = <i>ir, querer</i>	

Figura 31: Construção [vI+ver] como MD basicamente orientador da interação

A apresentação da forma superficial da construção deixa evidente uma relação direta entre forma e significado, pois os verbos *ir* e *querer* compõem com o verbo *ver* uma única expressão com valor discursivo.

E para resumir a descrição do funcionamento desses usos discursivos das construções [vI+ver], elas podem tanto articular porções de texto como estabelecer relações interpessoais. Entretanto, as particularidades dos grupos apresentados não são exclusivas e nem excludentes; diferentemente, estão relacionadas, e evidenciam um rompimento de fronteiras entre categorias. Nesse sentido, quando as construções [vI+ver] assumem caráter mais fortemente interacional, seu papel de articulador tópico torna-se mais discreto, e, ao contrário, quando se mostram basicamente articuladoras de tópico, seu traço de orientador da interação é atenuado.

Tendo em vista essas considerações e a verificação assertiva da manifestação dos traços básicos definidores dos MD (combinados com as funções de sequenciação tópica e orientação da interação), propomos no quadro 11, a seguir, a categorização – sem fronteiras estanques – dos usos discursivos de [vI+ver] encontrados nos *corpora* de pesquisa.

Função	MD basicamente sequenciador tópico e secundariamente orientador da interação	MD basicamente orientador da interação e secundariamente sequenciador tópico	MD basicamente orientador da interação
Exemplos	<i>Vou ver</i> <i>Vamos ver</i>	<i>Vamos ver</i> <i>Deixa eu ver</i>	<i>Vai vendo</i> <i>Quer ver</i>
Posição	Final de turno	Início ou meio de turno, seguido de pausa	Meio de turno, seguido de pausa, com força injuntiva ou interrogativa
Função	1ª: Sequenciador tópico: finaliza tópico discursivo; 2ª: Marcador modal epistêmico.	1ª: Retardador de resposta 2ª: Sequenciador tópico: dá sequência ao desenvolvimento do tópico.	Sinalizador de contato interlocutivo.

Quadro 11: Organização dos usos de [vI+ver] com valor discursivo

De forma geral e esquemática, as construções $[vI+ver]$ atuantes como MD podem ser representadas na figura 31.

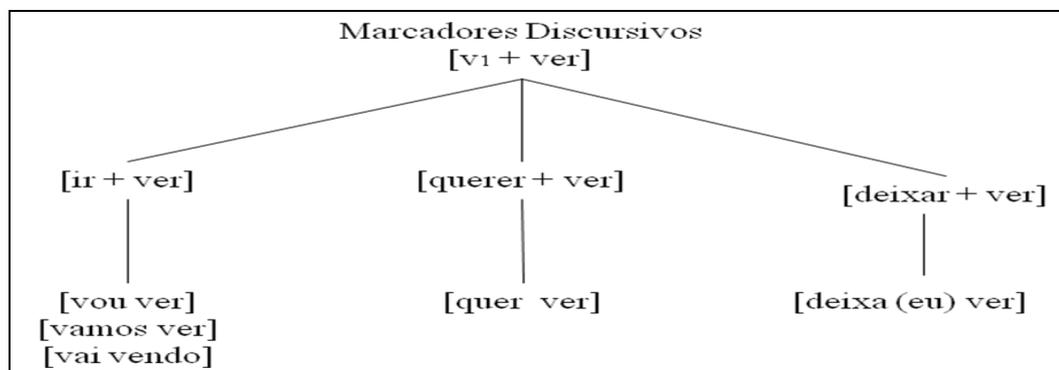


Figura 32: Esquemática das construções $[vI+ver]$ com valor discursivo

É notável que na representação das construções em rede não há a especificação das funções exercidas pelos MD, mas sim uma generalização feita a partir dos verbos que instanciam as construções. Assim, no nível mais alto e abstrato está o nó $[vI+ver]$ que dá origem às construções $[ir+ver]$, $[querer+ver]$ e $[deixar+ver]$, as quais instanciam microconstruções como $[vou ver]$, $[vamos ver]$, $[vai vendo]$, $[quer ver]$ e $[deixa (eu)ver]$. Com base nessas observações, as construções $[vI+ver]$ com valor discursivo podem ser organizadas em níveis hierárquicos como está a seguir.

Nível	Representação
Macroconstrução	CONSTRUÇÃO MD
Mesoconstrução	$[vI+ver]_{MD}$
Microconstruções	$[ir+ver]$, $[deixar+ver]$, $[querer+ver]$
Construto	<i>vou ver, vamos ver, vai vendo, deixa eu ver, quer ver?</i>

Quadro 12: Níveis hierárquicos das construções $[vI+ver]$ com valor discursivo

Norteados pelas representações, podemos observar que a construção $[vI+ver]$ com valor discursivo é parcialmente esquemática, pois tem uma subparte (*ver*) já específica em seu nível mais alto de abstratização (a mesoconstrução) e outra, representada por *vI*, que permite pouca variabilidade de itens (*ir*, *deixar* e *querer*), constitutivos três nós, representados pelas

construções *[ir+ver]*, *[querer+ver]* e *[deixar+ver]*, que podem se realizar na forma de cinco construtos diferentes. Assim, podemos dizer que a construção *[vI+ver]* com valor discursivo também é parcialmente esquemática, tendendo quase a um idiomatismo.

4.5. Graus de (inter)subjetividade de *[vI+ver]* marcador discursivo

A análise dos graus de (inter)subjetividade das construções *[vI+ver]* com valor discursivo busca verificar em que medida o contexto de uso favorece uma leitura mais ou menos subjetiva dessas construções. A própria interação verbal implica, por sua natureza, subjetividade e intersubjetividade, uma vez que o “eu” é constituído em parte por conceituar o outro membro da comunicação (você) (BENVENISTE, 1958). Também verificamos em que medida a forma e a função das construções analisadas interferem nos graus de (inter)subjetividade.

Para Traugott (2010), a manifestação da (inter)subjetividade na língua pode se dar de forma gradual, conforme o grau de envolvimento dos interlocutores. Nesse sentido, quando expressa a atitude e crença do falante, maior o grau de subjetividade, e, quanto maior a preocupação do locutor com sua autoimagem perante o ouvinte, maior o grau de intersubjetividade.

Ainda que se considere a proposta de Traugott (2010), um problema que se coloca é como mensurar o grau de (inter)subjetividade das construções *[vI+ver]*, ou seja, quais parâmetros podem ser usados como indicadores de usos [+ (inter)subjetivo] ou [- (inter)subjetivo]. A forma que encontramos para analisar e, de algum modo, identificar graus de (inter)subjetividade dos usos discursivos, foi relacionar os graus de intersubjetividade e as funções que essas construções podem desempenhar na dinâmica do texto: (i) MD basicamente sequenciadores de tópico e secundariamente orientadores da interação; (ii) MD basicamente orientadores da interação e secundariamente sequenciadores tópico; e (iii) MD basicamente

orientadores da interação. Partindo dessa forma de ver a questão analisamos a seguir as construções *[vI+ver]* com valor discursivo.

(i) Usos [-intersubjetivos]

- (205) Cláudio: já sabia, sua boba. Fiz o termo de transferência. Belo presente! conto com o seu voto na próxima assembléia.
Marta: **vamos ver**.
Dona Marta: esse menino vai longe. ainda será o presidente da Sta. Marta.
[CP2, 1950 – 2000, literatura romanesca]
- (206) A MOÇA (levantando-se) Bem, eu gostei muito de conhecer vocês.
HAPPY Volte logo.
A MOÇA **Vou ver**.
HAPPY Não veja, meu bem, volte no duro. (A moça sai. Stanley a segue, balançando a cabeça com grande admiração) Mas não é uma vergonha? Uma moça bonita dessas? Por isso é que eu não quero me casar. Você não encontra uma moça decente em mil. Nova York está cheia delas, menino!
[A morte do Caixeiro Viajante, *corpus* de tradução]

Nesses dois usos de MD basicamente sequenciadores tópico e secundariamente orientadores da interação, observa-se que não há a expressão de intersubjetividade se considerada a função de encerramento de tópico, que tanto *vamos ver*, em (205), quanto *vou ver*, em (206), exercem. No entanto, se considerada a função secundária, de orientação da interação exercida por esses MD, pode-se afirmar que há a expressão de certo grau de (inter)subjetividade à medida em que o falante coloca as atividades anunciadas no campo da possibilidade e não se comprometem com uma resposta segura.

(ii) Usos [+/- intersubjetivos]

- (207) então pega esse acesso pra Guapiaçu chegando... éh::... chegando em Guapiaçu pelo acesso **vamo(s) vê(r)**... éh::... éh:: se/... esse acesso vai caí(r) numa avenida... você pode seguí(r) pela avenida a-té o fim dela quando ela termina/ quando ela termina cê::...
[AC-083-RP; L.304]
- (208) mas tem muita banda BOA lá fora também... (inint.)... atualmente assim **de(i)xa eu vê(r)**... ah... tem o... éh eu acho legal... *The Strokes* eu acho muito bom assim.
[AC-043-RO; L.170]

Em (207) e (208) estão exemplificações de usos de construções *[vi+ver]* atuantes como MD basicamente orientadores da interação e secundariamente sequenciadores tópicos. Por serem basicamente orientadores da interação, é de se esperar que *[vamos ver]* e *[deixa eu ver]* apresentem valor intersubjetivo, o que se confirma, uma vez que nas duas ocorrências a construção expressa preocupação do falante em transmitir uma informação com certo grau de precisão ao seu interlocutor, ao mesmo tempo que é usada para manutenção do turno conversacional.

(iii) Usos [+ intersubjetivos]

- (209) Inf.: porque a Gaviões mesmo falava... que queria tirá(r) o::... presidente do Corinthians o Alberto Dualib... [Doc.: uhm] eu também queria que ele saísse ²[uma boa]
 Doc.: (²[toda] mas a) Gaviões é contra ele
 Inf.: não... não ... então... **vai ven(d)o**... eu... eu... penso isso daí né?...
 [AC-053-RO; L.354]
- (210) Doc.: caprichado aquele lanche que eles dão lá
 Inf.: nossa muito bom muito bom... teve:: **qué(r) vê(r)?** teve:: prime(i)ro o almoço tinha... acho que era::... carne de panela com mandio::ca...
 [AC-023-NE; L. 33]

Os usos das construções *[x+ver]* com maior grau de intersubjetividade são os genuinamente orientadores da interação, cuja função é estabelecer contato com o interlocutor durante a produção do discurso. Assim, em (209), por meio da forma injuntiva, o falante orienta seu interlocutor a prestar atenção no discurso; e, em (210), usa a construção de modo a chamar a atenção do interlocutor para o que se anuncia. Ou seja, nesses usos a construção assume função inteiramente voltada para a interação e por isso tem alto valor intersubjetivo.

Com finalidade de estabelecer conclusão parcial sobre as características das construções *[vi+ver]* com valor discursivo, apresentamos o quadro 13, onde se resumem suas

características básicas relacionadas aos graus de (inter)subjetividade que elas podem manifestar.

Tipo	Mesoconstrução	Microconstrução
	<i>[v1+ver]MD</i>	<i>[ir+ver]</i> , <i>[deixar+ver]</i> , <i>[querer+ver]</i>
Propriedades de forma	<ul style="list-style-type: none"> <i>v1</i> pode ocorrer no presente do indicativo ou no imperativo, com primeira ou segunda pessoa singular/plural; <i>ver</i> ocorre no infinitivo ou no gerúndio; a construção pode ou não ter sujeito exposto e apresentar força ilocucionária declarativa, imperativa ou interrogativa. 	<ul style="list-style-type: none"> <i>[ir+ver]</i>: <i>ir</i> no presente do indicativo, primeira pessoa do singular/plural ou segunda pessoa do imperativo, sem sujeito exposto; <i>ver</i> no infinitivo ou no gerúndio; <i>[querer+ver]</i>: interrogativa, com <i>querer</i> no presente do indicativo, segunda pessoa do singular, sem sujeito exposto; <i>ver</i> no infinitivo; <i>[deixar+ver]</i>: <i>deixar</i> no imperativo, segunda pessoa, sem sujeito exposto; <i>ver</i> no infinitivo.
	Impossibilidade de material interveniente na construção.	Impossibilidade de material interveniente na construção
	Restrição à presença de negação.	Restrição à presença de negação.
	Perda de estrutura argumental, com independência sintática.	Perda de estrutura argumental, com independência sintática.
	Rebaixamento de tessitura e tom interrogativo.	<ul style="list-style-type: none"> <i>[ir+ver]</i>: rebaixamento de tessitura; <i>[querer+ver]</i>: tom interrogativo; <i>[deixar+ver]</i>: rebaixamento de tessitura.
Propriedades de função	MD com traços [+/- sequenciador tópico, +/- orientador da interação]	<ul style="list-style-type: none"> <i>[ir+ver]</i>: fechamento de tópico ou de turno [+textual; -interacional]; <i>[ir+ver]</i> e <i>[deixar+ver]</i>: preenchimento de pausa [-textual; +interacional]; <i>[querer+ver]</i>: engajamento do interlocutor [+interacional].
Grau de composicionalidade	Não composicional, valor construcional.	Não composicional, valor construcional.
Grau de esquematicidade	Intermediário por instanciar três tipos de construções, no nível da microconstrução.	Intermediário.
Grau de produtividade	Intermediário, com <i>slot</i> parcialmente variável em <i>x</i> e fechado em <i>ver</i> .	Intermediário.
Grau de (inter)subjetividade	[+/- (inter)subjetivo]	<ul style="list-style-type: none"> <i>[ir+ver]</i>: [-intersubjetivo] <i>[ir+ver]</i>; <i>[deixar+ver]</i>: [+/-intersubjetivo] <i>[querer+ver]</i>: [+intersubjetivo]

Quadro 13: Resumo das propriedades de forma e de significado de *[v1+ver]* como MD

4.6. Mudança construcional, construcionalização e (inter)subjativização

Com base na caracterização dos usos das construções *[vi+ver]* encontrados nos *corpora* de pesquisa, nesta seção relacionamos propriedades de forma e de função dos padrões construcionais identificados. Assim, sob perspectiva sincrônica, ainda que sem comprovação diacrônica, buscamos evidências para confirmação da hipótese de que as construções *[vi+ver]* com valor discursivo seriam resultado de uma série de micropassos de mudanças construcionais que levaram à formação de um novo pareamento de forma e função. Consoante isso, especialmente para as construções atuantes como MD, analisamos em que medida as mudanças no plano da forma e/ou do significado proporcionam ganho de valor (inter)subjetivo.

Para a identificação de traços de herança, propomos o quadro 14, dado na sequência, em que se compilam as propriedades das construções *[vi+ver]* já resumidas em quadros específicos apresentados em forma de conclusões parciais ao final da análise de cada tipo de construção.

Padrões/ Propriedades	Construção lexical		Construção gramatical	
	Movimento com propósito	Perifrástica (TAM)	Modal	Discursiva
Macro-construção	[V _{DESLOC} +Loc+ V ₂ não-finito]	[V ₁ + V ₂ não-finito]	EPISTÊMICA	MARCADOR DISCURSIVO
Meso-construção	[V _{DESLOC} (+Loc)+ver(+Loc)]	[v ₁ + ver infinitivo]	[v ₁ +ver+(se/(que))]MOD. EPIST.	[v ₁ +ver]MD
Micro-construção	[ir (+Loc) + ver (+Loc)]	[ir+ver]TEMPO [querer+ver]VOLICÃO [deixar+ver]PERMISSÃO	[ir+ver+se] [querer+ver+se] [deixar+ver+se] [ir+ver+que] [ir+ver]	[ir+ver] [deixar+ver] [querer+ver]
Forma	Possibilidade de locativo na construção	Possibilidade de material interveniente na construção	Impossibilidade de material interveniente na construção	Impossibilidade de material interveniente na construção
	Flexão de <i>ir</i> , com sujeito expresso ou não, e verbo <i>ver</i> no infinitivo.	Flexão de <i>v₁</i> , com Sujeito expresso ou nulo, e <i>ver</i> infinitivo.	[ir+ver+se]: <i>ir</i> .Pres.Id.1P.Sg./Pl.; Suj. Exp./nulo; <i>ver</i> .inf.+ <i>se</i> . [querer+ver+se]: <i>querer</i> .Pres.Id.1P.Sg/Pl; Suj. Exp./nulo; <i>ver</i> .inf.+ <i>se</i> . [deixar+ver+se]: <i>deixar</i> .Imperat.2P.Sg.; <i>ver</i> .inf.+ <i>se</i> ; Suj.Exp./nulo. [vai+ver+(que)]: <i>ir</i> .Pres.Id.3P.Sg.(Impes.); <i>ver</i> .inf.+ <i>que/zero</i> .	[ir+ver]: <i>ir</i> .Pres.Id./Imp.1/2P.Sg./Pl.; Suj. nulo; <i>ver</i> .inf./ger. [querer+ver]: <i>querer</i> .Pres.Id., 2P.Sg; Suj.nulo; <i>ver</i> .inf.; interrog. [deixar+ver]: <i>deixar</i> .Imperat.2P.Sg. Suj.nulo; <i>ver</i> .inf.
	Possibilidade de negação de <i>ir</i>	Negação incidente sobre a construção	Restrição à presença de negação	Restrição à presença de negação
	Estrutura argumental preservada de <i>ir</i> e <i>ver</i> .	Preservação da estrutura argumental de <i>v₁</i> .	Escopo sobre conteúdo oracional.	Perda de estrutura argumental, com independência sintática.
Função	Movimento com propósito de <i>ver</i> .	Expressão de Tempo/Modalidade em <i>v₁</i> e <i>ver</i> codificando percepção visual/mental.	Modalidade epistêmica (baixo grau de certeza)	[ir+ver]: Fechamento de tópico ou turno [+textual;-interacional]; [-intersubjetivo] [ir+ver]; [deixar+ver]: Preenchimento de pausa [-textual; +interacional]; [+/-intersubjetivo] [querer+ver]: engajamento do interlocutor [+interação]; [+intersubjetivo]
Grau de composicionalidade	Alto, com manutenção dos significados lexicais de <i>ir</i> e <i>ver</i> .	Intermediário, com <i>v₁</i> (TM) e V ₂ lexical.	Baixo, com apagamento do valor lexical das partes constitutivas da construção	Não composicional, valor construcional
Grau de esquematização	Baixo, por ser microconstrução de esquema mais abstrato.	Intermediário, por se tratar de instâncias de um esquema mais abstrato, com posição parcialmente aberta em <i>v₁</i> e fechada em <i>ver</i> .	Intermediário, por constituir construção parcialmente abstratizada.	Intermediário por instanciar três tipos de construções, no nível da microconstrução.
Grau de produtividade	Baixo, por se tratar de microconstrução com <i>slots</i> preenchidos.	Intermediário, por instanciar construções perifrásticas restritas.	Intermediário, com <i>slot</i> parcialmente variável	Intermediário, com <i>slot</i> parcialmente variável em <i>v₁</i> e fechado em <i>ver</i> .
Tipos de mudança	Mudança construcional		Construcionalização	

Quadro 14: Comparação entre os usos de [v₁+ver]

As colunas foram então ordenadas seguindo a lógica [+lexical] → [+ gramatical], ou seja, quanto mais à direita as construções estiverem, maior o valor gramatical expresso por

elas. Essa forma de organizar os dados segue a lógica linguística – atestada em diversos estudos que trataram dos processos de gramaticalização – de que itens com valor gramatical geralmente têm sua origem em expressões com valor lexical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2003; GONÇALVES et al., 2007). Nesse sentido, para identificação de traços de mudança construcional, partimos do pressuposto de que ela ocorre quando há alterações **ou** na forma **ou** no significado da construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Pela forma de organização do quadro 14, as construções [*ir+ver*] de movimento com propósito são menos gramaticais e mais substantivas, pois nelas as redes argumentais dos verbos *ir* e *ver* são mantidas. As construções [*vi+ver*] com comportamento perifrástico apresentam valores gramaticais de Tempo e Modalidade, e têm a rede argumental de *ver* preservada, o que indica certa preservação do seu sentido lexical original. Em outro grupo estão as construções com valor gramatical, a Construção Modal Epistêmica e as Construção MD, sendo a primeira caracterizada pela perda gradual da estrutura argumental do verbo *ver*, passando a ter um conteúdo oracional como escopo; e a segunda caracterizada pela perda de estrutura argumental, com independência sintática.

De forma comparativa, são notáveis as diferenças construcionais, **ou** no plano da forma, **ou** no plano do significado, entre as construções de movimento com propósito e construções perifrásticas, o suficiente para afirmarmos que nesses casos apenas se delineia um possível caso de mudança construcional em que a segunda pode ter origem na primeira (FONSECA, 2010). Por outro lado, nos usos de [*vi+ver*] com valor modal e [*vi+ver*] com valor discursivo, a rede argumental de *ver* pode ser dispensada, mudança que ocorre de modo paralelo a outras mudanças no plano da forma e do significado.

Especialmente nas construções com valor discursivo também há expressão da (inter)subjetividade conforme a função desempenhada pela construção na organização do discurso. Essa constatação caracteriza forte indício de que as construções [*vi+ver*] com valor

discursivo são resultado de processo de construcionalização, pois sofreram alterações **tanto** no plano da forma, **quanto** no plano do significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), passando a constituir novos pareamentos de forma e função.

A partir da análise do quadro 14, nota-se que quanto mais gramaticalizadas, menor é o grau de composicionalidade das construções [*vi+ver*], já que as construções passam a formar um todo dotado de sentido, cujas funções não são especificadas pelos elementos que as compõem. Essa observação é importante para a argumentação de que as construções [*vi+ver*] com valor modal e discursivo seriam resultado de processo de construcionalização, pois estudos diacrônicos atestam que a mudança construcional está relacionada à redução da composicionalidade, especialmente no nível das microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Quanto ao grau de esquematicidade e de produtividade das construções, é notável que quanto maior o nível de abstratização de uma construção, maior é a possibilidade de atração de novas construções. Outra observação necessária é que, por trabalharmos com construções em que o verbo *ver* ocupa posição fixa, com apenas um *slot* variável, a possibilidade de total abstratização dessas construções é limitada, o que conseqüentemente limita sua produtividade.

No tocante à (inter)subjetividade, construções com valor discursivo apresentam valores (inter)subjetivos a depender da função que desempenham na organização do fluxo do discurso. É possível que o desenvolvimento do caráter (inter)subjetivo dessas construções seja resultado de processos das mudanças que ocorreram tanto no plano da forma, quanto no plano do significado. Nesse sentido, ao adquirir um novo valor construcional, [*vi+ver*] se especializa em funções que necessariamente envolvem negociação entre locutor e interlocutor e nesse jogo é usada como estratégia acompanhada por (inter)subjetividade, ora mais voltada para a organização do discurso, ora mais voltada para a interação.

Em suma, ainda que não se possa afirmar categoricamente que as construções *[vI+ver]* com valor discursivo são resultado de um processo diacrônico de construcionalização, a descrição sincrônica dos tipos possíveis de *[vI+ver]* deixa transparecer diferenças de forma e de função que, se relacionadas aos graus de gramaticalidade, podem ser interpretadas como mudanças construcionais que levam à formação de um novo pareamento de forma e significado, com valor (inter)subjetivo especializado na função de marcador discursivo atuante no fechamento de tópico ou de turno, no preenchimento de pausa e no engajamento do interlocutor.

CONCLUSÕES

Nesta tese analisamos as construções $[vI+ver]$ – em que vI configura-se como um *slot* que pode ser preenchido pelos verbos *ir*, *querer* e *deixar* –, motivados pela hipótese de que certos usos dessas construções seriam resultado de um processo de construcionalização, antecedido por uma série de micropassos de mudanças construcionais (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Assim, sob perspectiva sincrônica, e a partir da análise de dados reais do português brasileiro contemporâneo, retirados de *corpora* de língua escrita e língua falada, investigamos os efeitos de sentido das construções $[vI+ver]$ a partir de critérios de análise que propiciaram a identificação de quatro grupos de construções, assim identificados: *Construções de movimento com propósito*; *Construções perifrásticas*; *Construções modais*; e, *Construções marcador discursivo*. Os graus de *composicionalidade*, *esquematicidade*, *produtividade*, *gramaticalidade* e *(inter)subjetividade* de cada um desses grupos foram avaliados a fim de propormos uma trajetória de mudança e cumprirmos o objetivo central da tese, que é o de explorar a relação entre *mudança construcional*, *construcionalização* e *(inter)subjetivização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Quanto à composicionalidade, a análise das construções revelou que o sentido dos verbos que as compõem é alterado conforme a estrutura que eles assumem. Nesse sentido, a alteração da rede argumental dos verbos expressos em vI e do verbo *ver* altera o sentido da construção, o que afirma a estreita relação entre forma e significado. Em termos construcionais, quanto menos evidente o valor lexical dos verbos e mais modificada a sua rede argumental, menos composicionais são as construções $[vI+ver]$.

No tocante à esquematicidade, de modo geral, todas as construções analisadas partem de um esquema parcialmente esquemático (abstrato), já que uma das posições da construção em análise é previamente definida pelo verbo *ver*. São mais esquemáticas as construções que instanciam outras, como as construções perifrásticas, e/ou que apresentam *slots* parcialmente variáveis, como as construções com valor modal e discursivo. São menos esquemáticas as construções com *slots* preenchidos, como é o caso da construção de movimento com propósito.

A caracterização das construções com base em seus graus de produtividade mostrou que essa propriedade está diretamente relacionada à esquematicidade. Nesse sentido, quanto menos esquemática é a construção [*vI+ver*], menos produtiva ela é. Isso ocorre porque construções menos esquemáticas têm menos *slots* que permitem a variedade de elementos que podem preenchê-los, o que ocasiona a redução de sua produtividade. Por ter *slots* cujo preenchimento é limitado aos verbos *ir*, *querer*, *deixar*, a construção [*vI+ver*] é pouco ou parcialmente produtiva, a depender do seu nível de abstratização.

Da análise dessas três propriedades foi possível depreender que o grau de gramaticalidade dessas construções está diretamente relacionado com o seu grau de composicionalidade. Isso se explica porque quanto menos composicionais, menor a variação de tempo-modo e número-pessoa do verbo representado por *vI*, menor a possibilidade de material interveniente na construção e maior a restrição de negação e, conseqüentemente, mais apagado é o valor lexical dos verbos e mais gramatical é o valor das construções.

Especialmente para as construções [*vI+ver*] com valor discursivo foi avaliado o grau de (inter)subjetividade da construção conforme sua atuação na organização do tópico discursivo e na interação. Observamos que o grau de (inter)subjetividade está diretamente relacionado com a função desempenhada pela construção; assim, quanto mais voltada para o

texto, menor o grau de (inter)subjetividade, e, quanto mais voltada para a interação, maior o grau de (inter)subjetividade.

Portanto, ainda que se reconheça que a validação das hipóteses que nortearam esta pesquisa somente é possível a partir de uma análise diacrônica, esta tese aponta fortes indícios que levam à conclusão de que construções *[vI+ver]* com valor discursivo são resultado de um processo de construcionalização. A par disso, assumimos que o aumento da (inter)subjetividade das construções *[vI+ver]* com valor discursivo é resultado também de um processo de construcionalização, que provocou alterações no plano da forma e do conteúdo, conferindo a essas construções um novo valor (inter)subjetivo.

Para além do que aqui foi tratado, é relevante a observação de que as construções com o verbo *ver* – e verbos de percepção em geral – são terreno fértil para o campo de pesquisa de vertente construcional. Outras construções como *[se for ver]*²⁶ e *[foi ver]*²⁷ podem ser mote para investigações futuras. A par disso, para a validação de todas as hipóteses levantadas e discutidas nesta tese, um estudo diacrônico faz-se necessário, com base em outros *corpora* de pesquisa, que contemplem situações reais ou simuladas de fala (peças de teatro, romances, novelas, etc.) e que proporcionem a ocorrência de usos de *[vI+ver]* com valor discursivo.

²⁶ Inf.: poderia até matá(r) se **for vê(r)** [Doc.: é é verdade]...[só porque nós] tava com um colega dele o moleque morava ali perto do::/ ali perto da escola Navarro entã::o na avenida Mirassolândia tem um:: [AC-015-NE; L.55]

²⁷ depois de uma certa hora pois demorô(u) duas horas vamo(s) lá atrás vê o que está acontecen(d)o... **foi vê** eles tava... ali perto da/ sabe? da... ali no plantão [AC-079-NR; 91]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBIB, M. A. Compositionality and beyond: Embodied meaning in language and protolanguage. In HINZEN, W.; MACHERY, E.; WERNING, M. (eds.). *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford, Oxford University Press, 2012.
- AUWERA, J. van der. Linguistic Pragmatic and its Relevance to the Writing of Grammars. In: GRAUSTEIN, G.; LEITNER, G. (eds.). *Reference Grammars and Modern Linguistic Theory*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989, p. 11-32.
- BARÐDAL, J. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BEAUGRANDE, R. A. *Introduction to the study of text and discourse*. Cap. I. Wien: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1958.
- BORBA, Francisco S. (Org.) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2004.
- BREMS, L. Measure noun constructions: An instance of semantically-driven grammaticalization. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 8: 283–312, 2003.
- BRINTON, L. J. The development of I mean: Implications for the study of historical pragmatics. In: FITZMAURICE, S.; TAAVITSAINEN, I. (eds.). *Methods in Historical Pragmatics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R.D. (eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.
- CASTILHO, A.T. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAGRTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: OUP, 2007.

_____. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D.A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CULICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R. *Simpler Syntax*. New York: Oxford University Press, 2005.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. HENGEVELD, K. (ed). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

_____. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. HENGEVELD, K. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1989.

DIK, S.; HENGEVELD, K. The hierarchical structure of clause and the typology of perception-verb complements. In: *Linguistics*, p. 231-259, 1991.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, p. 343-365, 1985.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. In: *Language*, v. 64, n.03, p. 501-538, 1988.

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M.A.; BISPO, E.B.; SILVA, J.R. A Linguística funcional centrada no uso em discussão: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, p. 13-39, 2013.

GEERAGRTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: OUP, 2007.

GISBORN, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.) *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: The Oxford University Press, p. 93-104, 2011.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984, v. 1.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) *Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University, p. 15-31, 2013.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S.C.L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUSA, G. C. de; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In.: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 2. Classe de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. p. 1021-1084.

GONÇALVES, S.C.L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1994.

HASPELMATH, M. Parametric versus functional explanation of syntactic universals. In: BIBERAUER, T. (ed). *The Limits of Syntactic Variation*, 75–107. Amsterdam: Benjamins, 2008.

HENGEVELD, K. The hierarchical structure of utterances. In: BOLKESTEIN, A. M. et al. (eds.) *Layers and Levels of Representation in Language Theory*. Amsterdam: Benjamins, 1990.

_____. Layers and operators in functional Grammar. In: *Jornaul of Linguistics*, v. 25, p. 127, 157, 1989.

_____. Illocution, mood and modality in a functional grammar o Spanish. In: *Jornaul of Semantics*, v.6, p. 227-269, 1988.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*, v. 22, n.1, p. 1-23, 2011.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUDSON, R. A. *Language Networks: The New Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007a.

_____. Word Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007b.

_____. *English Word Grammar*. Oxford: Blackwell, 1990.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 89-132, 2006.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford University Press, 2008.

_____. Cognitive Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, p. 421-462, 2007.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*. vol. 1, Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*. vol. 2, Descriptive application. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1989.

NEVES, M. H. M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*. v. 6. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, p.163-99, 1996.

NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, p. 543-565, 2007.

OLBERTZ, H. *Verbal periphrases in a functional grammar of Spanish*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

OLIVEIRA, M, R. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. (org) *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012

_____. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.42, n.1, p. 142-162. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/EL-42_vol1_148_162_MR_Oliveira.pdf>; Acesso em: 22/07/2013.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos marcadores discursivos. *Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 1296-1301, 2005.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 1. Construção do texto falado. Campinas: Unicamp, p. 427-496, 2006.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 403-425, 2006.

SOUSA, F. C.; DIAS, N.B. *A construção completiva com o verbo querer*. In: *Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras*. Juiz de Fora v.18, nº1, p.136-256, 2014.

SOUSA, G. C. Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. Disponível em: <http://www.revel.inf.br>. Acesso em: 02 jan. 2018.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. *et al.* (org.) *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.) *Variation, Selection, Development- -Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 219-250, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

_____. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da ABRALIN*, vol VI, n. 1, pp. 09-60, jan./jun. 2007.

TROUSDALE, G. Grammaticalization, constructions, and the grammaticalization of constructions. In: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (eds.) *Grammaticalization and Language Change: New Reflections*. Amsterdam: Benjamins, 2012a.

_____. Theory and data in diachronic Construction Grammar: The case of the what with construction. In: GISBORNE, N.; HOLLMANN, W. (eds.) *Special Issue on Theory and Data in Cognitive Linguistics, Studies in Language*, 2012b.

_____. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: TROUSDALE, G. GISBORNE, N. (eds.) *Constructional Approaches to English Grammar* [Topics in English Linguistics 57]. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008a.

_____. A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: Evidence from possessive constructions. *Word Structure*, v.1: 156–177, 2008b.

_____. Words and constructions in grammaticalization: The end of the English impersonal construction. In: FITZMAURICE, S.; MINKOVA, D. (eds.), *Studies in the History of the English Language IV: Empirical and Analytical Advances in the Study of English Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008c.

TUGGY, D. Schematicity. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 82–116, 2007.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.1: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 497-527, 2006.

VENDRAME, V. *Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

VIBERG, A. The verbs of perception: a typological study. In: BUTTERWORTH, B.; COMRIE, B.; DAHL, O. (ed.). *Explanations for Language Universals*. Berlin: Mouton de Gruyter, p.123-162, 1984.